



AMÓS OZ
RIMAS
DA VIDA
E DA
MORTE

COMPANHIA DAS LETRAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AMÓS OZ

Rimas da vida e da morte

*Tradução do hebraico,
glossário e notas*
Paulo Geiger



E estas são as principais perguntas: por que você escreve. Por que você escreve exatamente dessa maneira. Se você quer influenciar seus leitores. E se quer — em que sentido tenta influenciá-los. Que função exercem suas histórias. Se você apaga e corrige o tempo todo ou deixa o texto fluir direto de sua inspiração. Como é ser um escritor famoso e como isso afeta a sua família. Por que você descreve quase que somente os lados negativos das coisas. Qual a sua opinião sobre outros escritores, quem influenciou você e quem você não suporta. Aliás, como você define a si mesmo? Como responde àqueles que o atacam, e como se sente quanto a isso? Como esses ataques mexem com você? Você escreve à caneta ou usa um teclado? E quanto você ganha mais ou menos com cada livro? Você vai buscar material para suas histórias em sua imaginação ou na vida real? O que pensa a sua ex-mulher das figuras femininas em seus livros? E por que, aliás, você abandonou sua primeira mulher — e a segunda também? Você tem horas fixas para escrever ou só escreve quando a musa lhe ordena? Você é um escritor engajado, e, se é, em que causa? Suas histórias são autobiográficas ou ficcionais? E, principalmente, sendo você um artista, como é que sua vida pessoal não é tão movimentada assim? Pode-se dizer que é uma vida pessoal bem quadradinha? Ou ainda há uma porção de coisas sobre você que não sabemos? E como é que pode um escritor, um artista, trabalhar a vida inteira como contador? O quê? Isso é só um meio de ganhar a vida? E, diga, o fato de ser um contador não acaba totalmente com sua musa inspiradora? Ou você tem também uma outra vida que não quer revelar? Talvez nesta noite você concorde em nos dar pelo menos algumas dicas quanto a isso. E quem sabe poderia nos relatar, resumidamente e em suas próprias palavras, o que exatamente você quis dizer em seu último livro.

Existem respostas espertas e existem respostas evasivas. Respostas simples e diretas não existem.

Portanto o escritor irá se sentar num pequeno café a três ou quatro ruas de distância do prédio do Centro Comunitário Shunia Shor, onde se realizará o sarau literário. O espaço do café lhe parece acachapado e escuro, sufocante, por isso bem adequado a este momento. Ali ele se sentará e tentará se concentrar naquelas perguntas (no curso de sua vida ele tem chegado aos lugares meia hora ou quarenta minutos adiantado, tendo sempre de achar o que fazer até a hora marcada). Em vão tenta a cansada garçonete de saia curta e busto empinado enxugar para ele o tampo da mesa: a superfície de fórmica continua um tanto pegajosa, mesmo depois de passado o pano. Não estaria o próprio pano pouco limpo?

Enquanto isso o escritor observa as pernas da garçonete, pernas cheias e bonitas, somente os tornozelos um pouquinho grossos. Depois olha seu rosto, um rosto agradável, iluminado, as sobrancelhas se tocando e o cabelo preso e amarrado num elástico vermelho. Chega-lhe às narinas um odor de suor e de sabão, o cheiro de uma mulher cansada. Por baixo da saia desenha-se a linha de sua calcinha. Seus olhos são atraídos então para esse contorno insinuado: uma ligeira assimetria na direção da coxa esquerda parece-lhe muito excitante. Ela percebe esse olhar que apalpa suas pernas, suas coxas, seus quadris, e suspira com um ar de asco e de súplica: chega, por favor, já chega.

O escritor então afasta educadamente seu olhar, faz seu pedido de omelete e salada com um pãozinho e um copo de café, tira do maço um cigarro e o segura apagado entre os dedos da mão esquerda, na qual apoia seu rosto: um semblante cheio de espiritualidade, que não impressiona a garçonete porque ela já se havia voltado sobre os saltos rasos de seus sapatos e desaparecido atrás de uma divisória.

Enquanto espera seu prato, o escritor imagina o primeiro amor dessa garçonete (ele decide que o nome dela será Riki): quando tinha apenas dezesseis anos apaixonou-se pelo goleiro reserva do time do Bnei Iehudá, Charlie, que uma vez, num dia de chuva, apareceu em seu automóvel Lancia diante do salão de beleza no qual ela trabalhava e arrebatou-a de lá para um programa de três dias num hotel de Eilat (um tio dele era sócio-proprietário

desse hotel). Em Eilat Charlie também comprou de presente para ela um vestido de noite esplendoroso, um vestido de cantora grega, um vestido com lantejoulas prateadas e tudo, mas depois de duas semanas ele a abandonou e viajou de novo para um programa no mesmo hotel, dessa vez com a vice-Rainha da Água. E Riki, durante os oito anos e os quatro homens que passaram por ela desde então, nunca deixou de sonhar que um dia ele voltaria: ele tinha desses lances em que parecia estar com muita raiva dela, era assustador, perigoso, como se estivesse a ponto de perder o controle, e como ela se assustava!, era a morte, e de súbito, num repente, ele desanuviava e a perdoava e se alegrava com ela como uma criança, e a abraçava, e a chamava de Gogog, beijava seu pescoço, fazia-lhe um pouco de cócegas com seu hálito quente, com a maior delicadeza abria-lhe os lábios com a ponta do nariz, o que provocava no corpo dela uma onda de arrepios mornos como os do mel, e ele de repente a jogava no ar com muita força, como se ela fosse um travesseiro, e ela gritava *Imale*, mamãezinha, mas ele sempre a aparava no último momento e a abraçava, para que não caísse. Gostava de fazer-lhe cócegas com a ponta da língua, bem de leve e durante muito tempo, atrás de cada orelha e também dentro de cada orelha e um pouco na nuca, no lugar em que começam a aparecer os cabelos mais finos, até que o mel começava a se dissolver dentro dela. Charlie nunca ergueu a mão contra ela ou a ofendeu. Ele foi o primeiro que a ensinou a dançar coladinho e a usar um maiô micro, e também a deitar nua ao sol, de barriga para baixo, fechar os olhos e imaginar todo tipo de azuis, e foi o primeiro a ensinar-lhe o que uns brincos compridos com pedra verde podiam fazer ao rosto e ao pescoço dela.

Mas depois disso obrigaram-no a devolver o Lancia — e também engessaram-lhe a mão, que sofrera uma fissura — e ele foi de novo para Eilat, mas com outra garota, Lucy, que quase fora eleita Rainha da Água, e antes da viagem ele lhe disse: Olha, Gogog, eu sinto muito muito mesmo, mas tente assim mesmo me compreender, o caso é que a Lucy veio antes de você, e nós não nos separamos de verdade, só brigamos um pouquinho e aí demos um tempo, mas agora voltamos, e é isso, e Lucy pediu que lhe dissesse que não tem raiva de você, *no hard feelings*, você ainda vai ver, Gogog, que depois de algum tempo você vai aos poucos se recuperar do nosso caso e com certeza vai encontrar alguém que combina com você mais do que eu, pois na verdade você merece alguém melhor do que eu, você realmente merece o

melhor que existe. E o mais importante não é que para mim e para você, Gogog, vai ficar um do outro só um gosto bom na boca?

O vestido grego de lantejoulas Riki acabou dando de presente para uma prima e o maiô micro ela enfiou no fundo de uma gaveta, atrás dos petrechos de costura, e depois o esqueceu lá: os homens não têm como se comportar de outro modo, é a natureza deles, eles simplesmente têm essa formação ruim e pronto, mas na opinião dela as mulheres não são muito melhores, e por isso o amor é uma coisa que quase sempre de um jeito ou de outro acaba mal.

Charlie já não é, de há muito tempo, do time do Bnei Iehudá. Ele agora tem uma família e três filhos e é dono de uma empresa em Holon que fabrica aquecedores solares e dizem que até os exporta em grande quantidade para os territórios ocupados e para Chipre. E a tal Lucy? Com aquelas suas pernas magras? Queria saber o que lhe aconteceu depois. Charlie também a teria jogado fora assim, depois de usar? Se eu soubesse seu endereço ou seu telefone, e se tivesse coragem, eu a procuraria. Para tomarmos um café. Para conversarmos. Quem sabe não nos tornaríamos amigas? O estranho é que agora não me importo nada com ele, mas com ela sim, um pouco. Nele eu não penso mais, nem mesmo com desprezo, mas nela eu penso às vezes: pois talvez agora ela tenha ficado um pouco como eu. Será que na cama ele também a chamava de Gogog? Ficava rindo e fazendo aquilo entre os lábios dela, indo e vindo com a ponta do nariz? Devagarinho, delicadamente, ia descobrindo junto com ela, junto com a mão dela, como era o seu corpo? Se conseguisse encontrá-la talvez falássemos sobre isso, e aos poucos nos tornaríamos amigas.

Entre uma mulher e um homem, amizade é uma coisa impossível: se há entre eles eletricidade já não poderá haver amizade. E se não há entre eles eletricidade, então não poderá haver mais nada. Mas entre garotas, sobretudo entre duas garotas que já tiveram dos homens uma dose suficiente de sofrimento e de decepções, e talvez mais ainda exatamente entre duas garotas que sofreram ambas com o mesmo cara... Quem sabe eu não devia mesmo tentar encontrar uma vez essa Lucy?

A uma mesa ao lado sentam-se sem muita pressa dois homens, ambos com

cerca de cinquenta anos. O de maior presença é corpulento, enérgico e totalmente calvo. Lembra um desses paus-mandados de facínoras em filmes de cinema. O menor tem uma aparência desgastada, amarrotada, seus modos são agitados, seu semblante parece estar oferecendo admiração ou compaixão a todo aquele que precise de uma ou de outra. O escritor acende um cigarro e supõe que ele seja um pequeno comerciante ou talvez um distribuidor de secadores de cabelo. Decide chamar o principal de senhor Leon, e o bajulador pode ser Shlomó Chugui. Os dois conversam, aparentemente sobre o que é ter sucesso de um modo geral.

O capanga de facínoras diz:

E além disso, até que finalmente você consiga alguma coisa na vida, de qualquer maneira a vida já acabou.

O coadjuvante diz:

Você tem toda a razão, Deus me livre discordar de você, mas tem mais uma coisa. Você há de concordar comigo em que viver só para comer e beber não pode ser considerado a realização máxima do homem. De alguma maneira o indivíduo precisa ter um certo grau de espiritualidade, como é que nós, judeus, chamamos isso? *Neshamá ieterá*, uma alma extra?

Você, assevera o principal com frieza e até mesmo um leve desdém, você sempre joga palavras ao vento. Ao vento coisa nenhuma. Às nuvens. Você se explicaria melhor se em vez disso trouxesse algum exemplo da vida real.

Está bem, posso fazer isso, por que não, veja por exemplo o caso de Hazam, da firma Isratex, Ovadia Hazam, você se lembra dele, aquele que há dois anos ganhou meio milhão na loto e depois disso se divorciou, andou por aí, mudou de residência, investiu, distribuiu empréstimos sem garantias a quem viesse pedir, entrou em nosso partido e quis se eleger diretor distrital, viveu como um rei. Como um lorde. No fim arranhou um câncer no fígado e foi internado no Hospital Ichilov em estado crítico.

O senhor Leon faz uma careta e diz com ar entediado:

Claro. Ovadia Hazam. Eu estive no casamento do filho dele. Por acaso, eu, particularmente, conheço muito bem a história de Ovadia Hazam, ele esbanjava dinheiro sem a menor consciência, tanto para a caridade quanto para seu divertimento, rodava o dia inteiro pela cidade em seu Buick azul com aquelas louras russas e estava sempre atrás de investidores de todo tipo, empreendedores, avalistas, fontes de financiamento, sócios. Coitado. Mas e daí? Neste nosso assunto é melhor você deixá-lo de lado: ele não lhe serve de

exemplo para nada. Câncer, meu caro, não vem de maus costumes. Câncer, os cientistas hoje já determinaram que vem ou de sujeira ou dos nervos.

O escritor deixa em seu prato quase metade da omelete. Toma dois ou três goles do café e nele sente um gosto de cebola queimada e de manteiga de fritura tostada. Ele olha o relógio. Paga a Riki e agradece com um sorriso pelo troco, que deixa para ela escondido sob o pires do café. Cuida agora de não cravar os olhos nela, e mesmo assim, quando ela se afasta, desliza um olhar de despedida muito detalhado no declive de suas costas e de suas coxas; a linha esquerda da calcinha, através da fazenda de sua saia, delineia-se um pouco mais alta que a direita. É difícil afastar os olhos. Finalmente ele se levanta e começa a sair, mas muda de ideia e desce dois degraus para um banheiro sem janelas: uma lâmpada queimada, reboco descascando e o fedor de urina antiga no escuro lembram-no de que na verdade ele não está preparado para o encontro e para responder às perguntas de seu público de leitores.

Ao voltar do banheiro ele vê que o senhor Leon e Shlomó Chugui aproximaram suas cadeiras, e agora, ombro com ombro, estão debruçados sobre uma caderneta ou um bloco, o homem agressivo a percorrer devagar com seu grosso polegar as linhas lá escritas, enquanto fala baixinho e com firmeza, e move a cabeça negativamente, da direita para a esquerda, por vezes seguidas, como se estivesse descartando algo de uma vez por todas e com muita determinação — Isso é inaceitável, inimaginável! — enquanto seu obediente sócio acena com a cabeça repetidamente, concordando.

Ao sair para a rua o escritor acende de novo um cigarro. Nove e vinte. É uma noite quente, pegajosa, sobre as ruas e os pátios pesa um ar denso, carregado de fuligem e vapores de combustível queimado. O escritor pensa que coisa terrível deve ser, numa noite sufocante como esta, estar internado em estado crítico no Hospital Ichilov, espetado de agulhas e conectado a alguns tubos, entre lençóis suados, ouvindo o som asmático dos aparelhos de respiração. O escritor imagina que Ovadia Hazam, até contrair a doença, sempre fora um homem ágil, em movimentação constante, uma hora aqui outra ali, um corpo pesado mas de movimentos leves, quase dançarino,

acostumado a rodar por toda a cidade em seu Buick azul, sempre cercado de ajudantes, de amigos, de conselheiros gratuitos, de mulheres jovens, de investidores e de lobistas e de futuros homens bem-sucedidos, de muitas pessoas cheias de ideias e de iniciativas, de gente a pedir favores e caridade, e de todo tipo de intrometidos. Costumava, a cada dia, dar tapinhas carinhosos em todo ombro que encontrava, abraçar homens e mulheres e estreitá-los com toda a força contra seu largo peito, lançar um punho amigável contra as costelas de seu interlocutor, jurar que era tudo verdade, manifestar espanto, explodir numa gargalhada sonora, repreender e dar provas e brincar, dizer “estou totalmente pasmo”, gritar “pode esquecer isso, cara”, citar versículos da Torá e às vezes inundar-se e transbordar de uma onda de sentimentos de ternura e então começar, sem aviso prévio, a cobrir mulheres e homens com muitos beijos e calorosos afagos, quase se ajoelhando, de repente deixa rolar uma lágrima, solta um risinho embaraçado e de novo beija afaga abraça e lacrimeja, faz uma reverência profunda, jura não esquecer jamais, e já se apressa em correr adiante, ofegante, sorridente, acenando em despedida a mão aberta e larga, as chaves do Buick sempre enroladas em torno de um de seus dedos.

Sob a janela do quarto dos doentes terminais para onde fora levado Ovadia Hazam, durante toda essa noite as sirenes das ambulâncias e o cheiro dos freios queimados cortam o ar, ouvem-se os bestiais brados de regozijo dos locutores de propaganda no rádio que berra com toda a força no escritório da estação de táxis na entrada do hospital. Os pulmões aspiram a cada respiração uma mistura turva de mofo e um denso cheiro de urina, de tranquilizantes, de restos de comida, de suor, *sprays*, vapores de cloro e remédios e ataduras sujas, e os fedores de excremento, salada de beterraba e lisol. Em vão foram amplamente abertas todas as janelas na velha casa de cultura agora chamada “Centro Comunitário em Nome de Shunia Shor e dos Sete Mortos da Pedreira”; o ar-condicionado está quebrado e o ar viciado é espesso e sufocante. O público está banhado em suor. Alguns encontram pessoas conhecidas e se detêm, em pé, nos corredores. Outros estão sentados nas cadeiras duras, os mais jovens em bancos distantes da mesa dos palestrantes; os veteranos ocuparam lugares nas primeiras filas, suas roupas grudadas ao corpo, cada um com o cheiro de seu corpo e o de seus vizinhos naquele ar

carregado. Lá fora, a três ou quatro ruas de distância, sobe e desce o som da sirene das ambulâncias e dos carros do corpo de bombeiros, um uivo de tragédia que gradativamente se desvanece, não como que se afastando, mas como que perdendo as forças. A seguir a rua é cortada pelos intermitentes gemidos de alerta de algum carro estacionado que de repente foi acometido pelo pavor de ser abandonado na escuridão. Será que o escritor trará esta noite alguma ideia nova? Será que poderá nos explicar como chegamos a essa nossa situação, ou o que temos de fazer para mudá-la? Será que ele enxerga algo que ainda não enxergamos?

Alguns trouxeram consigo para a casa de cultura o livro que será debatido esta noite, e por enquanto o utilizam — ou ao jornal *Davar* — como abano. Já passou um pouco da hora e nem sinal do escritor. No programa constam palavras de abertura, uma palestra de um especialista em questões literárias, a leitura de pequenos trechos do livro novo, o pronunciamento do escritor, perguntas e respostas, conclusão e encerramento. A entrada é livre, e esse escritor já desperta algum interesse.

E finalmente ele chega.

Há vinte minutos já o espera do lado de fora, ao pé da escada, o *tarbutnik* local, um homem simpático e animado, corado, rechonchudo, cujo rosto lembra uma maçã madura que ficou tempo demais no cesto de frutas e começou a murchar, com bochechas irrigadas por veiazinhas azuis de aspecto doentio, mas cuja alma, como tem sido ano após ano, ainda é uma mangueira a lançar em todas as direções jatos de entusiasmo comunitário. No entanto, uma certa aura meio azeda de cheiro de corpo envolve esse *tarbutnik* e dele exala até a distância de um aperto de mão. Sem demora ele começa a estabelecer com o escritor trinta anos mais moço que ele uma relação de ruidosa amizade, que se mistura com um jovial apreço, uma espécie de intimidade entre dois guerrilheiros veteranos, já que você e eu, cada um no campo de batalha que lhe coube, lutamos ambos sem esmorecimento pela glorificação dos valores da cultura e das ideias e pela consolidação das fortificações do espírito. Exatamente por isso podemos nos permitir aqui entre nós, nos bastidores, dois ou três minutos de amenidades, antes de, como é esperado, assumirmos um ar sério para entrarmos na sala e nos sentarmos à mesa dos palestrantes.

E então, e então, e então, seja bem-vindo, meu jovem amigo, seja bem-vindo, já o esperávamos aqui como se espera um noivo, ha-ha, você, como dizer, atrasou-se um pouco. O quê? Detiveram você no café? Nu, não faz mal, todos atrasam aqui. Você talvez já tenha ouvido aquela conhecida anedota do *mohel* que se atrasou para a circuncisão. Não? Vou-lhe contar. Ou melhor, contarei depois — é um pouco longa essa história, que aliás também é mencionada em Druianov, você conhece Druianov? Não? Como é que pode! Você é um escritor em Israel! Druianov, do *Sefer Habdichá Vehachidud* [*Livro da anedota e do chiste*]! É que o *Livro da anedota e do chiste* é uma mina de ouro para todo escritor judeu! Bem, está certo, não faz mal. Vamos, que lá dentro já estão todos sentados e impacientes à nossa espera. Sobre Druianov vamos conversar depois. Agora realmente temos de ir. Só não se esqueça de me lembrar que tenho certas ideias quanto à diferença básica, nesse contexto, entre *anedota* e *chiste*. Depois, então. Fica para depois. É que você atrasou um pouco, meu caro, mas tudo bem, tudo bem, não faz mal, só que nós aqui já começávamos a temer que as musas, ha-ha, o haviam feito esquecer totalmente de nós. Mas desistir, isso não! Não e não, meu caro amigo! Somos famosos por nossa perseverança!

O escritor, por sua vez, desculpa-se pelo atraso e balbucia um pequeno gracejo: vocês poderiam ter começado sem mim. Ha-ha-ha, sem você! Essa é boa! O velho *tarbutnik* muge um riso compacto e o cheiro de seu corpo, um cheiro de fruta passada, como que se propaga em ondas com seu riso. Ora, por favor, me perdoe, você mesmo também poderia começar sem nós, em algum outro lugar! Aliás (enquanto ambos, ofegantes, sobem os degraus), o que você acha que essas raposas americanas vão conseguir obter de seus queridos árabes? Será que conseguem finalmente um pouco de paz para nós? Pelo menos por um ou dois anos? Não?

E logo ele mesmo responde a essa pergunta:

Não vão conseguir coisa alguma. Só vão nos trazer novos problemas. Como se os antigos não bastassem. Suco de laranja? Limonada? Ou um refrigerante com gás? Não! Nada de hesitação, não vale a pena. Olha, já resolvi por você, e pronto, ha-ha, para que você, de sua parte, nos proporcione uma noite efervescente!

Então beba, beba com calma, e logo vamos investir sobre o nosso público, que — em minha modesta opinião — está precisando muito de uma boa sacudida e até de umas duas ou três pequenas provocações. E você, meu caro,

não tenha pena deles! Então, se você acabou de beber, subamos, por favor, ao palco. Eles já devem estar um pouco irritados conosco!

E assim caminham os dois nos bastidores, o escritor e o velho *tarbutnik*, um atrás do outro em direção à parte frontal do palco, sérios, compenetrados, como um destacamento de penhoradores de bens. Um murmúrio de cochichos percorre brevemente a plateia, talvez por estar o escritor vestindo uma blusa de verão, calças cáqui e sandálias; decididamente não tem jeito de artista, mais parece um *kibutznik* que foi enviado à cidade para organizar uma manifestação em favor da paz, ou talvez um oficial da reserva em roupas civis. Dizem que pessoalmente ele até que é bem simples no aspecto humano, digamos assim, isto é, uma pessoa como outra qualquer, e veja como suas histórias são complicadas. Com certeza sua infância não foi das mais fáceis. Seria muito interessante saber como é o relacionamento dele com as mulheres. A julgar pelos livros, não é dos mais tranquilos. Dizem que é divorciado. Não? Até duas vezes divorciado? Dá para notar nas histórias: não há fumaça sem fogo. O que se nota sim, nas fotos ele é completamente diferente. Envelheceu um pouco, esse rapaz. Quantos anos deve ter? Algo como uns quarenta e cinco, não? No máximo quarenta e cinco. Quer saber a verdade? Eu estava certa, convencida mesmo de que ele era muito mais alto.

Ao escritor é dado o lugar no centro, entre a leitora artística e o crítico literário. Apertam mãos. Acenam cabeças afirmativamente. Ruchale Reznik recolhe muito apressadamente seus dedos da mão dele, como se os tivesse queimado. O escritor percebe e registra em sua memória que o fino pescoço dela, por culpa daquele aperto de mão, fica ainda mais corado do que suas faces.

O *tarbutnik* levanta-se pesadamente de sua cadeira, testa o microfone de um e de outro jeito, começa, pigarreia, deseja uma boa noite ao público variado e representativo de várias gerações que se reuniu aqui esta noite, desculpa-se pelo enguiço do ar-condicionado, faz graça dizendo que há males que vêm para o bem, e que graças ao enguiço do ar-condicionado desta vez estaremos livres do castigo de ouvir seu zumbido azucrinante, e assim, para sorte nossa, não perderemos uma sílaba sequer!

Depois ele expõe em detalhes o programa do debate, garante que no encerramento haverá lugar para perguntas e respostas, como que um diálogo

aberto e instigante com nosso convidado, que — proclama alegremente — dispensa qualquer apresentação, mas que mesmo assim é impossível passar em branco, razão pela qual durante dez minutos ele repassa a biografia do escritor e os títulos de todos os seus livros (e nisso, por engano, atribui-lhe direitos totais de paternidade sobre um elogiado livro da autoria de outro escritor), e termina sua introdução contando para o público com incontido júbilo a gracinha dita pelo escritor ao subirem os degraus da entrada: Permitam-me revelar a vocês que nosso convidado ficou surpreso ao ouvir, ha-ha, que nós o estávamos esperando, e que não começamos o debate sem ele! Mas neste caso vale citar uma conhecida linha do veterano escritor Tsefania Beit-Halachmi, em seu livro *Rimas da vida e da morte*, que diz mais ou menos assim: *Ein kalá bli chatan, veein massá bli matan*, “Não há noiva sem seu par, e não há receber sem dar”.¹ Bem. Com sua licença, passamos agora ao nosso programa desta noite. Uma boa noite a todos vocês, e bem-vindos à reunião mensal do Círculo de Amantes do Bom Livro, no renovado Centro Comunitário em Nome de Shunia Shor e dos Mortos da Pedreira. Não será demais ressaltar com grande satisfação que o encontro do Clube do Bom Livro já se realiza ininterruptamente, mês após mês, há onze anos e meio.

Enquanto ouve, o escritor decide não sorrir. Aparenta estar pensativo, um pouco triste. Todo o público olha para ele, mas ele, como que alheio a isso, fixa o olhar no retrato de Berl Katzenelson na parede à direita da mesa dos palestrantes. Neste retrato, Berl Katzenelson tem um ar astuto e bonachão, como se exatamente naquele momento tivesse conseguido realizar algo belo e útil, mesmo que por meio de subterfúgios, aqueles métodos um tanto sinuosos que só ele conhecia. Hoje ele é um rei. Não um rei, um lorde. E assim, finalmente, com algum atraso, aflora aos lábios do escritor o ligeiro sorriso que o público esperara ver antes, quando o *tarbutnik* pronunciava suas palavras de abertura.

Neste momento o escritor tem a impressão de que em um dos cantos do salão, num assento bem afastado da mesa dos palestrantes, alguém deixou escapar um risinho dissimulado, uma espécie de deboche provocador, zombeteiro. O escritor percorre a plateia com os olhos, ao largo e ao longo do salão: nada. Ninguém parece estar zombando. Seus ouvidos o enganaram. Portanto, ele agora pousa os dois cotovelos na mesa, apoia o queixo nos

punhos, e assume um ar modesto e distante enquanto o especialista em literatura, a calva sardenta a brilhar sob as luzes do teto, traça, de pé, numa voz triunfante, comparações e paralelos entre o novo livro do escritor e os livros de alguns autores de sua geração e de gerações anteriores, descobre influências, identifica fontes de inspiração, desnuda tramas ocultas, assinala diferentes planos e níveis, localiza associações surpreendentes, mergulha ao fundo da história, onde revolve o terreno e se entrincheira, e de novo e novamente volta à superfície, respira, exhibe publicamente o tesouro que conseguiu desempoçar das profundezas, quebra códigos, e de novo mergulha e de novo volta à tona, desvenda mensagens camufladas, decifra os evidentes artifícios empregados por este escritor, como a estratégia da dupla negação, como as enganações e as armadilhas ocultas no fundamento desta obra, e daí à questão da confiabilidade e da fidelidade, que é também a questão da fonte de autoridade da narrativa, e depois chega a vez da dimensão da ironia social e do escorregadio limite entre esta e a autoironia, o que nos leva à questão dos limites da legitimidade, ao caso dos tipos de convenções, ao problema do contexto intertextual, e daí o caminho é curto para chegar ao aspecto formal, e ao aspecto pseudoarcaico, e também ao aspecto político atual. E esses aspectos latentes são legítimos? Serão eles imanentes? Eles são coerentes? Sincrônicos ou diacrônicos? Desarmônicos ou polifônicos? Finalmente o especialista levanta âncoras e navega corajosamente no mar aberto e amplo do significado, não sem antes impressionar seus ouvintes com uma ágil laçada na questão fundamental de qual é realmente o significado da palavra “significado” no que tange à criação artística em geral, à criação literária em particular e, obviamente, no que diz respeito à obra que temos diante de nós esta noite.

Em vão.

A essa altura o escritor já mergulhou de cabeça em sua artimanha de sempre: poussa as palmas de suas mãos nos dois lados da testa (gesto que aprendeu com o pai, diplomata de segundo escalão), e ao mesmo tempo para de prestar atenção e deixa o olhar vagar pelo salão, aqui e ali, para captar no público e trazer até ele um semblante amargo, ou cheio de paixão, ou infeliz, para capturar a visão de coxas cruzadas que se abrem por um momento e novamente se cruzam, para colher a visão de um topete desgrenhado de cabelos brancos, para notar um rosto concentrado e atento numa tensa expectativa, para localizar um filete de suor a escorrer e ser engolido num

profundo sulco entre dois seios. Lá longe, junto à saída de emergência, vislumbra um rosto pálido, comprido, inteligente, o rosto de um estudante de *ieshivá* que se tornou ateu e passou a ser, digamos assim, um amargo e ferrenho inimigo da ordem social vigente. E aqui, na terceira fila, uma garota bronzeada, de lindo busto, numa blusa verde sem alças, sua mão de longos dedos a tamborilar por um momento, distraidamente, em seu ombro.

É como se o escritor estivesse a lhes bater a carteira, enquanto eles mergulham no recôndito de sua obra, sob a orientação do especialista em questões literárias.

Ali, as pernas de tendões salientes bem abertas, está sentada uma mulher de rosto largo, corpulenta, que já abandonou há anos todas as dietas e esforços para emagrecer, não liga mais para essa futilidade que é a beleza, já desistiu de sua forma física e decidiu galgar esferas mais elevadas. Seu olhar não se afasta nem por um minuto do palestrante, o especialista em literatura, lábios entreabertos na doçura da vivência cultural que aqui a envolve.

Atrás dela, quase em linha reta, remexe-se nervosamente em sua cadeira, infeliz, um rapaz de uns dezesseis anos, talvez um poeta iniciante, a pele do rosto estragada pelas espinhas, cabelo preto encaracolado como se fosse palha de aço e parecendo empoeirado. Os tormentos da idade e o sufoco de seus fazeres no escuro plantaram nos lábios do rapaz um ricto quase que de choro, e através de seus óculos, de fundo de garrafa, ele, lá de suas profundezas, ama este escritor com um amor secreto e exaltado — meu sofrimento é o seu sofrimento, sua alma é a minha alma, você e só você é capaz de compreender, pois sou eu, eu mesmo, a alma que gangrena em sua solidão entre as páginas das histórias que você escreveu.

Em contraste com esse rapaz, o escritor divisa a figura irritada de um homem grande, maciço, com todo o jeito de um *sindicalista*, alguém que certamente foi há dez ou quinze anos um educador enérgico e cheio de ideais numa antiga escola em um dos bairros operários que se aburguesaram, e talvez vice-diretor (exonerado) da Secretaria Regional de Educação. Sua mandíbula é achatada, as sobrancelhas cinza-amareladas muito emaranhadas e desgrenhadas, e uma verruga escura em forma de traça fez seu ninho acima

de seu lábio superior, bem embaixo da narina direita. O escritor pressupõe que antes de se encerrar o debate teremos ampla oportunidade de ouvir desse homem enérgico suas principais ideias e concepções: é bem provável que ele tenha vindo aqui esta noite não para ampliar seus horizontes ou para sua satisfação cultural, mas com a decidida intenção de se levantar depois que os outros tiverem terminado de falar, dar um soco na mesa e expressar de uma vez por todas sua opinião contrária à chamada “literatura hebraica contemporânea”, que não tem nada daquilo de que precisamos nestes tempos, início dos anos 1980, mas que infelizmente tem de sobra, aos montes, tudo aquilo de que absolutamente não precisamos para nada.

O escritor, de sua parte, resolve dar a esse veterano educador o nome de dr. Pessach Ikhat. A garçonete do café ele chamara Riki. O capanga de facínoras continuará a ser o senhor Leon, e Shlomó Chugui é um nome adequado para seu desgastado escudeiro. O rapaz poeta será Iuval Dahan, mas é com a assinatura de Iuval Dotan que ele enviará, com mãos trêmulas, seus primeiros poemas ao editor literário. A senhora ávida de cultura se chamará Miriam Nahorait (mas as crianças do conjunto residencial chamam-na de “Miriam Norait”²). A trama se desenrola num prédio velho, com reboco descascando, na rua Reines, em Tel Aviv. Entre Miriam Nahorait e o jovem de óculos vai-se tecendo uma tênue teia: certa manhã ele sobe ao apartamento dela numa missão qualquer a pedido de sua mãe. Ele aceita o copo de suco que ela lhe oferece e dois biscoitos que ela mesma fez, mas educadamente recusa um terceiro biscoito, e também educadamente recusa uma maçã, mas ao sair balbucia constrangido que não, ele não toca qualquer instrumento, mas sim, às vezes, escreve um pouco. Nada de especial. Só, assim, umas tentativas.

Um ou dois dias depois ele a visita de novo, convidado que foi a mostrar-lhe seus poemas, nos quais ela não vê imaturidade alguma, nada-nada de imaturidade, mas, ao contrário, profundidade emocional, riqueza linguística, delicadeza estética e um grande amor ao homem e à natureza. E dessa vez, além de três biscoitos e um suco, o rapaz aceita uma laranja, que ela descasca para ele.

Passada uma semana Iuval de novo bate-lhe à porta, e também nos dias

seguintes, e a senhora Nahorait cozinha para ele uma compota de frutas muito doce e espessa, e ele compra e lhe traz um tímido presente: um caracol petrificado num bloco de vidro azulado. Nas noites seguintes ela às vezes roça imperceptivelmente em seu braço ou em seu ombro no decorrer da conversa. E de tanta surpresa, ou devido a um grande, piedoso e maternal espanto, ela se permite ignorar que a palma da mão dele uma vez — uma vez só — vagueou assustada, talvez por engano, sobre seu vestido, e durante três ou quatro respirações estacionou, desmaiada, sobre um de seus seios. Casualmente, nesse momento a vizinha Lizaveta Kunitsin estava espiando pela janela da cozinha, e assim a maldade e a fofoca vieram espezinhar algo que quase não havia, e tudo terminou em humilhação. Sua compota, doce como xarope e espessa como cola, Miriam Nahorait continuou a cozinhar, esfriar e guardar para ele na geladeira, mas o jovem Iuval Dotan não veio mais à sua casa uma vez sequer, a não ser em seus poemas e em suas saudades, e a não ser em nebulosas imaginações noturnas que o levam a decidir uma vez mais que não tem motivo para continuar vivendo, embora adie o ato para depois deste sarau literário, pois deposita uma vaga esperança no encontro com o escritor, que entenderá seu sofrimento e certamente vai querer estender-lhe a mão amiga e, quem sabe, talvez até o convide para sua casa, se surpreenda com seus poemas e, quiçá, após algum tempo, depois que o conhecimento se transformar em amizade e da amizade surgir uma ligação espiritual — e nesse ponto a fantasia passa a ser maravilhosa e prazerosa, quase acima das forças que o jovem tem para conduzi-la — , quem sabe se em decorrência dessa ligação espiritual o escritor não lhe abrirá as portas do mundo literário? Um mundo maravilhoso e fluente, um mundo no qual, no fim das contas, há uma vertiginosa recompensa por todos os sofrimentos do poeta, muitos aplausos, a admiração de garotas desfalecidas de ternura e o amor de mulheres maduras ávidas por despejar sobre você, em quantidade, tudo aquilo com que você sonhou e também tudo aquilo que nem em sonhos você vislumbrou.

Talvez coubesse narrar isso na primeira pessoa, do ponto de vista de um dos vizinhos, Ierucham Shdemati, por exemplo, o *tarbutnik* rechonchudo que apresentou você no início da noite e citou um verso engraçado do livro *Rimas da vida e da morte*, de Tsefania Beit-Halachmi, “Não há noiva sem seu par, e

não há receber sem dar”: e aí está esse *tarbutnik*, numa noite de verão quente e opressiva, de luz apagada, cansado, suado, um pouco amarrotado, com suas faces rosadas irrigadas de veiazinhas azuis de aspecto doentio, estendido numa velha espreguiçadeira na varanda de seu apartamento de dois cômodos no conjunto residencial dos ativistas, as inchadas plantas dos pés mergulhadas numa bacia de água fria enquanto repassa na memória as poucas lembranças que guarda da mãe que morreu em Cracóvia há sessenta e seis anos, quando ele só tinha seis anos de idade (seu nome, como o da vizinha fofoqueira, era Lizaveta). E eis que bem embaixo de sua varanda desenrola-se uma conversa, um leve sussurro a duas vozes. Ele precisa se levantar e entrar imediatamente, agora mesmo, pois não tem direito, nem mesmo interesse, de ouvir clandestinamente a conversa entre ele e ela; mas é tarde demais, pois se levantar agora vai assustar o casal, e isso o deixará constrangido. Sem ter uma saída digna, Ierucham Shdemati, envergonhado, continua sentado em sua espreguiçadeira, mas, em nome da decência, resolve tapar as duas orelhas com as largas palmas de suas mãos; só que até que lhe ocorresse essa solução já reconhecera embaixo da varanda a silhueta de Iuval Dotan, o jovem e estranho filho dos vizinhos, e também identificara o melodioso e úmido sussurro de Miriam Nahorait, uma melodia inconfundível para ele, pois certa vez, há muitos anos, na noite em que os soviéticos lançaram seu primeiro Sputnik ao espaço etc. etc.

Na figura do veterano *tarbutnik* talvez se possam incluir dois ou três traços tirados do especialista em literatura (que a essa altura já chegou, em sua palestra, ao paradoxo-da-troca-de-pontos-de-vista na obra literária): dele se poderá tomar emprestado, por exemplo, o anfiteatro formado pelos cabelos brancos que coroam sua calva sardenta, à maneira de Ben Gurion, sua presença zumbidora, belicosa, como a de uma colmeia de abelhas irritadas; pode-se usar até mesmo sua inflexão de voz triunfante, como se agora mesmo o tivessem contestado duramente com um argumento arrasador, mas ele, com educado furor, sem hesitar um segundo, assombrasse os que o injuriavam ao rebater com uma resposta polêmica e ainda mais demolidora, arrematando-a com uma gentil e venenosa punhalada. O escritor tende a sentenciar este palestrante a vinte anos de viuvez e uma filha única chamada Aia, que como por pirraça tornou-se uma religiosa praticante³ e casou-se com um colono de

Elon Moré. Um nome adequado para ele é Iakir bar-Orian (Z'itomirsky). E o escritor vai tecendo suas tramas enquanto o palestrante bar-Orian chega a seu clímax, ou seja, a visão desta obra como uma armadilha, como um quarto de espelhos hermético, sem janelas nem porta. E nesse ponto, subitamente, ouve-se de novo em um dos cantos do salão uma espécie de zombaria, um risinho abafado cheio de desapontamento e de escárnio que deixa o escritor perturbado, um pouco ofendido, e o faz perder o fio de suas intrigantes imaginações. E de repente ele precisa muito de um cigarro.

E o poeta Tsefania Beit-Halachmi, autor das *Rimas da vida e da morte*, das quais o *tarbutnik* em sua oração de abertura citara a rima “Não há noiva sem seu par, e não há receber sem dar”? Ainda estaria vivo? Já há vários anos seus versos sumiram dos suplementos culturais e dos periódicos. Seu nome já foi esquecido por todos, talvez com exceção de um punhado de residentes em asilos de idosos. Em outros tempos, quando era criança, o escritor costumava citar suas rimas em toda cerimônia, toda festa e todo evento público:

*O homem foi criado à imagem
Cada homem é o mundo inteiro
Em cada um, não é miragem,
há um coração alvissareiro*

(Este poema foi até musicado, e depois cantado e tocado na época num estilo musical russo-melancólico: toda uma geração de jovens sentimentais, o escritor entre eles, costumava cantá-lo em vozes cheias de saudade e tristeza ao redor de fogueiras ou sobre os gramados de kibutzim. Mas hoje tanto a letra como a melodia já foram esquecidas. Bem como seu ingênuo autor.)

Quando o atacava a veia burlesca Beit-Halachmi era capaz de criar rimas assim: “*Rak lassus/ ein shum hissus*” [Só o cavalo/ vai no embalo], ou “*Dam vaêsh, timrot ashan: / ksil rahut ukashkeshan*” [Sangue e fogo e fumaça:/ um tolo só tolíce traça].

E quando o escritor tinha uns quinze anos uma colega de turma (uma garota atraente, mas não bonita) deu-lhe um livro chamado *Narciso e Goldmund*, de Herman Hesse, e como dedicatória copiou quatro linhas do poeta Tsefania Beit-Halachmi:

*Gira vai o vento
sopra, passa, vai voltar,
quem sabe a ti, agora,
suas asas vão levar?*

Após a dissertação de bar-Orian chega a vez de Ruchale Reznik ler para o auditório quatro trechos curtos do novo livro. Bonita e acanhada, bonita mas não atraente, é uma moça magra e discreta com cerca de trinta e cinco anos de idade e uma única trança escura, grossa, uma trança ao estilo antigo a lhe descer pelo ombro, cobrindo o lado esquerdo do peito.

Ela usa um vestido creme de algodão, sem mangas mas fechado até o pescoço, um vestido estampado com delicados ciclomens nas cores azul-celeste e violeta. Por causa desse vestido, por causa de sua trança e por causa de sua postura discreta o escritor vê nela uma remanescente das moças de antigas gerações de pioneiras. Ou talvez ela venha de um ambiente religioso?

Ruchale Reznik lá está diante do público e seu dorso se curva um pouco na direção da página, sua fronte se inclina para o microfone, seus braços finos sustentam o livro que você escreveu como se equilibrassem uma bandeja carregada de taças de vidro, e ela lê de seu novo livro como se nesse livro não houvesse senão ternura e compaixão. Até mesmo o trecho com o cáustico diálogo, que você escreveu como que a espalhar cacos de vidro, ela lê com brandura e muito sentimento.

Para que você veio aqui esta noite, o escritor se pergunta, o que veio procurar aqui, seu lugar agora seria em casa, sentado à sua mesa, ou estirado de costas no tapete, decifrando figuras no teto. Que triste demônio vive empurrando você a correr de um lado para outro nessas reuniões? Em vez de estar aqui você poderia, por exemplo, estar ouvindo no silêncio de seu quarto a Cantata 106, chamada *Actus Tragicus*. Ou poderia ser um engenheiro projetista de estradas de ferro em terreno montanhoso e difícil, como em sua infância você sonhou que seria quando crescesse (quando seu pai servira como secretário da embaixada em Bogotá, o escritor — então com doze anos — visitara uma região montanhosa na qual o precário trem serpenteava entre abismos vertiginosos, e essa viagem ainda continua e continua em seus sonhos noturnos).

E, da mesma forma: para que você escreve? E para quem? Qual é a sua mensagem, se é que existe mensagem? Que função exercem seus livros, e a quem eles trazem algum proveito? Quais são suas respostas às questões principais, ou pelo menos a algumas delas?

Graça e benevolência e compaixão foi o que Ruchale Reznik encontrou nas páginas que você escreveu, e ela é uma moça agradável e quase bonita, só que não atraente.

Na extremidade de uma das últimas filas, no fundo do salão, está sentado um rapaz — não, não é um rapaz, mas um homem de corpo anguloso, um pouco enrugado, parecendo um macaco cujo pelo em grande parte já caiu, e só em suas bochechas caídas ainda restaram manchas de tufo de barba, um homem já gasto, com cerca de sessenta ou sessenta e cinco anos, em cuja cabeça uma espécie de topete ralo e empinado lembra uma crista anêmica. Este homem poderia ser, por exemplo, um ativista de baixa hierarquia que foi expulso de uma secretaria de partido por ter passado alguns documentos secretos aos agentes de um partido rival. Desde então ele se sustenta com dificuldade, dando aulas particulares de matemática.

Um nome adequado para ele seria Arnold Bartok. Há cerca de um mês foi despedido de um emprego de meio expediente como classificador de pacotes numa firma particular de entregas, o colarinho de sua camisa está um pouco escurecido de suor misturado com fuligem, suas calças pendem frouxas dos quadris, já quase não se dá o trabalho de lavar sua camisa e sua roupa de baixo, sandálias rotas calçam seus pés; em suas noites Arnold Bartok escreve memorandos para ministros e para jornalistas e para membros do Parlamento, redige cartas para redações de jornais, solicitações urgentes à Procuradoria do Estado, ao presidente, e sofre também de hemorroidas. Principalmente antes do amanhecer.

Ele mora com a mãe, Ofélia, que é paralítica das pernas. À noite dormem ambos, ele e a mãe, debaixo de um só cobertor, sobre um só magro colchão em seu quarto, que não é quarto, mas um cubículo sem janelas que uma vez fora a pequena lavanderia de seu pai. Desde a morte do pai as enferrujadas portas de ferro da lavanderia estão baixadas e fechadas a cadeado — a entrada é atrás, a partir do pátio, por uma porta empenada de compensado. O banheiro fica num barraco de zinco na extremidade do pátio, mas a viúva

inválida já não pode chegar até ele e depende de um urinol esmaltado que Arnold Bartok tem de enfiar embaixo dela a cada uma-duas horas e depois esvaziar na latrina quebrada, no barraco que serve de depósito no canto do pátio, e lavar na bica que fica entre as latas de lixo. O revestimento de esmalte do urinol está trincado ou talvez se tenha descascado em alguns pontos, e nesses pontos apareceram manchas pretas. Por isso, mesmo depois de lavado e raspado e desinfetado com uma solução de cloro este urinol nunca parece estar limpo.

Enquanto isso a mãe recusa-se já há alguns anos a chamá-lo pelo nome, Arnold, e com uma espécie de maldosa alegria teima em chamá-lo Arale, ou Arke, e quando ele se irrita, Já chega, mama, pare com isso, chega, basta, você sabe muito bem que meu nome é Arnold, a mãe inválida, atrás de seus óculos, fica toda exultante, zombeteira, pérfida, mordaz, e coquete como uma garota mimada: *Nu*, o que, mais outra vez? O que foi? O que ter você, Arale? *Nu*, por que você assim zangar comigo? Talvez você quer vem me bate um pouco? Assim como de abençoada memória seu santo pai batia em mim? Quer, Arale? Quer bate em mim?

Seria Arnold Bartok o sujeito ordinário que agora mesmo, pela terceira ou quarta vez, deixou escapar uma espécie de risinho de contido deboche? Teria o propósito de uma vaia, pergunta a si mesmo o escritor, ou era inveja? Ou aversão? Ou raiva? Ou quem sabe este seja o som abstrato, impessoal, do sofrimento em si mesmo?

O escritor tenta imaginar como este Arnold Bartok, nu a não ser por suas cuecas suadas, às quinze para as quatro da manhã, na catacumba da lavanderia úmida e bolorenta, retira de sob o corpo de sua mãe um urinol fumegante, e fica ofegante do esforço de empurrá-la e virá-la de barriga para baixo para que possa enxugá-la e limpá-la e vesti-la com uma fralda limpa.

E então, quando finalmente é convidado a se levantar e a dirigir sua palavra, o escritor apresenta-se em seu melhor: com paciência, humildade e seriedade ele responde às perguntas do público. Aqui e ali se utiliza de alguns exemplos simples e de casos da vida cotidiana. Pacientemente esclarece qual a diferença entre a intenção de explicar e a intenção de contar. Como que de passagem cita Cervantes e Gógol e Balzac, e também Tchekhov e Kafka. Conta alguns episódios que despertam o riso da audiência. Sutilmente dá

umas alfinetadas no especialista em literatura enquanto elogia sua palestra e até mesmo lhe agradece por suas profundas percepções. Enquanto fala, espanta-se consigo mesmo por ter aceitado participar desse evento, por não se ter preparado devidamente, pelas palavras que sua boca pronuncia neste mesmo instante apesar de que, à medida que as pronuncia, ele tenha a certeza de que não concorda absolutamente com elas, e mais do que isso: a verdade é que ele não tem sequer uma sombra de resposta às principais perguntas, e não tem, em seu íntimo, nenhum interesse no que sua boca vai despejando, sem a participação dele.

E ainda não tem a menor ideia de por que Arnold Bartok deu-se o trabalho de vir aqui. Será que somente para se sentar numa das filas de trás, estender em sua direção seu pescoço de lagarto e zombar de você com um risinho abafado? Mas ele tem toda a razão de zombar, diz para si mesmo o escritor, enquanto continua a cativar com sua linguagem morna e fluente o coração do público, especialmente o coração das mulheres.

Agora ele para por um instante, passa os dedos pelos cabelos, lembra-se da garçonete, Riki, e de seu primeiro amor, Charlie, o goleiro reserva do time do Bnei Iehudá, que sabia entreabrir-lhe devagar os lábios com a ponta do nariz, e com isso a fazia derreter até quase desmaiar, e lhe sussurrava “Gogog”, e até foi e comprou para ela, lá em Eilat, um vestido de faiscantes lantejoulas prateadas, um vestido de noite no estilo de cantora de hotel na Riviera, antes de tê-la dispensado e reatado com uma garota chamada Lucy, que fora eleita vice-Rainha da Água: homens não sabem se comportar diferente. Eles simplesmente têm essa estrutura ruim, e pronto, mas na opinião de Riki as mulheres não são melhores, não mesmo, as mulheres muitas vezes vêm com essa de gata mentirosa e bajuladora, e assim a verdade é que num casal nem o homem nem a mulher são lá essas coisas. Assim é: se não há eletricidade entre eles, como é que vão começar uma relação? Mas se há eletricidade, no fim eles vão se queimar. E é por isso, pensa Riki, que de uma ou de outra maneira os amores quase sempre acabam em desilusão. Mas assim mesmo, será que vou ter a sorte de encontrar por acaso, uma vez na vida, essa Lucy? Porque temos, as duas, muita coisa a dizer uma à outra? Repassar juntas uns lances bem picantes? E rir daquilo que uma vez, há alguns anos, foi tão doloroso? Eu precisava descobrir onde foi parar essa Lucy depois que foi eleita vice-Rainha da Água. Estará ainda viva? E será que também mora sozinha? Como eu? E quem sabe ela não vai se opor a que nos encontremos?

Solidão, espiritualidade e melancolia marcam o semblante do escritor e ele acrescenta mentira atrás de mentira. Às perguntas do público — por que você escreve etc. — dá respostas que já dera mais de uma vez, algumas inteligentes, outras engraçadas e evasivas. Exatamente como aprendera com seu pai, o diplomata de segundo escalão. Para encerrar, como que de brincadeira, dirige-se ao *tarbutnik* Ierucham Shdemati e lhe devolve, na mesma moeda usada pelo próprio *tarbutnik* em suas palavras de abertura, uma citação das *Rimas da vida e da morte*:

*Tem o sábio sem juízo
e tem o tolo muito sério,
tem o pranto após o riso
mas ninguém sabe seu próprio mistério*

Depois é cercado por seus leitores; autografa com ligeireza exemplares de seu último livro, ouve com estudada modéstia os elogios que lhe são feitos, por momentos sorri um sorriso que mais parece um bocejo reprimido, e enquanto isso tenta acalmar um pouco a ira do dr. Pessach Ikhat, o educador furioso de larga mandíbula, tufo de pelos grisalhos e desgrenhados a se projetarem até de suas orelhas e de suas narinas, assegurando-lhe que a nova literatura, com certeza nem toda ela e não de maneira absoluta, contesta a mediná:⁴ a crítica à injustiça da ocupação, a contundente sátira à corrupção e à pasmaceira generalizadas, o desnudar da podridão e do embrutecimento não constituem uma negação de Israel, mas, ao contrário, brotam às vezes de um coração dilacerado. Mesmo que às vezes os inimigos de Israel realmente se utilizem, para suas próprias necessidades, de trechos do que se escreve aqui entre nós, isso absolutamente não quer dizer, como também nos profetas de Israel etc., e também em Bialik, em Brenner, em Uri-Tzvi, em Izhar etc. etc.

O escritor, generosamente, concorda em que o jovem de óculos grossos, Iuval Dahan ou Iuval Dotan, lhe envie pelo correio duas ou três de suas tentativas poéticas, Pode enviar, envie mesmo, mas por favor seja paciente e

não espere receber de mim uma resposta em dois ou três dias, você certamente há de entender que muita gente me envia seus escritos pedindo que eu os leia e dê minha opinião, mas infelizmente meu tempo etc. etc.

Depois o escritor se despede com vigoroso aperto de mão, temperado com um piscar de olho, de Iakir bar-Orian Z'itomirsky, o especialista em literatura, e agradece ao *tarbutnik* Ierucham Shdemati, que por sua vez lhe agradece por ter concordado em vir. Não, obrigado, não precisa chamar um táxi, esta noite estou pernoitando não longe daqui, prefiro voltar a pé, será até revigorante caminhar um pouco ao ar livre, talvez já esteja soprando uma brisa agradável do mar e quem sabe não vai logo refrescar?

Nas escadas, rumo à saída, o escritor acende um cigarro, dedica uma afetuosa e exclusiva atenção a Ruchale Reznik, agradece-lhe calorosamente, elogia a sensibilidade de sua leitura e o tom agradável de sua voz. Ela, por sua vez, sorri um sorriso assustado, como se não tivesse sido elogiada, mas, ao contrário, injustamente repreendida, e com um aperto na garganta ela engole a repreensão e agradece ao escritor os elogios: não é ela quem os merece, mas a obra que tinha lido.

Quando o escritor se detém para que ela passe e desça os degraus à sua frente, ela balbucia seguidamente: Pode deixar, obrigada, não precisa, está tudo bem. Depois, parecendo apreensiva por tê-lo talvez melindrado, Ruchale diz com tristeza: Não, obrigada, não fumo, sinto muito, obrigada, não mesmo. E como que vestindo uma couraça ela aperta fortemente contra o peito o livro do qual fizera a leitura, envolto num papel marrom liso e preso com dois elásticos.

Você sabe, diz o escritor, a verdade é que eu ficaria muito satisfeito se em lugar de todo esse falatório eles simplesmente lhe permitissem ler a noite inteira, ou seja, eu gostaria que esta noite fosse somente um recital de leitura, em vez de todo esse palavreado, em vez das interpretações e análises, e também em vez dessas gracinhas que eu mesmo acabei soltando no fim. Porque você lê minhas palavras lá de dentro, você lê como se estivesse dentro do livro e não apenas a segurá-lo aberto diante dos olhos. Quando você lê, o próprio livro começa a falar aos ouvintes.

E Ruchale Reznik responde a isso com um balbucio envergonhado: Está bem, obrigada, não faz mal, está tudo bem. Mas no mesmo instante ela

percebe que não era assim que deveria responder a tais palavras, e numa voz já quase de choro pede-lhe desculpas.

Nesse ponto a luz da escada se apaga e o escritor tenta segurar-lhe o braço para que não tropece, enquanto sua outra mão tateia em busca do interruptor, mas a mão que a apoia extravia-se um pouco no escuro e seus dedos por um instante encontram a tepidez de seu colo, e logo depois encontram o corrimão, e enquanto isso reacende-se a luz, pois alguém em outro lugar antecipou-se e acionou o interruptor. O escritor se desculpa, e Ruchale Reznik, um tanto espantada, diz-lhe em voz trêmula: Tudo bem, não faz mal, obrigada, muito obrigada mesmo. E me perdoe por estar assim um pouco emocionada. O escritor continua a falar: E além disso sua voz me soa tão próxima à voz interna do personagem quanto aquela que eu escutava enquanto escrevia.

Com isso, Ruchale Reznik fica com os lábios trêmulos. Por fim, de olhos baixos, ela diz ser obrigada agora a confessar que ficara muito, muito preocupada com esta noite, tivera muito medo mesmo, porque apresentar diante do autor trechos selecionados de suas obras não era um pouco como, digamos, tocar trechos de Schubert com Schubert presente na sala?

O escritor propõe a Ruchale Reznik acompanhá-la até a casa dela: Estava querendo mesmo dar um giro pelas calçadas, para respirar o ar noturno, e poderemos conversar pelo caminho, ou sentar em algum lugar e beber algo frio ou quente. Ou quem sabe uma bebida mais forte?

Agora ela fica totalmente confusa, ruboriza-se das orelhas ao pescoço, como se de repente o zíper de seu vestido se tivesse aberto, desculpa-se muito constrangida, ela sente muito, mas não tem muito para onde acompanhar, pois casualmente ela mora aqui, em frente ao centro comunitário, aqui em cima, aqui mesmo, na cobertura, no lado esquerdo, nessa janela escura, ela realmente sente muito, quer dizer, não sente, mas — bem. Simplesmente neste caso acontece que ela mora aqui. Em cima.

Se sua janela está escura, o escritor diz sorrindo, é sinal evidente de que ninguém a espera e então, apesar de tudo, não podemos passear um pouco?

Mas sim, Joselito está me esperando lá, acho que ele já está olhando o relógio a todo momento, quando eu atraso um pouquinho ele fica logo zangado comigo e começa a me provocar sentimentos de culpa. Onde você

esteve, o que estava fazendo, como é que você pôde, como não se envergonha?

Joselito?

É um gato. Um demônio na pele de um gato.

Mas o escritor não desiste: Quem sabe podemos passear um pouco antes de você subir para sua cobertura? Depois eu converso com esse Joselito. Escrevo um bilhete para ele. Ou quem sabe eu possa suborná-lo? Apenas permita-me levá-la a um lugar especial que fica a menos de cinco minutos daqui. Veja, aqui mesmo, no fim da rua e um pouco para a esquerda, venha comigo e deixe-me mostrar-lhe uma coisa, e lhe contar uma pequena história (como que distraidamente ele agora segura com delicadeza o cotovelo dela). Olhe, aqui mesmo, no lugar em que instalaram agora esta butique, aqui havia há muitos anos uma farmácia, “Irmãos Pogrovinsky”, e uma vez, quando eu tinha seis anos, meu tio Ossia, irmão de minha mãe, me esqueceu lá, e só voltou uma hora depois, berrando com a farmacêutica “Que falta de responsabilidade!”, e gritou para mim “*Ti seu pequeno paskudniak*”⁵ de uma figa, não se atreva a desaparecer de novo dessa maneira, e ainda sacudiu o punho para mim e ameaçou me dar uma bofetada. Mas antes de o tio Ossia voltar, quando só estávamos na farmácia eu e essa mulher e todos aqueles cheiros estonteantes, essa madame Pogrovinskaia me arrastou lá para trás, para um cubículo escuro, e abriu e mostrou e explicou para mim, cochichando, os vários tipos de drogas e de venenos e como age cada um. Desde então eu tenho uma certa queda por venenos, e desde então, todos esses anos, sou atraído por porões e despensas e todo tipo de cubículos ocultos (enquanto isso o escritor solta o cotovelo dela mas põe o braço em seu ombro. E ela por um momento estremece, hesita, não sabe o que é certo fazer ou dizer, e afinal se contém).

Diga-me, eu estou sendo muito chato?

Não, de forma alguma, claro que não é chato, responde temerosa Ruchale Reznik, pelo contrário, para mim isso é muito estimulante, como se você talvez me estivesse sinalizando agora alguns traços de uma nova história. Que você ainda não escreveu. Claro que você não precisa me contar. Desculpe ter perguntado. Nunca se deve fazer a um escritor uma pergunta dessas (agora ele retira seu braço, não sem antes estreitar seu abraço e apertar

o ombro dela contra seu flanco).

Com muito cuidado, como se estivesse descalça num campo e na escuridão, Ruchale Reznik diz ainda: Eu, por exemplo, já não acredito mais em acasos. Nos últimos tempos há momentos em que de repente tenho a impressão de que tudo que acontece — tudo mesmo, sem exceção... — mas não sei bem explicar. Não lhe parece às vezes que nada, nada mesmo, acontece por acaso?

*Folhagem, desfolha; nascimento, morte
Não é obra do acaso; é lei firme e forte*

O escritor recita uma esquecida rima de Tsefania Beit-Halachmi que lhe viera de repente à lembrança. Diz Ruchale Reznik:

Eu até me encontrei com ele algumas vezes, em várias festas de família. Tinha um rosto redondo e rosado, um desses rostos de pudim de baunilha, lábios vermelhos-vermelhos, sempre sorrindo, como uma cereja no meio do pudim, e tinha dedos macios demais, com um cheiro forte de perfume, dedos que viviam dando nas crianças uns beliscões leves e desagradáveis em suas duas bochechas.

Quem?

Beit-Halachmi. O poeta. Seu verdadeiro nome não era Tsefania, nem Beit-Halachmi, mas totalmente diferente, algo como Avraham Schuldenfrei. Bumek. Lá em casa nós o chamávamos simplesmente tio Bumek. Algo assim. Uma vez minha mãe substituiu a atriz-declamadora que se apresentava com ele, pois ela contraíra histoplasiose, a febre das cavernas, e minha mãe leu para o tio Bumek numa noite de leitura em Kiriat Haim. E até mesmo naquela noite, apesar de eu já não ser uma criança — já servia no Exército —, a cada cinco minutos ele me dava umas beliscadas nas duas bochechas, e uma vez em um outro lugar. Na verdade ele era um parente afastado nosso. Não sei exatamente o grau de parentesco. Não era tio de verdade, talvez tio de uma das cunhadas. Ou seria primo da mãe de uma das cunhadas? Mais ou menos isso. Em todos os eventos de família eles me diziam, quando eu ainda era pequena, olhe lá, aquele homem que aperta mãos o tempo todo e sorri para todos os lados e parece um bebê grande gorducho e bom é o nosso tio Bumek, que também é o famoso poeta Tsefania Beit-Halachmi.

E à pergunta do escritor ela responde:

Não sei. Não tenho certeza. Há tempos não sei nada dele. Pode até ser que ainda esteja vivo. Mas na verdade posso estar enganada — pelo visto não está vivo não, pois se ainda vivesse já deveria ter, por aí, uns cem anos.

O escritor olha de esguelha para ela e nota seus dentes da frente salientes e um pouco separados, como os de uma esquila curiosa cujo olhar se fixou em algo, eletrizado, e por cuja pelagem já passam pequenas ondas de tremor e de susto: logo logo ela vai se voltar e fugir de você para sua água-furtada e seu gato ciumento.

Assim, com naturalidade, casualmente, o escritor pousa o braço em volta de seus quadris, como se também aqui houvesse degraus e de novo ela pudesse tropeçar: Venha, não tenha medo, Rachel? Vamos entrar escondidos no pátio atrás do prédio, um minuto só? Talvez aquele cubículo ainda exista. Talvez haja uma janela, ou postigo, vamos dar uma espiada para ver o que restou e o que não? Num puxão brusco, primal, ela liberta os quadris de seu enlace, e como que arrependida diz logo a seguir, e com bravura: Sim. Eu vou. Mostre-me.

Mas no pátio traseiro fracamente iluminado pelos resquícios amarelados de luzes de cozinhas só há cacos de móveis, um carrinho de bebê desmontado, caixas de papelão, cheiros de fritura e de lixo, pedaços de persianas amassadas, o gorgolejar das descargas nos banheiros, fragmentos de risos e brados de alegria dissonantes saindo de televisões, suspiros de ar-condicionados por toda parte e a corrida no escuro de um gato assustado.

O escritor sai-se então com duas ou três frases confusas sobre como o tempo confunde as coisas ao passar, e sobre os labirintos da memória, e enquanto isso, como que absorto, mergulhado em meditações, passa lentamente seus dedos na cabeça dela, no início de sua trança, segura seus ombros e com delicadeza a atrai para si. Mas seu novo livro, envolto em papel marrom e seguro com dois elásticos, separa os dois como se fosse um escudo de cavaleiros e protege bem o peito raso dela do peito dele. E de repente, numa vozinha infantil, trêmula, uma voz fina como o piar de um passarinho, um som completamente diferente do de sua calorosa voz quando lê:

Mas estou com um pouco de medo...

No mesmo instante ele a solta, lembra-se de que na realidade ela é uma

garota nem tão jovem nem tão atraente, o que deu nele assim de repente?, ele gagueja uma desculpa, acende um cigarro e a acompanha de volta a sua casa, em frente à casa de cultura. No caminho tenta se redimir daquilo que mal chegou a haver, contando-lhe mais e mais histórias divertidas: por exemplo, a história da mulher que uma vez tocou a campainha da casa dele, uma mulher baixa de ombros largos e óculos grossos, vestida num terninho justo zebreado com listras verdes e brancas, a segurar quase que com violência o braço de um menino de uns nove anos, braço que ele, silenciosamente, não parava um só momento de puxar, tentando se livrar: Mil perdões, meu senhor, por eu ter tocado assim e o perturbado de repente, nós, na verdade, não nos conhecemos muito bem, quer dizer — o senhor, é claro, todos conhecem, mas a nós não, então, Saguivzinho, o que há com você, diga um bom-dia bem bonito ao famoso escritor. Nós realmente não queremos incomodar, só meio minuto, sou uma grande especialista em dieta, e há muitos anos, numa mercearia, falei por alguns minutos com a famosa poeta Lea Goldberg, mas Saguiv nunca na vida viu um escritor em carne e osso. É muito importante que ele veja um escritor, porque ele mesmo, quando crescer, vai ser um escritor ou um poeta muito muito famoso. Saguivzinho? *Nu*? Venha, leia agora para o nosso escritor algo muito original e bonito. Não? O que deu em você? Mas você se preparou tão bem em casa. Até ensaiamos juntos, e de cor. Então por que agora você fica de repente com vergonha do senhor escritor? Não precisa se envergonhar. Os escritores são os que melhor entendem nossa alma, não é? Mas desculpe, realmente não queremos incomodar, já vamos embora, e só vamos deixar aqui, por favor, este envelope e esperar pacientemente que o senhor nos escreva, por favor, uma carta. Escreva-nos qual a sua opinião sincera sobre as obras de Saguiv. O que ainda vale a pena corrigir? Talvez as ideias dele? Ou a escrita? Talvez o estilo? Ou seria mais adequado que ele escrevesse sobre temas mais práticos? E onde, por favor, nós podemos publicar? *Nu*, o que há com você, Saguiv, *nu*, diga logo o que tem a dizer! Que menino bobo! Desculpe, senhor, mas poderia por favor nos escrever pelo menos uma recomendação? Ou apresentação? Com a boa recomendação que o senhor nos dará, por favor — qualquer um concordará em publicar!

E depois o escritor ainda conta a Ruchale Reznik sobre aquele estranho tio Ossia, aquele que o esquecera, em sua infância, na farmácia dos irmãos

Pogrovinsky: por exemplo, de como uma vez esse tio Ossia, no meio do salão da Casa do Povo, dera uma sonora bofetada no deputado comunista Shmuel Mikunis, e apesar disso, com o correr do tempo tornaram-se os dois, o deputado Mikunis e o tio Ossia, grandes amigos e até cuidaram dedicadamente um do outro quando adoeceram ambos no mesmo ano, no mesmo mês e da mesma doença, e até se internaram no mesmo quarto do hospital Ichilov.

Nisso os pensamentos do escritor voltam-se de novo para o agonizante Ovadia Hazam, esse que viveu a vida toda como um rei, rei não, como um lorde, aprontou, enriqueceu, divorciou-se, rodava pela cidade em seu Buick azul na companhia de louras da Rússia, dava tapinhas e distribuía pancadinhas amistosas nos ombros de todos, arrotava com a sonoridade de um rugido, gostava sempre de abraçar e beijar forte e calorosamente até pessoas estranhas, homens e mulheres, e quando fazia soar ruidosamente seu riso profundo as vidraças tilintavam em redor, e agora, na enfermaria de internação do hospital Ichilov seu cateter deslizou e saiu do lugar e a enfermeira da noite estava longe para ouvir seu débil gemido e assim ele está lá deitado, a revolver-se numa poça de urina misturada com um sangramento escuro, uma urina quente, um tanto ácida, turva, que vai esfriando rapidamente e escorrendo entre suas coxas até seu ventre, até sua virilha, até seu dorso, e gruda a carne de suas costas no lençol molhado.

Quando chegam à entrada do prédio de Ruchale Reznik o escritor se despede amavelmente, Obrigado por ter passeado um pouco comigo, e repete uma vez mais os elogios que fizera a sua leitura. E propõe acompanhá-la na escada até seu quarto na cobertura. O rubor dela é protegido pela escuridão, e ela murmura que realmente não é necessário, Joselito a espera lá, todas as noites ela sempre sobe sozinha até sua casa, quer dizer —

O escritor insiste de repente, e afirma em seu tom mais categórico que todos sabem que é exatamente nos vãos de escadas de prédios antigos de Tel Aviv, depois do escurecer, que tem acontecido etc. etc. Decididamente é melhor, para maior segurança, que ele suba com ela e a acompanhe até a porta, a entregue sã e salva a seu Joselito, isso sem falar de chaves que às vezes se perdem ou que quebram na fechadura.

Ruchale Reznik gagueja, constrangida, que realmente, realmente não é

necessário, obrigada assim mesmo, mas não precisa mesmo-mesmo, ela simplesmente acende a luz aqui, na entrada do vão da escada, e em dois minutos estará em casa, Joselito já a espera na porta e com certeza vai matá-la por estar chegando tão tarde, e além disso, ela sente muito, mas exatamente esta noite, totalmente por acaso, exatamente esta noite a casa não está muito arrumada, as cortinas foram lavar e ainda não voltaram e ela não tem persianas, de modo que os vizinhos poderão realmente —

E então a domina um terrível pânico, com uma pontada de vergonha: pois as cortinas não foram lavar, estão em seu lugar, e além disso por que de repente cortinas? Por que eu disse a ele que esta noite a casa não está arrumada? E ainda acrescentei, tão inteligente que sou, que os vizinhos poderiam ver tudo. O que ele pode concluir disso? Que é isso, fiquei totalmente louca? O que ele vai pensar que estou pensando? Ele nem se propôs a entrar, só propôs me acompanhar na escada até a porta e no máximo esperar comigo até eu abrir a porta, para ter certeza de que a chave não se perdeu e não ficou presa ou quebrou na fechadura. E eu inventei uma mentira para que ele não entrasse. Apesar de ele nem ter sonhado em entrar. E ainda lhe disse que não há persianas, e que os vizinhos... Isso pode soar como uma insinuação de que se ao menos houvesse persianas ou cortinas —

Mas e se ele teve mesmo a intenção de sinalizar delicadamente que gostaria que eu o convidasse a entrar, para conversarmos mais um pouco? E se assim for, logo ao entrar ele poderá ver que as cortinas estão lá, em seu lugar? Que não foram lavar coisa nenhuma? E aí? No mesmo instante ficará evidente que eu menti, sem motivo algum. Onde é que eu vou me enterrar?

Ela não consegue de maneira alguma responder à pergunta que faz a si mesma: se realmente quer que este escritor — famoso mas extremamente gentil, educado e paternal a ponto até de ser um pouco incomodativo — suba com ela. Sim, alguma coisa ele quer, mas o que exatamente pode querer dela? E ela, está com vontade ou com medo de convidá-lo a entrar em seu quarto? Agora? Antes de sair de casa teria ou não deixado um sutiã preto pendurado no encosto da cadeira? E se ele estiver pendurado de modo a logo se ver que é um sutiã com enchimento?

A luz da escada de novo se apaga, e de novo o escritor a acende, enquanto lhe diz: E quem sabe, mesmo assim? Por maior segurança? Só até sua porta?

Mas agora, depois de ter mentido que as cortinas foram lavar, agora não tem mais jeito: está tudo perdido. O caminho se fechara; ela mesma fechara a possibilidade de qualquer abertura. Pois agora é impensável que ele entre e veja que as cortinas estão penduradas como sempre em seu lugar. Ela morreria ali mesmo de tanta vergonha.

E numa voz fina e melancólica, como a de uma menina repreendida, finalmente ela diz ao escritor: Está bem, está certo, obrigada, então suba comigo só até a porta... se você insiste... Só que na verdade, Joselito, quer dizer, ele não está muito acostumado a que...

No mesmo instante suas orelhas ouvem as palavras que acabou de pronunciar, e ela se cala, tomada de pânico e desespero.

O escritor, por sua vez, percebe nela a expressão de um animal caçado, o semblante de um mamífero pequeno e amedrontado da família dos roedores, uma esquila encurralada num canto sem saída, seus incisivos afiados como que para morder a si mesma de tanto desespero. Ele então sorri e delicadamente começa a voltar atrás: Não, não, de verdade, não importa, veja, se isso lhe causa algum incômodo —

Ela agora está calada, a esquila, toda paralisada porque não faz ideia do que é mais terrível do que o quê, aceitar a primeira proposta e permitir que ele a acompanhe até a porta de sua casa, ou, ao invés, dizer-lhe que aceita agradecida sua gentil desistência da proposta? Ou, exatamente ao contrário, convidá-lo a entrar, apesar de que talvez ele não esteja nada interessado em ser convidado, e só por pura educação, ou por genuína preocupação com sua segurança tenha proposto acompanhá-la na escada? Será ainda possível, mesmo assim, não convidá-lo? Apesar de a situação agora exigir que o convide, senão ele pode até se ofender. E então como lidar com a vergonha de ter mentido quanto às cortinas? E o sutiã no encosto da cadeira? E fora isso, espalhados por toda parte há pequenos pelos de Joselito, pois eles caem muito agora no verão. E se o escritor precisar ir ao banheiro e lá, sobre o mármore, ainda estiver o barbeador com o qual ela se depila?

Ela baixa os olhos para a calçada, fita as pontas dos sapatos, aperta o livro contra o peito e não sabe o que dizer.

O escritor, bem a seu modo, percebe a angústia dela. Com mão cuidadosa ele toca-não-toca em seu ombro e lhe sugere cavalheirescamente: Olhe, se você quiser, poderíamos eu e você dar mais uma pequena volta. Só até o fim da rua e voltar? Ou só até a praça? Claro que se você prefere subir para casa

já agora, e sem guarda-costas, estou às suas ordens, eu apenas ficarei aqui na entrada do prédio por mais um ou dois minutos até ouvir sua porta abrir e fechar, e assim saberei que você chegou em paz no colo de seu Joselito, sem topar com nenhum dragão no caminho.

Com um sorriso contorcido, quase em lágrimas, ela balbucia: Sinto muito, não sei o que me deu. Estou um pouco confusa esta noite.

O escritor sorri e diz-lhe no escuro:

Mas por isso mesmo encantadora.

Já se haviam passado nove ou dez anos desde que alguém, um rapaz não muito simpático, lhe dissera algo um pouco parecido. Ele era um bajulador, e ela não acreditara nele. Mas justamente este homem agora, de repente —

De novo o sangue latejou em suas orelhas e em seu pescoço, parecia que seus joelhos estavam se derretendo, e que dentro de um instante ela não teria outro remédio senão se apoiar nele. Ou cair.

Seus dedos ficam pálidos quando ela aperta contra seu ventre o livro envolto em papel marrom e preso com dois elásticos. Como se apertasse um cinto de castidade. E ao mesmo tempo quase se enche de coragem, quase o convida a subir e entrar, por que não, que importa um sutiã, ou pelos que se soltaram do gato, ele com certeza já viu por dentro mil quartos de garotas, ela lhe preparará uma xícara de chá, ou de café, também tem mate argentino, mas talvez ele esteja cansado? Ou com pressa de ir a algum lugar?

Mas seus lábios só conseguem tremer no escuro. Por fim, quase gaguejando, ela revela que tem em sua casa uma coleção de caixas de fósforos de cerca de duzentos hotéis de tudo quanto é país, não, não duzentos, só cento e oitenta, mas que interesse um homem como ele pode ter numa coleção de caixas de fósforos?

O escritor acende novamente um cigarro, aperta outra vez o interruptor da luz da escada, pensa um pouco. De relance lampeja em sua memória a excitante assimetria que vira no início da noite, insinuada na linha da calcinha da garçonete Riki, através do tecido de sua saia: o lado esquerdo esticado mais alto sobre sua coxa do que o lado direito. Como se fosse uma piscadela embaixo da roupa, a prometer um mundo de prazeres secretos.

Por um momento ele considera se vale a pena ser convidado agora para a cobertura de Ruchale Reznik. E, afinal, por que não? Seu jeito envergonhado

dá-lhe prazer, sua trêmula admiração também lhe é agradável, e o medo dela é doce como o morno tremor de um passarinho na palma da mão. Que é que tem? Ela não vai devorá-lo. Mas se por um lado está quase aturdida e já capitulou, a verdade é que não é muito atraente. De um modo ou de outro no fim haverá constrangimento: ela está apavorada, e ele não a deseja tanto assim. Sobre ele recairá a responsabilidade de primeiro ter de mitigar seus temores, de acalmá-la como um paciente médico de família acalma a menina que resiste a uma injeção. E ao longo de todo o caminho ele terá de se mostrar paternal e cuidadoso, até que de tanto cuidado certamente também se extinguirá o pouco desejo que sente, e que ele tenta agora reacender com a ajuda da marca da calcinha da garçonete Riki. Seja como for, ele terá de fingir. Representar para ela uma cena, ou a cena oposta. Ou inventar um pretexto. E ainda bajular o gato dela e elogiar a beleza de sua pelagem. Para ele já chega de representações por esta noite. E ela, Ruchale Reznik, de qualquer maneira ficará magoada com ele. Ou não ficará magoada, mas, pior, começará a desenvolver uma série de expectativas de uma continuação. O que é decididamente impensável.

Além do mais, a janela não tem cortina e não há persianas, vai saber quem são os vizinhos dela, e ele é uma figura bem conhecida.

Assim, enquanto o escritor hesita, e em seus pensamentos o lugar da primeira pergunta — Por que não? — já é tomado pelas perguntas Por que sim?, Que ideia é essa?, Para quê?, ele lembra — talvez só por causa daquela miserável rima

*Não há noiva sem seu par,
e não há receber sem dar*

— que Tchekhov já mostrara às gerações seguintes o caminho para se aproximar de uma mulher estranha fazendo a corte ao cãozinho dela. Mas o próprio Tchekhov não continuou, e não nos ensinou como — depois de já se ter feito conhecimento e de se ter mantido uma conversa superficial — como continuar a partir daí? Como, por exemplo, se aproximar para tocar numa garota cujo gato ciumento ronrona deitado em seu colo, e certamente vai dar uns bons arranhões em quem quer que tente tomar o seu lugar?

E assim, o escritor se despede num tom de contida cordialidade: promete-lhe telefonar, claro que vai telefonar, certamente vai telefonar num dos próximos dias. Depois, à luz do lampião de rua, faz uma leve carícia ao longo de sua trança e tenta olhar diretamente em seus olhos, mas os olhos dela estão novamente baixos e miram os bicos de seus sapatos rasos, ou uma rachadura na calçada. Ruchale Reznik, uma esquila perseguida, traz derramada em seu pequeno rosto uma expressão de pavor, mas também, talvez por culpa de seus incisivos salientes, a de quem está prestes a dar uma mordida. Subitamente ela lhe estende para um rápido aperto uma mão pequena e fria, enquanto a outra mão continua a comprimir com força contra o peito seu novo livro, num embrulho amarrado com dois elásticos. Enquanto puxa sua mão de entre os dedos dele num movimento delicado e quase imperceptível, como o de um pintinho, ela de repente sorri com tristeza e diz Boa noite, e muito obrigada por tudo. Muito, muito obrigada mesmo. E também gostaria de lhe dizer mais uma coisa, não sei bem como expressar, isto é, queria dizer que provavelmente não esquecerei jamais esta noite. Não vou esquecer a farmácia com o quarto dos venenos, nem o seu tio que bateu no deputado e depois os dois ficaram doentes.

Durante uma hora ou hora e meia o escritor vagueia pelas ruas. Suas pernas o arrastam da avenida iluminada para pequenas ruas, vielas que não conhece, lugares nos quais todas as persianas já foram abaixadas e só uns lampiões anêmicos, como que adormecidos, continuam a espalhar, aqui e ali, uma luz amarelada e suja. Enquanto caminha fuma ainda dois cigarros e conclui mentalmente: desde o início da noite já fumei uns sete ou oito.

Dois casais abraçados passam por ele em seu caminho da noitada para a cama, e uma das garotas irrompe, lá adiante, numa frenética gargalhada, como se lhe tivessem cochichado agora uma sugestão bem irreverente. O escritor tenta imaginar com detalhes qual seria essa sugestão, revolve-a em seus pensamentos, busca nela uma excitação refrescante, mas a opressão do calabouço sufocante onde estão confinados Arnold Bartok e sua velha mãe Ofélia, em seu leito úmido de suor numa noite de verão, extingue seu desejo antes mesmo que ele comece a esquentar: a velha mãe e seu filho idoso, os dois a chafurdar lá, agora, em seu próprio suor sobre um só colchão amassado, um corpo muito magro e tendinoso tentando levantar um débil

corpo volumoso de gorduras, o filho lutando para libertar o urinol de sob o corpo flácido da mãe, uma espécie de obscuro combate a se desenrolar entre os dois no escuro, ele gemendo e ela suspirando, um mosquito a zumbir na escuridão, picando, como uma broca muito fina, ali ou aqui, ou, talvez, aqui e ali também.

O tio Ossia, o anarquista afinador de pianos, morou a vida inteira sozinho num pequeno quarto de fundos, num porão de um antigo prédio na rua Brenner, e ficava a maior parte do tempo desempregado; às vezes, fazia transportes de móveis, caía apartamentos, ou serrava vergalhões de ferro em construções, e sempre, mesmo quando já era um albino gorducho com trinta anos de idade, todos o chamavam de Osca-Nu-Kak, ou seja, Oska, *nu*, como é que é? E se divertiam dizendo que nas profundezas do seu porão ele escondia do mandato britânico, e também do partido, a formosa sobrinha do dirigente soviético expurgado Lev Trotsky.

Desde a infância o escritor sabia que isso era só uma pilhéria, que não havia mulheres formosas escondidas no porão daquele tio estranho. Mas agora, por um momento, ele de repente se arrepende de não ter ousado, nem uma única vez ao longo de todos os seus anos de infância, tentar espiar por trás do encerado que servia de divisória, manchado de uma espécie de fungo, de um bolor que se alastrara, uma cortina esverdeada-escura que ocultava de parede a parede o recanto mais interior do porão.

E se arrepende também de sua covardia: Por que você não se convidou para o quarto de Ruchale Reznik? Pois por trás de sua pálida timidez com certeza lateja o ardor de uma sede, uma ingenuidade infantil dissolvida num desejo não nerval, mesclado com a submissão de uma entrega silenciosa e exaltada que emana de sua admiração e de seu sentimento de gratidão. Estava na pontinha dos dedos, já palpitava na palma de sua mão, e você deixou escapar. Tolo.

Quanto ao poeta Tsefania Beit-Halachmi / Bumek Schuldenfrei, o escritor contabiliza os anos e chega à conclusão de que já fazia tempo que o poeta deixara este mundo: há muitos anos Beit-Halachmi mantivera uma espécie de seção em rimas no canto da última página do *Dvar Hashavua*, uma coluna permanente cercada por uma moldura ondulada em cujos quatros cantos havia o desenho de uma máscara sorridente. Ou gozadora. As “Rimas da vida

e da morte” de Tsefania Beit-Halachmi, como delas se lembrava o escritor, não eram satíricas nem mordazes, mas, ao contrário, abordavam com uma benevolência divertida e orgulhosa os temas difíceis daquela época, a absorção de *aliá*, os acampamentos provisórios de imigrantes, as regras do racionamento, a colonização do deserto, a drenagem dos pântanos do Chule, as moradias superpovoadas, os incidentes de fronteira e os ataques de árabes infiltrados, os fenômenos da corrupção e da burocracia que empanavam a alegria pela criação do jovem Estado. A nova geração, a geração sadia e bronzeada dos que já haviam nascido no país, fora descrita nas rimas de Beit-Halachmi como uma geração de aparência rude, mas só por fora. Por dentro, assim pensava ele, é uma geração dedicada, cheia de moral e de ética e — até mesmo — admiravelmente delicada e sensível.

Todas as gerações de inimigos de Israel, os ucranianos, polacos, alemães, árabes, britânicos, padres, efêndis, bolcheviques, nazistas, as multidões de antissemitas que enxameiam em todas as partes do mundo, todos eles foram descritos nas “Rimas da vida e da morte” como malvados sem coração em cujo mundo não havia senão perversidade, um ódio sombrio e alegria pela nossa desgraça. Ao passo que as pragas domésticas como as organizações dissidentes, os comunistas, os críticos da Histadrut e os adversários da comunidade organizada, estas apareciam na coluna de Beit-Halachmi como pessoas estreitas, mesquinhas e tortuosas. Em particular, abominava com todas as forças a boemia que imitava os ademanos de Paris e de Hollywood, achava repugnantes todos os intelectuais cínicos e alienados que se pretendiam inteligentes ao serem sarcásticos e mordazes, eles e seu palavrorio sobre arte moderna, a qual, toda ela, nada mais era do que a roupa nova do rei.

Já os iemenitas, os animais, os agricultores e as criancinhas — estes mereceram de Beit-Halachmi rimas risonhas de afeição paternal. Ele os enaltecia e abraçava sua ingenuidade pura e a simplicidade de seu espírito. Mas de quando em quando perpassava por entre as linhas rimadas de Tsefania Beit-Halachmi um vislumbre nem político nem ideológico, uma sombra de mistério e de dor, que não tinha qualquer ligação com sua consciência de classe ou com sua exaltação nacional:

*Tem o sábio sem juízo
e tem o tolo muito sério,*

*tem o pranto após o riso
mas ninguém sabe seu próprio mistério.*

E às vezes ele publicava um curto epigrama sobre mortos já esquecidos por todos e só raramente lembrados por seus filhos e netos, e mesmo essa lembrança não era mais do que uma sombra passageira, pois com a morte da última pessoa que se lembra dele o morto morrerá uma segunda morte, uma derradeira morte, como se não tivesse vivido.

Uma vez, recorda agora o escritor, Beit-Halachmi publicou uma coluna sob o título *Biur chamêts*, na qual escreveu em rimas sobre a natureza que todas as coisas têm de se desgastarem e desbotarem lentamente, objetos e amores, roupas e ideais, prédios e sentimentos, tudo estremece, tudo se esfarrapa em andrajos, tudo se decompõe em poeira.

Em suas rimas Beit-Halachmi usava com frequência a palavra *bedidut*, “solidão”, e uma ou duas vezes optou por uma palavra pouco usada, *galmud*, “solitário”.

Naquele tempo, nas décadas de 1930 e 1940, e talvez também no início da década de 1950, o poeta Beit-Halachmi frequentemente se apresentava nas noites de sábado para um público de seus admiradores, em casas de cultura, em *batei havraá* da *Kupat Cholim*, em saraus organizados pela Histadrut, em congressos do movimento pela cultura popular, onde lia poemas seus com o acompanhamento de uma pianista não muito jovem, ou de canções entoadas por uma cantora emocionada, com sua profunda voz de alto russa e seu decote generoso porém correto. Ele costumava, após a leitura e os intervalos musicais, conversar prazerosamente com seu público, debater com bom humor e condescendência, beliscar o tempo todo as bochechas das crianças e às vezes também as de mulheres jovens, autografar exemplares de seus livros e se deixar envolver pela adoração do público, do qual muitos, naquela época, sabiam citar de cor páginas inteiras de suas obras.

E depois? Talvez, por exemplo, sua mulher tenha morrido certa manhã num acidente com o ferro de passar elétrico. E o poeta tenha esperado um ano e meio para casar com sua cantora-pianista de seios fartos. Que o abandonou umas duas semanas depois do casamento e fugiu para a América com o cunhado de sua irmã, um fabricante de cosméticos dono de uma suave e

agradável voz de tenor.

E talvez o poeta Tsefania Beit-Halachmi ainda esteja vivo. Esquecido por todos, a arrastar o que lhe resta de vida em algum lugar, como, por exemplo, um desses longínquos asilos-da-melhor-idade particulares, numa pequena aldeia nas margens do Emek Chefer? Ou numa instituição beneficente esquecida por Deus, numa extremidade da vila de Iokneam? Sua boca desdentada mastiga até reduzir a papa uma fatia de pão branco sem a casca. Ele passa muitas horas na varanda da casa, numa poltrona marrom com uma banquetta estofada para os pés, ainda totalmente lúcido mas já há muitos anos tendo perdido todo interesse em escrever rimas ou em publicá-las no jornal, pois agora já lhe bastam um copo de chá, a calma do jardim e a mudança de forma das nuvens, embora também goste muito, cada vez mais, do efeito das estações do ano sobre as árvores do jardim, e do cheiro da grama, que aqui se corta uma vez por semana:

*Aqui é verde e vazio, quietude
Só um corvo num poste, congelado
Dois ciprestes crescem quase juntos
E um outro cresce em separado*

Ele fica sentado o dia inteiro em sua poltrona na varanda e lê com curiosidade o romance de uma jovem escritora que cresceu num ambiente religioso mas se rebelou contra as *mitsvot*; ou percorre o livro de memórias do fundador do movimento voluntário Ajuda aos Aflitos. Sua visão ainda é clara e não precisa de óculos para ler. De repente ele depara com seu nome mencionado de passagem em uma das páginas do livro, junto com duas ou três citações de rimas antigas. Elas despertam subitamente no velho escritor uma luminosa alegria infantil, ele sorri por um instante e o movimento de seus lábios acompanha a leitura daquelas rimas de dezenas de anos atrás: ele mesmo quase as havia esquecido, e tinha a certeza, sem mágoa, de que tudo já fora esquecido por todos, mas aí estão suas rimas no novo livro dessa jovem escritora, e elas não lhe parecem nada más.

Seus olhos são ingênuos e arredondados, límpidos olhos azul-claros embaixo de sobancelhas brancas, como dois lagos acima dos quais erguem-se cumes de montanhas cobertos de neve; seu corpo, que já fora gorducho, é

agora quebradiço, mirrado e fino como o de uma criança, um corpo liso sem um pelo sequer, envolto num roupão de flanela branco com a estampa do asilo-da-melhor-idade e o lema “Jovens de Espírito!”. Uma pequena bolha de saliva forma-se agora no canto esquerdo da boca do poeta. A cada duas ou três horas a enfermeira Nádia traz-lhe um copo de chá com limão e um cubo de açúcar com uma fatia de pão branco, um pão macio e ralo, sem casca. Por horas e horas ele fica assim sentado em descanso, sem se mexer, aspirando lentamente e com um ligeiro ressonar o ar da aldeia e o cheiro do campo, mastigando sem parar a papa do pão em sua boca, dormitando, ou talvez acordado, o livro da jovem escritora que veio de um ambiente religioso aberto e virado sobre seus joelhos, e ele pensa nessa escritora e se pergunta se realmente é possível que a morte seja completamente diferente da vida. A ponto de não se poder reconhecê-la? Ou talvez haja afinal uma semelhança, ou uma sombra de semelhança, entre o antes e o depois da morte, pois existe pelo menos uma leve sombra de semelhança entre todos os tempos e todas as situações do mundo. Será que o poeta ainda está lá sentado, a olhar todos os dias com pensativos olhos azuis o farfalhar das árvores ao vento e as jornadas das nuvens no céu?

Porém, fazendo um simples cálculo, é muito improvável que ainda esteja vivo: sua coluna semanal “Rimas da vida e da morte” desapareceu já há muitos anos. O semanário *Dvar Hashavua* está em extinção. A Histadrut perdeu sua grandeza. Em lugar dos conselhos de trabalhadores e seus comitês de cultura, com seu senso de missão a cumprir e seu compromisso moral de ir às camadas populares para elevar gradualmente seu nível cultural, o país se enche cada vez mais de ardilosos empreiteiros de força de trabalho e de mercadores de escravos que importam de países pobres rebanhos inteiros de criadas e de trabalhadores braçais.

Com certeza o poeta já deixou este mundo há muito tempo, morreu de hemorragia cerebral e foi sepultado às pressas num dia de vento e de chuva, num enterro ao qual só compareceu um punhado de velhos ativistas encolhidos em seus casacos e espremidos sob um pálio de guarda-chuvas pretos, e ele agora jaz não longe daqui, na quadra dos escritores e ativistas e pensadores, entre seus amigos e seus adversários, os poetas de sua geração Bertini e Broides, Chanania Reichman, Dov Chomsky, Kamzon e Lichtenboim e Meitus, Chanan Shadmi, Chanani, Achai e Ochmani:

*Seu amor e também seu ciúme já se perderam, já são coisa vã,
O pó de suas páginas já há muito no colo do silêncio estão
o pomar de seus figos e seu rubro florir de romã
escureceram, feneceram. Não mais Aleluia dirão.*

Alô, desculpe, este é o telefone de Lucy? Lucy? É Riki quem fala. Você com certeza não se lembra mais de mim. Só um momento, já digo de onde. Um segundo. Desculpe. Você ainda tem uma voz tão bonita, Lucy, uma voz tão agradável, com gosto de vinho tinto. Eu sou a Riki, lembra? Do Charlie? Daquele lance com o Charlie? Você se lembra, Lucy? Há uns quinze anos? Eu sou aquela Riki que trabalhava no salão para noivas de Isabela e Carmen bem no fim da rua Allenby. Sou eu. Que na época, quer dizer, era como se fôssemos duas inimigas? Você se lembra disso, Lucy? E que já então, eu acho, eu gostava de você ainda mais do que dele? E até pode ser que comecei a sair com ele só para sentir nele, quem sabe, o seu cheiro, Lucy? Não, espere, Lucy, não desligue, por favor, não é o que você está pensando, pode crer que eu sou a criatura mais normal que existe, ouça, me dê só dois minutos. Esqueça, não importa como consegui o número de seu telefone, com o seu novo sobrenome. Consegui e pronto. O quê, será por acaso o sobrenome de seu marido? Não? Não faz diferença. Meu lance com Charlie, você se lembra? Durou talvez uma semana, oito dias. Mais ou menos isso. No máximo. Depois disso ele logo voltou para você. E como voltou, de quatro. Todo o lance comigo só aconteceu por sua causa, Lucy, porque você acabou com ele durante algum tempo e principalmente porque eu já naquele tempo estava vidrada em você, mas tinha muita vergonha. Bem, mas indo direto ao assunto, é isso. O motivo de eu lhe telefonar, Lucy, é que será que você não acha legal um dia desses eu e você nos encontrarmos, sentar juntas em algum lugar e conversar um pouco sobre aquele lance que houve? E sobre outras coisas também? Não, não me importa onde, diz você: onde a gente vai se encontrar? E eu estou convidando, para um café, está bem? Diga, Lucy, quer dizer, você tem um marido? Ou alguém? E filhos? Não, Deus me livre, não estou interrogando você. Não mesmo. De jeito nenhum. Está bem, Lucy, tudo certo. Por que não. E não pense que sou pirada, ou uma doida varrida. O negócio é o seguinte: muitas vezes de repente começo a pensar em você, Lucy, em seu pescoço, em sua voz, em seu bom coração, nos olhos, no juízo

que você demonstrou ter então, mil vezes mais juízo do que eu. Foi, assim, como se eu e você estivéssemos nós duas do mesmo lado, e Charlie no fim das contas era... — bem, esse Charlie, pode acreditar, eu já esqueci. O que ainda se pode dizer dele? O que me restou dele? Só você, Lucy. Mesmo depois de se terem passado alguns anos, não me esqueci de você. Olhe, Lucy, comigo as coisas acontecem mais ou menos dessa maneira, mas não ria de mim, não pense você que sou uma dessas que não têm mais o que fazer na vida senão telefonar de repente para alguém que conheceu muitos anos atrás. Então, não leve as coisas por esse lado. Tente ver isso como se eu e você fôssemos as duas na verdade uma só. O que quero de repente dizer com isso, de uma só? O quê, Charlie não largou você exatamente como largou a mim? Usou e amassou e jogou no lixo como um lenço de papel? Bem, olhe, Lucy, isso não é conversa para telefone. Pode crer, mesmo que você agora com certeza esteja me achando uma anormal perturbada. Só um minuto, Lucy, só mais um minuto, não desligue. Preste atenção. O caso é o seguinte: eu não tenho ninguém, ninguém mesmo. Isto é, fora você. Porque uma porção de vezes, em meus pensamentos, e até mesmo em meus sonhos no meio da noite acontece de você e eu estarmos juntas, Lucy. Como se estivéssemos casamentadas. Juntadas. Não, não é o que você está pensando, mais, assim, como duas irmãs. Com certeza você está achando isso meio pirado? Ou completamente pirado? Não? O quê, nunca lhe ocorre pensar que nós duas, você e eu, uma semana depois da outra, uma depois da outra, no mesmo hotel em Eilat, no mesmo quarto e na mesma cama de casal *king size*, nós duas transamos com ele de noite e às vezes no meio do dia? Transamos com ele quase que exatamente nas mesmas posições? Primeiro foi você, e uma semana depois fui eu e depois de uma semana outra vez você? Algumas vezes, no escuro, ele me chamou de Lucy, e uma vez também em plena luz, no restaurante de sushi, e eu, ao contrário, me sentia no céu cada vez que ele me chamava de Lucy. Algumas vezes no escuro ele também não chamou você de Riki? Não? E ele de repente não dizia também para você: Venha, docinho, agora monte em mim e faça, o mais devagar que você puder? Ou: Venha cá, boneca, deixe eu amarrar você um pouquinho? Ou: Deixe eu ver você fazer xixi de pé? Não? E então, depois daquela vez que ele me largou e trouxe você de volta, e depois disso vocês viajaram você e ele para o mesmo hotel e o mesmo quarto em Eilat, não vai me dizer que você não pensou às vezes em mim lá? Pelo menos algumas vezes? Quer dizer, pensou que aquela

Riki também fez com ele exatamente isso e aquilo? E aquela outra coisa também? Não lhe passou pela cabeça que com certeza ele também levou essa Riki para um programa no bar Las Vegas e deu-lhe de comer na boca com uma colher, e fez-lhe cosquinhas por baixo da saia com os palitos das azeitonas? O quê, desde então nunca lhe aconteceu pensar às vezes em mim e em você como se nós duas na verdade tivéssemos sido sempre aquela mesma pessoa, mas dividida em duas? E o que você me diz de que talvez pudéssemos você e eu, nós duas, viajar uma vez, para Eilat, por exemplo, e pegar juntas um quarto no mesmo hotel? E até o mesmo quarto? Lucy, não, não desligue, eu não sou uma anormal ou coisa parecida, me acredite, não sou mesmo, me dê só mais dois minutos? Lucy? Lucy?

Ao passar por uma travessa que não conhecia o escritor esbarrou no escuro num arame farpado que provavelmente fora estendido por crianças na largura da calçada, entre um sinal de estacionamento proibido e uma grade. O arame passava na altura de seu peito, e o escritor, que andava a passos rápidos, foi atingido por ele e soltou um grito breve mas raivoso, um grito de susto e de dor, e principalmente ofendido: como se da escuridão lhe tivessem dado de repente uma bofetada. E no entanto, de alguma maneira, a bofetada lhe pareceu bastante previsível, uma bofetada que ele certamente merecera, e que lhe causou um certo alívio.

Quanto a Arnold Bartok, o homem anguloso, de óculos, que fora despedido há alguns dias de seu emprego de meio expediente como classificador de pacotes numa firma particular de entregas, ele poderia ser alocado no escritório de contabilidade do qual o escritor era sócio; mesmo que num posto subalterno, na expedição ou na manutenção do prédio. Poder-se-ia arranjar para ele um salário modesto, e no correr do tempo, quem sabe, talvez se descobrisse que esse Arnold Bartok tem outros talentos, seja para o controle dos livros seja para o manejo do arquivo. O próprio escritor era responsável pela administração dos impostos de quatro ou cinco firmas de exportação, médias e grandes, especialmente dos detalhes de taxaço sobre faturamento em moeda estrangeira. Arnold Bartok seria com certeza um funcionário submisso, cheio de gratidão para com o escritor e sempre se diminuindo, para que sua presença não fosse um peso para ninguém. A menos que, de novo, não conseguisse refrear suas provocações mordazes e

irritasse todos com seu sarcasmo elusivo.

Mas o que faz Arnold Bartok o dia inteiro, desde que foi demitido de seu trabalho de meio expediente na firma particular de entregas? O que faz nas longas horas em que sua velha mãe está dormindo e roncando, ou mergulhada na leitura de romances em húngaro?

Talvez ele se sente num canto do cubículo da lavanderia, junto à prancha que fora uma vez a tábua de passar de seu pai, e escreva sua própria dissertação sobre a possibilidade ou a impossibilidade da vida eterna: costuma-se supor, assim argumenta Arnold Bartok em sua dissertação, que a vida e a morte chegaram juntas no mundo, um par dialético cujos dois membros dependem totalmente um do outro: se você diz “vida” também está dizendo “morte”. E vice-versa. Pois no dia em que apareceu a vida sobre a face da terra, com ela apareceu também a morte.

Porém, assim argumenta Arnold Bartok, essa é uma premissa totalmente falsa: durante milhões de anos grassaram sobre a face da terra trilhões de criaturas vivas sem que qualquer uma delas alguma vez tenha experimentado o gosto da morte. As criaturas unicelulares não morriam, pois se dividiam ininterruptamente, uma se fazia em duas, as duas em quatro e as quatro em oito. A morte não existia. Foi só na era atual, quando surgiu de repente a outra forma de reprodução, a reprodução sexuada, que com ela surgiram também o envelhecimento e a morte.

Então se conclui que não foram a vida e a morte o par que desceu ao mundo um amarrado ao outro, mas sim o sexo e a morte. E como a morte apareceu tardiamente, muitas eras depois do aparecimento da vida, pode-se esperar que ela um dia desapareça sem que com ela desapareça também a vida. E daí se estabelece a possibilidade lógica de uma vida que dure eternamente. Basta encontrar um caminho para acabar com o sexo, e com isso, então, eliminar do mundo também nossos sofrimentos e a inexorabilidade de nossa morte.

Num pedacinho de papel Arnold Bartok desenha uma linha preta horizontal. À direita da linha ele escreve as palavras: “Vida que se prolonga eternamente. Vida eterna sem sofrimento e sem humilhação”. À esquerda da linha ele anota: “Sexo. Sofrimentos. Corrupção. Envelhecimento. Morte”. Depois ele continua e escreve embaixo dessas colunas: “Mas as possibilidades são muito remotas”. E sob essas palavras ele acrescenta: “Quando foi criado o tempo. O que havia antes do tempo e o que haverá

depois dele. Que necessidade temos da existência do tempo?”. E mais abaixo, nas margens do papel: “A situação atual é das piores”.

O escritor se pergunta se ele mesmo seria também capaz de cuidar de sua mãe, se ela ainda estivesse viva, da forma como Arnold Bartok cuida da velha Ofélia paralítica que não para de pressioná-lo e de atormentá-lo. Os detalhes da ligação corporal entre a mãe e seu filho, o suor, o urinol, a nudez da carne das nádegas flácidas, o enxugamento, a fralda, magnetizam o escritor a ponto de causar-lhe um pavor que o faz contorcer o rosto e reprimir uma primeira convulsão de vômito. Rapidamente ele afasta seus pensamentos da velha e inválida mãe de Arnold Bartok, de sua própria mãe, e da vida que se prolonga eternamente, e torna a pensar na timidez de Ruchale Reznik.

Depois de olhar bem e constatar que não havia ninguém na travessa, o escritor escolheu uma passagem, um corredor entre dois muros de cerca viva, onde parou para urinar longamente, aliviando-se. Enquanto urinava lembrou-se de Ovadia Hazam, que nesse momento agoniza de câncer no Hospital Ichilov, a sonda novamente enfiada em sua uretra a drenar lentamente um líquido espesso e escuro para dentro de um saquinho de plástico pendurado ao lado da cama e agora o saquinho está completamente cheio, mas a enfermeira da noite não está em seu posto, saiu há quinze minutos, deu uma saída só por dois minutos para ir trazer um café descafeinado da enfermaria ao lado, do outro lado dos elevadores, e ainda está se demorando lá porque exatamente aconteceu de encontrar e conversar um pouco com o interno mais meigo entre todos os jovens internos. Ovadia Hazam, cujo Buick azul durante os últimos anos esteve sempre repleto de garotas loiras e risonhas, e de quem o dinheiro jorrava sem que fizesse contas, inclusive para a caridade e para a política e para diversões, e que apesar de ter quase sempre um pequeno solidéu na cabeça isso não o impedia de viajar algumas vezes para um fim de semana num cassino da Turquia com duas russas divorciadas, e talvez até mesmo com três, agora não há quem ouça seus gemidos. De novo e de novo ele chama com sua voz fraca, lamentosa, pela enfermeira da noite, que saiu só por dois minutinhos e sumiu já faz vinte, e não há ninguém para atender ao chamado da campainha de alarme, mas uma voz rouquenha o repreende da cama vizinha, Ial’la, o que é que há, cala essa boca, chega, você já encheu, já vão lhe atender, fica quieto, tem gente querendo dormir um pouco, para de gemer.

E por ter pensado em Ovadia Hazam deitado e agonizante na enfermaria de internação do Hospital Ichilov, entre dois outros moribundos, ambos mais velhos que ele pelo menos vinte anos, o escritor, depois que acabou de urinar, voltou, contornando com muito cuidado o pérfido arame farpado, saiu da travessa para a avenida e num caminhar impaciente fez todo o percurso inverso até a Casa de Cultura em Nome de Shunia Shor e dos Sete Mortos da Pedreira.

Por um momento pareceu-lhe ter visto um vulto que o esperava sentado nos degraus da casa de cultura, talvez o vulto de Iuval Dahan Dotan, o rapaz poeta deprimido que pelo visto ainda não desistira do escritor e lá está sentado encolhido e um pouco trêmulo a esperar que ele volte aqui no meio da noite e sente com ele nos degraus e leia pelo menos uns quatro ou cinco de seus poemas à luz do lampião de rua, e depois os dois poderão ter uma conversa íntima, talvez até o amanhecer, uma conversa emotiva espiritual e artística totalmente aberta entre um veterano homem de criação e um jovem homem de criação que ainda se debate no início de seu caminho e enfrenta o sofrimento e a vergonha a ponto de alimentar ideias suicidas, e não há mais ninguém em todo o mundo, a não ser este escritor, que seja capaz de compreendê-lo: porque sofrimentos como esses são frequentemente descritos nos livros dele, que de fato já é famoso e até mesmo glorificado, mas eu que li seus livros inclusive nas entrelinhas sei muito bem que por trás dessa figura pública tão conhecida esconde-se um homem tímido e solitário e talvez também triste. Como eu. Ele e eu somos na verdade duas almas gêmeas e por isso só ele poderá me ajudar, pois se nem ele compreender, quem então?

O prédio estava trancado e às escuras e a entrada ainda ostentava os anúncios da noite literária que se realizara aqui e terminara há cerca de duas horas. No escritório do andar térreo o *tarbutnik* Ierucham Shdemati deixara uma luz acesa para afugentar ladrões.

Mas só um ladrão ingênuo como ele só, só um ladrão principiante, sorriu consigo mesmo o escritor, só uma flor virgem entre os ladrões seria talvez capaz de retroceder ao ver essa luz noturna, que fica acesa aqui toda noite, do anoitecer ao amanhecer, num escritório que se pode olhar facilmente da rua espiando pela janela e ver que nele não há viva alma. Em toda a Casa de

Cultura em Nome de Shunia Shor e dos Sete Mortos da Pedreira não há ninguém neste momento, com a possível exceção do vulto pálido daquele rapaz poeta, um vulto trêmulo ao pé dos degraus, que já desistira da leitura de seus poemas e já desistira de uma conversa íntima noturna e não quer lhe pedir nada a não ser que você perceba aqui seu vulto solitário que talvez nem seja o vulto dele, mas o de uma embalagem de papelão vazia ou de dois bancos quebrados. Contanto que você se lembre dele por um instante, de seus olhos ridiculamente ampliados pelas lentes de fundo de garrafa de seus óculos, e saiba que agora mesmo, exatamente no meio da noite, na escuridão de seu quarto que não é um quarto, mas uma espécie de área de cozinha isolada com uma divisória de gesso com tijolos de vidro na casa de seus pais, um apartamento de fundos na rua Reines, ele ainda está lá deitado de camiseta e cuecas no escuro, acordado e cheio de desespero, e neste momento só pensa em você.

Em frente à casa de cultura, do apartamento de cobertura de Ruchale Reznik — se é que esse é o apartamento que ela indicou quando estavam aqui de pé há uma hora ou hora e meia e o escritor não esteja se confundindo um pouco —, por entre os dois panos de sua cortina fechada esgueira-se para fora uma fina réstia de luz.

E então fica claro que pelo visto ela levara suas cortinas a uma lavanderia noturna especial cuja especialidade era lavar cortinas só depois do pôr do sol, uma lavanderia que se comprometia a devolver as cortinas a seus donos, lavadas e passadas, antes da meia-noite.

Então você está completamente enganado, e a cobertura dela não é essa. Ou é exatamente essa, e na verdade toda essa história de cortinas que de repente tinham ido para a lavanderia destinava-se, pelo visto, a lhe insinuar algo? Uma insinuação que você deixou escapar? Que era para você não subir com ela? Ou o contrário do contrário, que era para você sim subir? E você não entendeu nada e perdeu a oportunidade de talvez — ou ainda não perdeu totalmente a oportunidade? Já que a luz dela ainda está acesa?

Neste momento o escritor entrou, sem se perguntar por quê, no vão da escada. Por um instante ele tateia no escuro para encontrar o interruptor, desta vez cuidadoso em cada movimento, pois a dor do choque contra o arame farpado naquela travessa ainda repercutia fortemente em uma de suas

costelas, e agora ele apalpa e descobre que sua camisa está rasgada em mais de um lugar e do arranhão saía um pouco de sangue que gruda nas pontas dos dedos que o tocam, e esse sangue coagulado exala um cheiro de esquecidas brigas de escola.

Depois de finalmente conseguir acender a luz das escadas o escritor, como sempre faz, se detém para olhar um pouco as caixas de correio: Behla e Shimon Parchudnik. Família Arnon. Dr. Alfons Valero, engenheiro construtor. Ianiv Shlosberg. Rami e Tami Ben-Tulila. Kaplan contadores. Rachel e Chezi Reznik (numa caligrafia caprichada, arredondada: Chezi é Joselito? Ou talvez ela tenha na verdade um inquilino? Ou até mesmo um namorado? Não?).

E ainda havia lá pendurada uma grande caixa de correio do comitê de condomínio (“Por favor decididamente de maneira nenhuma! Aqui não se coloca anúncios!!!”). O vão das escadas está em mau estado, aqui e ali o reboco descascou, as paredes estão cobertas de rabiscos de lápis de cor, o revestimento do corrimão está enferrujando e uma das caixas de luz tem uma porta que pende só por milagre de uma única dobradiça retorcida.

E quando ele passa por uma porta que ostenta um bilhete, “Ianiv Shlosberg mora aqui numa boa”, irrompe lá do fundo do apartamento uma longa rajada de tiros acompanhada de gritos e dos sons de um prolongado estilhaçar de muitas vidraças ou objetos de vidro na televisão.

Já é quase meia-noite.

E você? Pode-se perguntar o que você está procurando aqui a uma hora dessas? Você ficou maluco?

Exatamente nesse ponto, ao ouvir a rajada de tiros que irrompe da residência de Ianiv Shlosberg no segundo andar, o escritor decide que é melhor se apressar e dar o fora dali. Suas pernas por si mesmas o levariam agora ao café onde estivera no fim da tarde, há algumas horas, o café de Riki, a garçonete de quem se veem as marcas da calcinha através da saia.

Por acaso o café ainda estaria aberto? Talvez ela esteja completamente só, sentada a uma mesa num canto, tomando uma última xícara de chocolate quente antes de fechar, e logo vai entrar no cubículo da toalete para trocar a saia por uma calça jeans e uma blusa e os sapatos rasos por sandálias leves e confortáveis, e quando ela sair ele poderá lhe propor, por exemplo,

acompanhá-la em seu caminho para casa para protegê-la desses tipos que à noite nas ruas desertas abordam mulheres bonitas e atraentes como você?

Ou talvez esse escritor não bata em retirada ao chegar no segundo andar mas em vez disso insista em subir mais dois andares e chegar bem na porta de Ruchale Reznik. Ali ele hesitará por alguns momentos, a luz das escadas se apagará e de novo será acesa por alguém em outro andar, e de novo se apagará. O escritor colará a orelha na porta: será que ela está acordada, ou a réstia de luz entre os panos de sua cortina vem só da luzinha noturna que vela seu sono? Ela e seu gato? Ou na verdade quem está deitado neste momento ao lado dela é um namorado jovem e atlético, e logo você vai estar aqui humilhado e a chafurdar nas profundezas mais fundas da vergonha? E como é que você se vê agora exatamente, se é que se pode perguntar? No papel do realizador dos desejos noturnos de uma mulher solitária quase jovem, uma mulher agradável e bonita mas não muito atraente? Ou talvez você agora tenha sido escalado para o papel do estuprador-dos-vãos-de-escada que está sendo procurado neste bairro já há mais de um ano e meio? Ou é meramente um homem febricitante e confuso como o rapaz poeta Iuval Dahan, e assim como ele você sai no meio da noite a procurar em vãos de escada escuros ideias para uma história que se contorce entre suas mãos?

*Tem o sábio sem juízo
e tem o tolo muito sério,
tem o pranto após o riso
mas quem sabe o próprio mistério?*

O demônio levará agora este exaltado escritor a experimentar silenciosamente a porta: está trancada, é claro.

E ela, a sua leitora envergonhada?

Com certeza já há muito adormeceu e só deixou acesa uma luzinha noturna que atraiu da rua uma mariposa confusa como você.

Mas também pode ser assim: enquanto o escritor gira em silêncio a maçaneta da porta ouve-se lá dentro um sussurro. Imediatamente ele reconsidera e foge de lá, tem medo de acender a luz da escada, desce os degraus de dois em dois, tropeça de leve numa curva e é atingido violentamente no ombro pela porta da caixa de luz que por milagre estava

pendurada numa só dobradiça e agora é arrancada e choca-se com grande estardalhaço com as grades do corrimão, e logo, num instante, uma porta se abre à sua frente — por exemplo, a porta de Ianiv Shlosberg, que mora aqui numa boa, Me desculpe muito, meu senhor, posso saber quem exatamente o senhor está procurando a uma hora dessas?

E se o reconhecerem? Por seus retratos nos jornais, ou por sua inflada figura nos programas de debates na televisão? E como poderá explicar? Perdão, na verdade sou apenas o pobre mister Hyde, por favor, tenham pena de mim e deixem-me telefonar sem demora para o dr. Jekyll?

Mas também pode ser que o escritor não fuja ao ouvir o rumor dentro do apartamento e fique imóvel onde está, paralisado de susto, diante da porta de Ruchale Reznik. E depois de um minuto resolva deixar-lhe um bilhete entre o umbral e a porta. (Ou seria melhor deixá-lo lá embaixo, na caixa de correio dela e de Joselito?) No bilhete ele escreveria: Você foi mesmo maravilhosa durante toda esta noite, Rachel, e eu voltei aqui tarde da noite só para lhe agradecer e também para ter absoluta certeza de que no seu caminho de subida, para a torre de seu castelo, você não caiu, Deus me livre, nas mãos de algum feiticeiro ou dragão. E se por acaso você me permite, este bilhete representa também um beijo de boa-noite? (O escritor assinaria o bilhete apenas com a inicial de seu nome. Na verdade talvez seja melhor nem assiná-lo — para quê?)

Ou talvez assim: no mesmo instante em que o escritor se voltava para fugir Rachel abriu a porta, pois ainda não havia adormecido, só estivera sentada em sua cama, pensativa. Notara o leve movimento da maçaneta no meio da noite e se assustara, mas apesar do susto correria descalça para espiar pelo olho mágico e, ao ver quem chegara, sem hesitar nem esperar que batesse abriu-lhe logo a porta.

Rachel vestia uma camisola lisa que lhe chegava quase aos tornozelos, uma camisola de algodão com mangas curtas e a abertura do pescoço discretamente fechada com dois botões. Teria ela os abotoado rapidamente enquanto espiava pelo olho mágico? Ou ela sempre adormece assim, com a camisola abotoada para se proteger de quem quer que esteja tramando penetrar em seus sonhos?

Ruchale Reznik sorri admirada. Em sua cara-de-esquila alternam-se

apreensão e alegria:

É você? Você voltou?

O escritor, por sua vez, se surpreende ao constatar que o sorriso-de-altas-horas-da-noite dela é menos embaraçado e envergonhado do que haviam sido seus poucos sorrisos de-início-da-noite. Seu constrangimento agora é tão profundo que ele tenta balbuciar algo, ganhar tempo, inventar para ela alguma fala, explicação, ou desculpa, e fugir daqui no mesmo instante.

Seus lábios, sem ele, dizem a ela:

É o seguinte. Rachel. Olha. Eu voltei aqui simplesmente porque esqueci uma coisa, quer dizer, esqueci de fazer uma coisa que ainda antes eu queria muito muito fazer para você. E não fiz. Vá, adivinhe, o que foi que eu esqueci de fazer?

Ainda de pé, junto à porta que se apressara em fechar e trancar assim que ele entrou, suas mãos estão cruzadas com força sobre o coração para criar uma separação entre eles. Ou talvez só para esconder dele o quanto seu peito é raso dentro da camisola. A voz dela agora é bem tranquila (talvez tranquila só porque, como num sistema de vasos comunicantes, a intensidade do constrangimento dele atenua um pouco o constrangimento dela):

O que é que você queria fazer e esqueceu? Não consigo adivinhar.

Você se incomoda de me dar por um momento o seu livro, por favor?

Meu livro? Que livro?

Seu livro. O meu. Este do qual esta noite você leu alguns trechos na casa de cultura, e leu admiravelmente. É o seguinte: eu simplesmente queria lhe escrever uma dedicatória, mas de tanta emoção acabei não escrevendo. E só agora, meia hora atrás, me lembrei. Dei meia-volta e voltei para você.

Lá de cima, do alto da prateleira superior da estante de livros e discoteca, um gato preto e branco o observa, pisca para ele sobranceiro, como que ironicamente, como se este visitante não fosse novidade alguma, como se esta fosse a rotina noturna nesta cobertura, como se todas as noites, à meia-noite, este ou outro escritor venha até aqui, um escritor confuso que se lembrou de repente, com atraso, de vir e escrever para Rachel Reznik uma dedicatória pessoal na folha de rosto de seu livro.

Muito prazer. Você com certeza é *mister* Chezi? Diz o escritor enquanto avança, sem pedir licença, para o interior do quarto, até a mesinha de

cabeceira ao lado da cama, onde se inclina e lhe escreve uma dedicatória calorosa, e também inclui na dedicatória o ciumento Joselito, e volta a se inclinar para acrescentar o desenho de uma pequena flor e o desenho da cara de um gato com bigodes, que por alguma razão lhe sai ardilosa e matreira.

Rachel diz: Ouça. Eu lhe peço desculpas. Pois eu me enganei. Quando você me acompanhou até em casa eu lhe disse que minhas cortinas tinham ido lavar. Elas não tinham ido lavar.

E após um momento:

Não. Na verdade não me enganei, o que lhe disse não era verdade. Sinto muito.

Mas por que você disse isso? É porque você buscava um pretexto para me deter, para que eu não subisse? Você estava com um pouco de medo? (Agora a palma da mão dele roça por um breve instante sua face, como que casualmente, no sentido da largura: não por pena. Não como galanteio. Algo parecido com uma suave afeição-de-meia-noite.)

Sim. Tive medo. Não sei. Fiquei com vergonha de você. Não sei dizer agora se eu realmente queria que você subisse até aqui mas tive medo, ou se, ao contrário, simplesmente tive medo de lhe dizer Ouça, é melhor que não suba, ou se tive medo de lhe dizer que estava com medo. Agora também não sei.

Ao ouvir dela essas palavras ele atrai a si sua cabeça e a aninha em seu ombro, a mantém ali, não a deixa se afastar (esquilha assustada, por favor não fuja de mim). E então com isso ele constata, talvez por ela ter desmanchado sua trança para a noite, deixando seu longo e espesso cabelo cair-lhe até o meio das costas, que neste momento de repente ela lhe parece muito menos não atraente.

E como uma menina envergonhada, a mão dele ainda a pressionar sua cabeça em seu ombro, ela inesperadamente deixa escapar uma pergunta desse tipo:

Há um instante eu lhe disse que agora também não sei? Não seria mais correto dizer Também agora eu não sei?

Com os dois braços ele agora enlaça seus ombros, apoia as costas dela na mesa e a beija embaixo da orelha, um beijo ainda indefinido, mais ou menos paternal. Mesmo assim não consegue refrear sua parolice:

Está bem, vejamos: Também agora você não sabe? Agora também você não sabe? Agora você também não sabe? Também não agora você sabe? Não,

você sabe também agora? Por favor, elimine os supérfluos.

Em vez de eliminar os supérfluos os lábios dela fazem cócegas no pescoço dele, tocam-não tocam em sua pele, e só então o escritor percebe que lhe estão pedindo que se cale de uma vez. Ele para então com os jogos de palavras e só fica um pouco encabulado devido aos hirsutos pelos de barba que com certeza cresceram em seu rosto desde que se barbeara de manhã, e agora espetam a pele dela. Mas aconteceu que exatamente por causa desse espetar de pelos algo nela se inflamou e a fez sulcar com as unhas o cabelo da nuca dele, e — dessa vez — não com delicadeza, mas com repentino ímpeto. E ele em retribuição virou-a e a pôs de costas junto a seu peito, pousou seus lábios em sua nuca depois de afastar para um lado seu copioso cabelo e começou a titilar com a ponta da língua num vaivém a fina penugem da nuca até fazer essa penugem se eriçar e com isso também despertou nela pequenas ondas de arrepios no declive de suas costas. Depois fê-la voltar-se, e seus lábios sugeriram aos dela um cauteloso beijo exploratório, beijo que logo se aprofundou e tornou-se um beijo colado e depois longos beijos sugados de ida e volta, beijos saciantes-esfomeantes. Ele aspirou todos os cheiros dela, entre os quais pareceu reconhecer o odor de um delicado refrescante bucal e embaixo deste um quase imperceptível eflúvio de iogurte de limão e pão. Essa mistura de cheiros causou-lhe muito prazer e prendeu seus sentidos nela mais do que o faria qualquer perfume no mundo. Por um momento, passageiro, ele ainda chegou a se preocupar com seu próprio cheiro de corpo e com o que talvez estivesse saindo de sua boca, e arrependeu-se de não lhe ter antes pedido licença para tomar banho na casa dela, mas como poderia? E agora era tarde demais para lhe fazer pedidos, pois ela começara a se apertar contra ele e a buscar com os lábios seu peito, com alguma timidez mas também com um ímpeto ou ardor que superava a timidez e começava a levar de enxurrada suas inibições, como se o corpo dela a impelisse com força e exigisse dela, você não vá me atrapalhar agora.

Ele, por sua vez, receava um pouco que ela, agora que o desejava e se apertava contra ele, talvez recuasse e até se assustasse ou se ofendesse quando de repente sentisse a rigidez de seu membro através de suas roupas. Mas quando sentiu, longe de se ofender ou de recuar, como se os sonhos em suas noites solitárias a tivessem preparado bem, ela o abraçou e colou seu corpo ao dele e com as palmas de suas duas mãos fez navegar ao longo e ao largo de suas costas, como prazerosos veleiros, carícias cheias de encanto e

desejo. Com a ponta de seus dedos ela fez com que ondas do mar percorressem sua pele, uma após outra, cada uma com sua crista de espuma.

E como ainda estavam de pé abraçados ao lado da mesinha junto à cama de solteiro que ela já abrira para dormir, não lhes foi difícil, quase sem sentir e sem constrangimentos, se encontrarem não mais de pé, mas deitados, os dois ainda abraçados, de lado (pois a cama era estreita). Neste mesmo momento aconteceu entre eles algo que não se tem como descrever com palavras, um movimento simples com o único objetivo de se fazerem mais confortáveis, um movimento que por puro acaso os dois fizeram juntos com precisão absoluta e no mesmo instante, e por coincidência os dois o fizeram numa combinação perfeita, sincronizados e combinados como um par de dançarinos treinado após uma centena de ensaios, e esse movimento conjunto, maravilhoso, inacreditavelmente perfeito, fez os dois rirem muito e assim também afastou todo resquício de inibição ou de tensão, e com isso aumentou muito a emoção. E como a cama era de solteiro e não de casal, os dois ficaram deitados de lado enlaçados e colados um no outro e tendo de se adaptar, por adivinhação, a cada movimento do outro: como se dançassem coladinho. E com exceção de um choque entre um cotovelo e um ombro foi uma dança fluente, e ele se surpreendeu com isso, pois havia suposto que ela não era uma garota experiente, e porque sabia que ele mesmo estava longe de ser um virtuose. Quando a mão dele começou a acariciar sua coxa, ela sussurrou-lhe no ouvido: Só um instante, deixe eu levar Joselito para o chuveiro, tenho um pouco de vergonha dele. E ele se fez de engraçado, cochichando: Que é que tem, por que ele não pode olhar, ter um pouco de ciúme? Talvez isso o excite também?

Ele a ouviu falar com o gato, antes de trancá-lo no chuveiro, dizendo em voz baixa e afetuosa palavras de carinho. Ou de desculpa. Ao voltar tornou a deitar-se de lado junto dele, abraçados e mergulhados em carícias, pois hesitavam em como continuar, até que seus dedos saíram à procura dos seios dela por cima do tecido da camisola e ela tomou e encerrou na palma da mão os dedos tateantes e os afastou desse peito pequeno que só a envergonha sempre toda a vida. E como que lhe dando uma compensação imediata por esse afastamento, com a mão conduziu-lhe os dedos e os pousou em seu ventre.

E de novo despertou nele o discurso, e ele lhe disse em voz abafada Ouça, Rachel, mas ela lhe cerrou os lábios, e ele desistiu e começou a salpicar de

beijos sua testa e suas têmporas e beijou-a nos cantos dos olhos e embaixo das orelhas, e no recôncavo de seu pescoço, nos lugares em que o pescoço se curva ao se juntar com os ombros, lugares em que o contato de seus lábios fez-lhe um pouco de cócegas. Com esses beijos ele na verdade se esforçava por suborná-la ou por desviar-lhe completamente a atenção do lento e dissimulado avanço de sua outra mão, que não se detivera sobre o ventre, onde fora deixada livre, mas de onde começara uma rastejante e cuidadosa descida para o sul. Até que Rachel o deteve e disse: Espere por mim mais um pouco. Ainda estou com um pouco de medo. E ele cedeu, parou na mesma hora e só lhe respondeu, num sussurro: Pode acreditar, esquilinha, eu também estou com um pouco de medo. Não é só você.

E embora ele não notasse qualquer traço de semelhança entre o medo envergonhado dela e o temor-de-um-fracasso dele, os dois medos eram bastante parecidos: ela certamente via nele um homem rico em experiências amorosas que já provara iguarias raras e variadas, e tudo que o corpo inculto dela fosse capaz de oferecer poderia ser para ele bem trivial e até mesmo insípido. Ele, por seu lado, tinha medo — como sempre — do próprio desejo, capaz de murchar de repente sem aviso prévio, como já lhe acontecera algumas vezes, e como ela iria encarar isso? O que ela iria pensar de si mesma? E dele? Da sua invasão-de-meia-noite na casa dela, da paixão que trouxera com ele, uma paixão sem cobertura que no fim se revelaria não ser mais do que uma simulação, ou um pretensioso fingimento. Ela com certeza o considera um homem experiente e tarimbado, e o que pensará dele se ele agora se revelar não ser mais do que um rapaz assustado e emocionado a ponto de encolher totalmente?

E de fato, quase no mesmo instante, exatamente quando esse temor lhe veio ao pensamento, ele também se concretizou. Teve então de afastar do corpo dela o seu corpo, que até então se colava ao dela com força e em todo o seu comprimento, para que ela não percebesse que algo havia sumido de repente.

Há apenas alguns minutos ele ficara envergonhado e preocupado de que ela percebesse através da roupa a rigidez de seu membro e se assustasse, e agora ele receava, ao contrário, o que acontecerá se ela perceber sua retração?

Um pequeno e perverso demônio infiltrou-se em seus pensamentos, um palhaço gozador e zombeteiro, e esse palhaço revelou-lhe em segredo que Veja, agora finalmente vocês dois se igualam nessa cama: ela cuida o tempo todo de não grudar em você os seus seios para que você não perceba que ela

quase não os tem, e exatamente pelo mesmo motivo você agora afastou dela sua pelve. Empate.

Devo cochichar isso para ela? Agora? O que disse o diabinho-palhaço? Talvez então possamos rir juntos um riso de descontração, um riso de alívio e de extinção dos temores? E depois, depois do riso, não haverá entre nós mais nenhum constrangimento, nenhuma timidez, nenhum segredo, nada que seja ridículo ou desagradável, e só então poderemos gozar, ela e eu?

Mas ele apressou-se em sufocar o diabinho-palhaço. Conteve-se. E calou. Em vez de comparar no ouvido dela coisas que não dá para comparar, ele desceu para beijar-lhe os ombros, o flanco, passou delicadamente ao largo de seu peito, mas curvou-se para lambe seu ventre, e no caminho, entre os beijos, distribuiu aqui e ali sábias carícias que extraíram das profundezas dela uma espécie de gargarejo, um arrulho de pomba bem baixinho, um arrulho suave e prolongado.

Enquanto acariciava Rachel ele fechou os olhos com força e tentou se recuperar de sua retirada evocando a lembrança da marca da calcinha da garçonete Riki, uma linha assimétrica que se insinuava através do tecido de sua saia curta e que o excitara no café, antes de começar o sarau literário. Esforçou-se agora por imaginar essa Riki com uma das mãos arregaçando para ele sua saia bem alto até os quadris e com a outra puxando e alargando a calcinha na virilha. E ainda tentou esboçar mentalmente uma visão detalhada do que certamente acontecera no quarto de hotel em Eilat entre essa Riki e Charlie, seu amante futebolista, ou entre Charlie e Lucy que fora uma vez vice-Rainha da Água, no mesmo quarto e no mesmo hotel, ou do que poderia se desenrolar entre Charlie e as duas juntas, ou entre Riki e Lucy só as duas na cama sem Charlie.

E quando tudo isso também não funcionou, pediu a sua imaginação que por alguns minutos o fizesse ser Iuval, o rapaz poeta que, dia e noite, de tanta avidez por um corpo de mulher, odeia desesperadamente a própria vida: então agora você será Iuval, e eis que finalmente estão lhe oferecendo o corpo de uma mulher quase nua, vai e ataca, vai e arregaça a camisola e num instante você vai saciar sua sede ardente.

Rachel percebeu, ou talvez só adivinhou, as alternâncias entre a maré alta e a maré baixa. Ela afundou o rosto na concavidade do ombro dele e disse em

sua voz mais interior: Diz pra mim que você está mesmo aqui? Me convence de que isso não é um sonho?

Talvez porque lhe parecesse que tudo aquilo era um sonho, e talvez só por isso, ela não o deteve quando ele puxou e levantou sua camisola até os quadris. Não só não o impediu como até mesmo envolveu com sua mão a mão dele e a conduziu para que roçasse, junto com ela, mão na mão, a região de um outro tecido, um tecido sedoso e muito mais fino que o da camisola, um tecido morno que respondeu ao toque de seus dedos com a insinuação de dobras e fendas ocultas e úmidas até que sua maré recrudesceu novamente e ele não precisou mais nem do pobre Iuval nem da garçonne Riki nem da lembrança das linhas que se insinuavam através de seu avental. Quase que num só instante seu desejo levantou voo e atingiu o nível no qual o ímpeto de gozar até o limite do gozo é refreado e dá lugar a uma espécie de tensa sintonia corporal, uma sintonia cheia de generosidade sexual, que quer proporcionar a ela mais e mais prazeres adiando o saciar da própria sede, Tateando o caminho para satisfazê-la mais e mais, e mais ainda até que não mais pudesse aguentar. E assim, ao longo de toda a envergadura de sua dedicação, começou a tanger-lhe os prazeres com a ponta dos dedos, agora hábeis e cheios de inspiração, em direção a seu porto mais íntimo, para dentro, para a profundidade de seu ancoradouro mais interior, até o cerne de seu gozo.

Numa sintonia fina das mais finas, como um aparelho de sonar capaz de sentir murmúrios profundos que escapam ao ouvido comum, ele captava agora o fluir dos pequenos gemidos que subiam de dentro dela enquanto a acariciava, captava e percebia instintivamente as delicadas nuances que distinguiam um gemido de outro, absorvia em sua pele e não em seus ouvidos pequenas alterações no ritmo da respiração dela, capturava as pequenas ondas de tremor de sua pele como se todo ele se tivesse transformado num sensível sismógrafo a localizar e logo também interpretar o código das reações do corpo dela, e a traduzir o que decifrara num preciso senso de navegação, que se antecipava em adivinhar e contornar com cuidado cada banco de areia, em evitar cada recife submerso, em afastar cada mínima aspereza, a não ser a da lenta fricção que ia e vinha e cercava e voltava e ia e roçava e voltava e estremecia todo o corpo dela. E enquanto isso seus gemidos passaram a ser pequenos soluços, súplicas, suspiros, agudas exclamações de surpresa, e os lábios dele descobriram de repente que suas faces estavam cheias de

lágrimas. Cada som, cada respiração e tremor, cada onda que percorria a pele dela, ajudavam seus dedos a fazê-la navegar, a navegarem eles em seu caminho, fluente e detalhadamente, para dentro, para seu ancoradouro mais íntimo.

E à medida que recrudesçam nela as ondas do prazer, nele recrudesce o orgulho e mais e mais se comprazia com adiar outra e outra vez sua satisfação, adiar até que extraísse dela todas as cores do arco-íris de seu desejo, até que os soluços contidos dela deixassem de ser contidos, até que a inundação transbordasse e a arrastasse como um barco de papel numa cachoeira (e apesar de todas essas elevadas intenções, de quando em quando, assim mesmo, este almirante todo dedicado a seu mister colhia rápidas antecipações de gozo ao esfregar seu corpo tenso com esfregações profundas e longas em sua coxa, esfregações que saciavam e esfomeavam, mas logo ele voltava a se concentrar na missão de pilotagem que assumira).

E assim, como um músico instrumentista todo compenetrado nos trajetos das pontas dos dedos ao longo das teclas, esqueceu-se completamente de que algumas horas antes ele achava que essa esquila envergonhada era simpática e quase bonita, mas não atraente. Agora suas mãos avançavam por baixo da camisola para desnudar-lhe os seios, seus seios de menina de doze anos, e dessa vez ela não o deteve, porque estava imersa nos espasmos de seu desejo, e quando finalmente ele colheu nas mãos seus botões, encheu-se de pena e paixão e levou a língua a seus mamilos, e tomou cada mamilo entre os lábios, e cortejou delicadamente com a língua cada um deles, e enquanto isso seus dedos voltaram a tanger as margens de seu púbis e as pétalas mais recônditas em volta de sua cereja, que estava intumescida e dura e quase parecia um terceiro mamilo. No rastro de seus dedos desceram também seus lábios e sua língua. E ela, como um bebê, enfiou de repente o polegar bem fundo dentro da boca e começou a mamar, sugando-o ruidosamente, até que suas costas se elevaram subitamente e se curvaram como uma corda de arco retesada e após um momento, quando elas voltaram a cair sobre o colchão, um grito muito longo e suave irrompeu como que do fundo de seu poço, um grito que exprimia não só prazer, mas também assombro e espanto, como se nunca em toda sua vida ela houvesse ancorado naquele seu cais mais íntimo e nem mesmo houvesse imaginado em seus mais ousados devaneios o que a

esperava lá, nesse cais.

E com isso de repente ela também começou a chorar em voz alta, e lhe disse: Veja. Estou chorando. E era um choro infantil, que a fez ocultar no ombro dele seu rosto de pequena roedora e sussurrar, Desculpe, é só porque estou com um pouco de vergonha de você.

Ela começou a acariciá-lo no rosto e na testa, carícias demoradas, lentas, e com isso o choro cessou e ela se acalmou. Mas quando se passaram mais dois ou três minutos sentou-se subitamente na cama e, com as mãos para cima e o rosto por um instante oculto, puxou e despiu a camisola que até então estava arregaçada e toda enrolada como um carretel em seus quadris, depois de ter sido empurrada de cima e de baixo até a linha da cintura. E disse: Agora não me importo que você me veja. E de novo deitou-se de costas, aberta e aguardando que ele viesse. Mas ele permaneceu deitado de lado, em posição fetal, para esconder dela a retirada que de novo o acometera logo após ela ter chegado ao porto e relaxado. Agora ele temia que ela se ofendesse com sua retirada, ou que culpasse a si mesma.

Mas ela, ao contrário, reuniu uma coragem de que não imaginava ser capaz, surpreendendo-o e a si mesma ao umedecer seus dedos e levar uma mão hesitante a seu membro e deslizá-la sobre ele em movimentos de vaivém, numa carícia úmida que não ousara fazer uma vez sequer nem no primeiro namorado que tivera na juventude, há doze anos, nem no homem casado de há seis anos e meio.

E essa carícia revelou-lhe o que já adivinhara, e ela não se ofendeu, mas, quase o contrário, deixou-se invadir por uma onda de afeto de generosidade e de pena maternal, pena do constrangimento dele, pena das preocupações dele e de sua vergonha do que ela poderia pensar, preocupações e vergonha que sem dúvida agora o apavoravam.

Isso despertou nela uma determinação feminina acompanhada do sentimento de que agora tinha a obrigação, obrigação mesmo, de ajudá-lo, e superando sua timidez ela lambeu os dedos e envolveu com eles seu membro flácido e os passou em volta dele em toques hesitantes e inexperientes, mas em compensação cheios de devoção, entusiasmo e afeto, como que a destilar mirra ao passar.

Com seus cinco dedos, agora cheios de ambição, ela fez isso por ele, e fez com perseverança, mais e mais, sem saber ao certo, mas tentando adivinhar, e depois também com seus lábios, com o veludo de sua língua ela fez isso por

ele, com persistência, como uma aplicada aluna de escola, até que novamente voltaram-lhe as primeiras contrações que anunciam a ereção.

Nesse mesmo instante o escritor lembrou-se de repente do homem que estivera sentado durante toda a noite num canto do salão e que soltava de quando em vez uns risinhos feios, risotas de aversão e deboche, Arnold, Arnold Bartok, um homem magro e anguloso, um pouco enrugado, um macaco doente cujo pelo caíra quase todo, que há apenas duas semanas fora despedido de seu emprego de meio expediente como classificador de pacotes em alguma firma particular de entregas, que pernoita com sua mãe inválida em todas essas noites suarentas no cubículo que fora a antiga lavanderia, embaixo da mesma coberta, e que de duas em duas horas tem de enfiar e de novo retirar um urinol de sob as dobras do corpo flácido dela. Arnold Bartok que estuda a vida eterna e a possibilidade de anular a morte.

Com essa lembrança apagaram-se nele todas as centelhas do desejo. Os devotados dedos de Rachel não conseguiram anular o que Arnold Bartok causava a ele, talvez como uma vingança tardia. O rapaz poeta Iuval também aparecia agora em seus pensamentos, de pé e a esperar pacientemente sua vez na fila de autógrafos, não para pedir um autógrafo, mas para dizer a esse escritor, não com raiva mas com uma pálida angústia:

Mas você foi assim mesmo um pouco injusto comigo? Não?

Em vão o escritor tenta agora explicar a Rachel o inexplicável. Mesmo uma mulher muito mais experiente do que ela poderia se confundir e até culpar a si mesma pelo fracasso.

Ele, de sua parte, apressou-se em chamar a si a responsabilidade tanto por sua fraqueza quanto pelo constrangimento em que a lançara.

Se se pudessem dizer essas coisas, mesmo que fosse aos sussurros na cama, no escuro, quase às duas da madrugada, talvez Rachel ousasse falar-lhe mais ou menos assim: Você, não fique triste, eu lhe imploro, não fique triste, nem um pouquinho, e não se sinta culpado, não precisa, porque o seu membro flácido está me penetrando agora, neste mesmo momento, me penetrando e chegando tão fundo dentro de mim, chegando em meus lugares mais profundos, em lugares nos quais nenhum membro rígido chegou alguma vez em minha vida, e nenhum membro rígido seria capaz de entrar tão fundo dentro de mim.

Mas como poderia expressar tal sentimento, falando ou sussurrando, nos ouvidos de um homem que na verdade ela só conhecia de ler seus livros?

Na pálida réstia de luz do lampião de rua, que se esgueira através da fresta entre os panos da cortina, ela agora se levanta da cama. Tateando, acha e levanta do chão sua camisola. Tranca-se no chuveiro e sai dez minutos depois banhada, fresca, cheirosa, já vestida com outra camisola tão comprida quanto sua antecessora e lhe chegando aos tornozelos, esta também com o decote abotoado. Os dois botões. Ela até solta Joselito do chuveiro, o demônio na pele de um gato, que logo dá um salto para alcançar seu elevado posto e lá se instala, junto ao teto do quarto, nas alturas da prateleira superior da estante de livros e discoteca. De lá o gato crava seus olhos amarelados de tigre, hostis ou surpresos-curiosos, ou talvez vazios de qualquer sentimento, nesse estranho que esta noite tomou seu lugar na cama. Como a dizer: *Nu*, então para que você precisava de tudo isso? Ou como a dizer: Eu sabia que ia terminar assim, e na verdade você também sabia.

Esse estranho lá está estendido de costas, deprimido, fumando um cigarro, com vergonha de si mesmo, uma vergonha bestial de macho, esse vexame primevo que o acometeu como se ele fosse um garanhão ou um touro que já não consegue realizar sua tarefa e mesmo assim consegue se consolar com um silencioso orgulho pelos múltiplos prazeres que conseguira proporcionar a Rachel e pela variedade dos gemidos que conseguira extrair de seu corpo. E logo ele começa a se envergonhar também dessa consolação, tão pretensiosa. Se ao menos pudesse lhe dizer, Ouça, Rachel, por favor, não se arrependa, todos os personagens dessa história são, todos eles, apenas e somente o próprio escritor: Riki e Charlie e Lucy e Leon e Ovadia e Iuval e Ierucham, todos são só ele e tudo que se passa aqui com eles na verdade passa-se só com ele, e você também Rachel, você também é só um pensamento meu e tudo que está acontecendo agora com você e comigo na verdade está acontecendo só comigo.

Mas olhe, diz ela, mas olhe, veja, você tem um arranhão aqui, bem profundo. Até saiu um pouco de sangue. Posso desinfetar um pouco? Pôr um esparadrapo?

Deixe. Não vale a pena. Não é nada.

Você esbarrou em alguma coisa? A camisa também se rasgou?

Lutei por você com um dragão. Com sete bruxos, cinco demônios e um dragão. Eu matei todos, mas antes disso cravaram-me uma espada.

Basta. Não tenha medo. É só iodo. Vai arder meio minuto e pronto. Isso. Acabamos. Que é isso, massacra bruxos e dragões mas tem medo de um pouco de iodo e de esparadrapo?

E eis que neste momento ele já não jaz estirado de costas e não mais se sente envergonhado ou orgulhoso, pois agora está de novo ocupado: levanta-se, envolve-se no lençol dela, acende um cigarro, apaga o cigarro após duas ou três tragadas, tateia, reúne suas roupas que se espalharam sobre a esteira aos pés da cama, entra para urinar e para tomar banho — com água fria — e sai do chuveiro vestido mas todo molhado pois decidira não se enxugar: assim se sentiria mais refrescado.

Café? Um pãozinho? Um pãozinho tostado? Vai levar menos de cinco minutos.

Não, obrigado, pequena esquila, eu vou indo. Já são quase duas horas.

Veja. A água já ferveu. Pelo menos tome um café.

Não, obrigado, Rachel, me desculpe, mas eu realmente tenho que ir, de verdade (de novo “realmente”, “realmente de verdade”, essas são as palavras de código pelas quais transparece a face chã da mentira).

Diga, foi bom para nós? Não foi?

Muito. Para mim foi maravilhoso estar com você. E ouça. Rachel. Eu vou telefonar em breve. (Você não vai telefonar. Para quê?) E você, se possível, não fique com raiva. Nem de mim nem de você. E tampouco fique triste. (Mas ela já está triste, por sua causa, desgraçado, e você sabe disso, e sabia disso de antemão.) Então até a vista? Adeus, Joselito, e eu lhe advirto que cuide muito bem desta moça, se não você vai ter de se ver comigo. (Começa a ser-lhe difícil esconder sua impaciência. Sua mão já está puxando a maçaneta da porta, a mesma maçaneta que há menos de três horas experimentara cuidadosamente do lado de fora, apesar de ter então preferido que a porta permanecesse trancada. Mas por que, então, você subiu até aqui no escuro? Por que experimentou a maçaneta?)

Espere um minuto: ao menos um copo de chá de ervas? Também tenho mate argentino. Quem sabe você fica até de manhã? Joselito, não é verdade que o estamos convidando?

Obrigado a vocês dois, sério, mas eu preciso mesmo ir. Vou telefonar. Vamos nos falar.

E de repente a voz dela fica de novo trêmula e baixa, parecida com a voz daqueles primeiros momentos depois que saíram juntos da casa de cultura:

Você está decepcionado? Comigo?

Decepcionado? Mas por quê? Com quê?

Ela se cala. Seus dedos se esforçam em abotoar o botão de cima de sua camisola mas não conseguem, pois ele já está abotoado.

Não, não estou decepcionado. De jeito nenhum. Você é mesmo maravilhosa Rachel (mas são palavras ocas, pois ele já se pergunta, neste mesmo instante, o que afinal o trouxe até aqui no meio da noite? O que lhe passou pela cabeça? Sua mão já está na maçaneta e ele olha o relógio: ficou aqui duas horas e meia. Um pouco mais: duas horas e quarenta minutos).

Saiba apenas que eu —

Eu sei, Rachel (ele a interrompe de propósito, para não ouvir o que ela parece querer lhe dizer). Eu sei. E não se preocupe. Afinal você mesma disse que foi realmente maravilhoso estarmos juntos. Até a vista. Volte a dormir até de manhã. Ou mesmo até meio-dia. Por que não? (As palavras “afinal”, “por que não” e, em particular, a palavra “realmente” tornam seu discurso vazio ainda mais fútil e mentiroso. Reles, ele diz a si mesmo. Infame, ele diz a si mesmo).

E depois? Quem sabe depois, de lá, você tenha ido verificar se o café de Riki ainda estava aberto às duas e vinte da manhã, e se Riki por acaso ainda estava lá?

E lá está ele novamente do lado de fora no escuro, arrastando seus passos da rua até a avenida, e da avenida a uma travessa e outra travessa. E agora *boker tov Eliahu* — bons dias, Elias, agora seu membro começa de repente a ganhar alguma vida, o que há com você, imbecil? Você se lembrou daquilo que deixou escapar? Me desculpe muito, mas qual de nós dois é um idiota maior, você ou eu? Então cale-se.

Ao atravessar uma rua vazia iluminada por lampiões amarelos e entrar numa viela deserta e quase escura, o escritor começará a esboçar em seus pensamentos novos traços para a figura da sra. Miriam Nahorait assim como para a figura de Ierucham Shdemati, o *tarbutnik*, para que não lhe saiam

achataadas, sem relevo.

E enquanto isso seus pés já o levaram a uma redondeza desconhecida, não longe de onde a cidade acaba e começam a se estender os desertos campos noturnos:

*Gira vai o vento,
sopra, passa e vai voltar,
quem sabe a ti, agora,
suas asas vão levar?*

Junto a um prédio inacabado um vigia noturno baixo, um pouco corcunda, um dos ombros levantados, urina demoradamente sem se mexer. Atrás dele só há uma fila de postes de eletricidade, uma calçada não pavimentada, armazéns, barracões de lata, montes de areia e de brita. A estrada torna-se aqui um caminho de terra, e aí está o ponto extremo da cidade: campos de espinheiros, quatro tonéis enferrujados, terrenos cheios de entulho de construção, fragmentos de móveis, o vulto de arbustos de mamona no declive, o esqueleto de um jipe, um pneu semienterrado na areia, finalmente você estará sozinho. Vai se sentar num caixote virado. Verá a silhueta de montanhas. Estrelas. A luz bruxuleante de janelas. Um estúpido sinal de trânsito mais e mais uma vez a amarelecer avermelhar esverdear ali sem qualquer finalidade. Longínquos latidos de cães e um leve cheiro de esgoto. Por que escrever sobre todas essas coisas? Elas existem e continuarão a existir quer você escreva sobre elas quer não, quer você esteja aqui quer não esteja. Pois estas são, de novo, as principais perguntas que já apareceram na abertura deste texto: por que você escreve. Por que você escreve exatamente desta maneira. Em que suas histórias contribuem, se é que contribuem, para a sociedade, para o país, ou para o aprofundamento dos valores positivos? Quem você pretende influenciar? Talvez você só escreva pelo prestígio? Ou pelo dinheiro?

Quando tinha dezesseis, dezessete anos, na idade do rapaz poeta Iuval Dotan, o escritor costumava se sentar sozinho numa despensa abandonada e despejar no papel confusos trechos de histórias. Ele os escrevia mais ou menos da mesma maneira que sonhava e da mesma maneira que se masturbava: num torvelinho de coerção e de entusiasmo, e desespero e náusea e infelicidade. E também tinha então uma infatigável curiosidade de

tentar entender por que as pessoas o tempo todo infligem umas às outras, e a si mesmas, coisas que nunca tiveram a intenção de infligir.

Ele agora também gostaria de entender, mas com os anos nele se havia acumulado uma espécie de pavor corporal de contato físico com estranhos: até mesmo um leve roçar casual o aterroriza. Até mesmo o toque de uma mão estranha em seu ombro. Até mesmo a necessidade de respirar um ar que talvez tenha estado antes dentro dos pulmões deles. E no entanto ele continua a olhar para eles e a escrever sobre eles para assim tocar neles sem tocá-los, e para que eles toquem nele sem tocar de verdade.

Talvez seja assim: você escreve sobre eles como um fotógrafo dos tempos das fotografias sépia, um fotógrafo de reuniões familiares. Anda de um lado para outro entre os figurantes, bate um papo com todos, faz amizades, graceja, pede que finalmente se arrumem em seus lugares, vai e planta seus personagens em semicírculo, como um anfiteatro, com os mais altos de pé, aos pés deles você senta os mais baixos e as mulheres e as crianças, estreita os espaços entre eles, junta cabeça com cabeça, passa duas-três vezes entre as fileiras e com um leve toque endireita aqui e ali um colarinho, a fralda de uma camisa, dobras de mangas, fitas de tranças, e volta para trás de sua câmera apoiada num tripé, enfia sua cabeça embaixo do pano preto, fecha um olho, conta em voz alta até três, finalmente aperta o disparador e com isso faz todos virarem assombrações (só o gato cinzento de Miriam Nahorait não obedeceu, recusou-se a ficar congelado em seu lugar, talvez tenha farejado a proximidade de Joselito, e por isso ele fica capturado para sempre num canto da foto com três ou quatro rabos. Lizaveta Kunitsin piscou e saiu com um olho fechado. A calva do capanga de facínoras sr. Leon reflete uma espécie de brilho doentio. O rapaz poeta Iuval Dahan esqueceu de sorrir mas Charlie sorri até as orelhas, Ruchale Reznik baixa os olhos para as pontas de seus sapatos, e Lucy, a vice-Rainha da Água, oferece uma ligeira e graciosa piscadela de seu olho esquerdo).

Mas por que escrever sobre o que existe também sem você? Para quê descrever com palavras o que não são palavras?

Da mesma forma, que papel desempenham suas histórias, se é que desempenham algum? Para quem elas servem? Quem precisa, me desculpe a pergunta, de suas fantasias esfarrapadas sobre todo tipo de cansativos

assuntos de cama de uma garçonne frustrada, sobre leitoras solteiras que moram com o gato delas, sobre vice-Rainhas da Água de Eilat de há vinte anos? Mesmo assim, talvez você possa fazer o favor de nos explicar, resumidamente, em suas próprias palavras, o que o escritor está tentando dizer com este texto?

Ele se enche de vergonha e de constrangimento por olhar para todos de longe, de lado, como se todos só existissem para que deles fizesse uso em suas histórias. E com essa vergonha vem também uma angustiante aflição por sua estranheza constante, por sua incapacidade de tocar e ser tocado, por estar sua cabeça, durante todos os dias de sua vida, enfiada no pano preto da velha máquina fotográfica.

Como a mulher de Lot: para escrever você tem de olhar para trás. E com isso o seu olhar transforma você e eles em blocos de sal.

Escrever sobre coisas que existem, tentar apreender um matiz ou um cheiro ou um som dentro de palavras, na verdade isso também é um pouco como tocar Schubert quando Schubert está presente, e talvez ele sorria consigo mesmo no escuro:

*Aqui é verde. Deserto. E quietude
um corvo num poste, petrificado
dois ciprestes crescem quase juntos
um terceiro cresce em separado.*

Você também está devendo uma correção. Por não ter sido acurado na descrição da sra. Miriam Nahorait, pernas inchadas com varizes de cor violeta e um rosto murcho a desfalecer de doçura cultural: porque depois, quando ela veio até você, você descobriu de perto a delicadeza dos lábios dela, seus dedos admiravelmente bem talhados, a graça de seus olhos castanhos, olhos de menina exaltada, com longos cílios a se curvar ligeiramente para cima. Duas vezes por dia ela dá de comer e beber a oito gatos de rua, um deles com uma orelha decepada. Iechiel Nahorai, seu marido, foi atropelado há nove anos quando estava em missão sionista no Uruguai. Seus dois filhos casados são ambos médicos ginecologistas em Nova York (um deles é casado com a filha da vizinha que a espiara, a oculista Lizaveta Kunitsin).

Há alguns anos começou a se tecer uma relação hesitante, não definida, entre Miriam Nahorait, uma mulher não jovem que já vive há anos sozinha num apartamento de dois cômodos e um vestíbulo, e o vizinho viúvo, esse *tarbutnik* sempre a borbulhar, envolto numa alegria ruidosa, e a exalar um emaranhado de cheiros de corpo, Ierucham Shdemati, o homem cujo rosto lembra um pão redondo envelhecido que ficou tempo demais na cestinha e começou a encolher e rachar. Uma vez, na década de 1960, puseram Ierucham Shdemati em décimo terceiro lugar na lista de candidatos do partido Achdut Haavodá Poalei Tsion e ele quase foi eleito para o Parlamento. Esteve entre os últimos que continuavam a defender a criação de uma comunidade geral de todos os trabalhadores de Erets Israel, judeus e árabes, homens e mulheres, para a qual cada um trabalharia com o melhor de sua capacidade, depositando todo mês seu salário na caixa da comunidade. Essa caixa, por sua vez, deveria pagar a cada trabalhador e trabalhadora um salário básico único além do qual viriam acréscimos de acordo com o número de filhos, o estado de saúde e as necessidades de instrução e educação de cada família de obreiros, a cada uma segundo sua própria medida e sua real necessidade. Demonstrava com isso sua crença de que o homem é no fundo generoso por natureza e é só a ordem social vigente que o empurra para os braços do egoísmo, da cobiça e da exploração. E esta noite, justamente antes de vocês dois subirem ao palco, ele lhe pediu que depois do evento o lembrasse de contar alguma coisa relativa ao *Livro da anedota e do chiste* de R'Alter Druianov. Você se esqueceu de lembrá-lo, e agora é tarde demais. Portanto, você continuará sem saber a principal diferença entre anedota e chiste. Com Ierucham Shdemati você com certeza não vai mais se encontrar.

Quem sabe você se detém aqui um minuto e se dedica a atribuir a essa figura alguns hábitos que a farão se gravar na memória dos leitores, duas ou três excentricidades características: por exemplo, seu hábito de lamber gulosamente, com toda a largura de sua língua, a faixa de cola nas abas dos envelopes, como se fosse uma guloseima. Ierucham Shdemati costuma lamber também os selos de correio com abundante saliva, com um certo desejo sensual, e logo depois da lambida ele cola os selos no envelope com um soco violento, que faz Miriam Nahorait estremecer, eletrizada, por causa do “lado tartáreo que nele se esconde”.

Costuma levantar o fone do telefone ao primeiro toque da campainha, num movimento amplo, impetuoso, como se atirasse uma pedra, e nele falar

enérgica e decididamente: Sim, pois não, aqui Shdemati, E quem está falando, por favor? Bartok? Mas não, não conheço nenhum Bartok. Arnold ou não Arnold, não conheço nenhum Bartok, não, não, caro amigo, não mesmo, de maneira alguma, sinto muito, mas não estou autorizado a lhe dar o telefone do escritor, ninguém me permitiu isso, sinto muito amigo, e por que, se me permite perguntar, por que você não tenta esclarecer isso, por exemplo, na Associação dos Escritores?

Quase o tempo todo Ierucham Shdemati tem hematomas azuis em seus cotovelos, ou na testa ou no ombro ou no joelho, consequência de seu permanente hábito de ignorar todas as coisas inanimadas e tentar passar através delas como se fossem feitas somente de ar. Ou talvez, ao contrário, todas as coisas inanimadas é que lhe guardam um antigo rancor e tramam contra ele: a todo momento o encosto da cadeira investe sobre ele e o atinge, o canto do armário da cozinha bate em sua testa, uma fatia de pão untada de mel está de tocaia sobre o banco exatamente quando ele vem se sentar, um rabo de gato se enfia embaixo das solas de seus sapatos e um copo de chá muito quente é atraído por suas calças. Não obstante, ele ainda redige às vezes uma carta furiosa à redação do jornal vespertino e condena injustiças e desnuda sem piedade a feiura a empáfia a vileza e a mentira que aqui em nosso meio dominaram a política em particular e a vida humana em geral.

De manhã ele passa um longo tempo — este homem suado e de ossatura larga, em calças de pijama e numa camiseta amarelenta — na pia do banheiro, e nunca fecha a porta durante sua ablução básica e ruidosa: curva-se sobre a pia com as pernas bem abertas, lava-esfrega seu rosto, sua nuca, seus ombros largos, seu peito coberto de cachos grisalhos, ronca e gargareja sob a torneira aberta, sacode a cabeça molhada para um e outro lado como um cão que saiu da água, aperta com força uma narina após a outra e espreme-esvazia cada narina dentro da pia, pigarreia, escarra e resmunga, fazendo estremecer Miriam Nahorait, que está do outro lado da parede, na cozinha. Por fim ele ainda fica três minutos inteiros a se enxugar furiosamente uma vez e mais outra, como que raspando uma frigideira.

Mas se alguém elogia em sua presença a omelete que ele fritou, o quadro na parede de seu quarto, os feitos dos primeiros pioneiros, a greve no porto de Haifa, ou a beleza do pôr de sol visto da janela — logo seus olhos ficam úmidos de tanta gratidão. Debaixo de seu discurso inflamado a respeito de qualquer tema, desde o esfacelamento da classe operária até a infantilização

geral da cultura israelense e da universal, brota sempre, sem nenhuma exceção, uma espécie de borribo de alegria que emana das profundezas, uma corrente do Golfo de cordialidade e de exultante bondade. Mesmo quando ele tenta elevar a voz, aterrorizar com sua ira, censurar com um urro ferido, mesmo então sempre se derrama em seu rosto uma onda boa de otimismo e de um inesgotável entusiasmo.

Ierucham Shedemati sempre recebe a neta de seu irmão com a mesma charada e o mesmo chiste: Diga-me, minha *krassavitsa*,⁶ quem anda com duas pernas e leva o filhote em seu bolso? Cãoguru? Gatoguru? Quem sabe Bichoguru? Então, ha-ha, quem? (Ignora completamente o fato de que esta sobrinha-neta já cresceu e tem agora quatorze anos e meio.) Para manter sua imagem alegre, ativa, positiva na acepção *histadruti* da palavra, Ierucham Shdemati guarda em segredo, tanto da neta quanto de sua amiga Miriam Nahorait, a doença sanguínea da qual, segundo seu irmão médico, suas possibilidades de cura não são muitas.

Já são quase três da manhã. E talvez ainda se possa fazer aqui uma correção, diz a si mesmo o escritor enquanto atravessa com o sinal vermelho uma rua deserta, olha para lá e para cá e vê que a noite está vazia e a luz de um poste tremeluz como que na dúvida se vale a pena: pode-se, por exemplo, trazer (digamos — amanhã às nove horas da manhã) Charlie, Charlie, que uma vez foi o goleiro reserva do time do Bnei Iehudá e foi o namorado de Lucy a vice-Rainha da Água e foi namorado de Riki a garçonne e depois de novo namorado de Lucy, e com cada uma delas ele passou uma doce semana no hotel de seu primo em Eilat, e agora ele tem uma família e tem em Holon uma firma de aquecedores solares que exporta até para Chipre: pode-se trazê-lo já amanhã às nove da manhã à enfermaria de internação do hospital Ichilov, para uma visita inesperada a Ovadia Hazam.

E por que vir só? Ele teria medo de vir só. A expressão “doente terminal” o assusta muito. Melhor seria vir com a mulher. Ou não com a mulher: que venha com Lucy, sua amiga dos bons tempos, esta que uma vez ele chamava carinhosamente de Gogog.

Não com Lucy. Com Riki, através de cuja blusa de verão dá para ver esta manhã que ela não usa sutiã e veem-se dois bichinhos escuros que a cada passo dela parecem remexer-se por dentro da blusa. E a ela também Charlie

chamava às vezes de Gogog.

E na verdade, não seria possível que Charlie viesse com as duas?

Ovadia Hazam de repente vai abrir os olhos e debilmente tentar acenar com a mão. De tanta fraqueza a mão esquelética despenca sobre o lençol e ele balbucia Por que vocês vieram, por favor, juro, vocês não precisavam. E depois vai balbuciar algo mais, mas devido a sua fraqueza Charlie e as moças não conseguirão entender. O doente na cama ao lado vai ter de traduzir para eles:

Ele quer que vocês tragam cadeiras de lá de perto daquela janela. Está pedindo que vocês se sentem. Charlie é invadido de repente por uma espécie de medo misturado com piedade e uma leve repugnância, e vergonha por essa repugnância, e ele tentará falar com animação e em voz alta demais, como se o moribundo de câncer também sofresse de surdez parcial: Então está bem. Ele veio com estas duas moças para tirar Ovadia daqui. Iall'a, exclamará Charlie generosamente, Iall'a, artista, você já foi bastante mimado aqui, venha sair um pouco, você lá fora vai ser como um jovem leão, vamos farrear juntos, não há tempo a perder. Assim, você se apoia nessas duas belezocas que eu lhe trouxe e vamos em frente. Venha cá, o que você pensou, que viemos te visitar? Não viemos visitar, que ideia. Viemos para levar você daqui. As meninas vão vestir você e logo você vai dar o fora daqui e enquanto isso escolhe qual das duas você prefere, serviço de Charlie, ou quem sabe você está a fim das duas? Para você — as duas *on the house*.

De novo o doente balbuciará algumas palavras roucas, e Charlie dirá O quê, o quê, não estamos ouvindo, fale claro, e de novo o doente da cama ao lado traduzirá:

Ele está dizendo “as panteras de Charlie”. Está se referindo às moças que estão com você. Quer dizer, como na série “As panteras”, da televisão. É uma brincadeira.

Enquanto pilheria assim com Ovadia Hazam e com o doente vizinho, Charlie de repente percebe que Ovadia Hazam está realmente à beira da morte. Antes de vir já lhe tinham dito que seu estado era muito grave, mas ele pensara que grave era algo como o esfacelamento do joelho ou como uma fratura em seis costelas. Agora percebera e de repente compreendera que pela primeira vez na vida ele estava tocando num moribundo, e que esse toque despertava nele medo e também uma espécie de alegria selvagem pelo fato de graças a Deus o moribundo ser outra pessoa e não ele, que é forte e saudável

e logo irá embora daqui, e Ovadia já não irá mais nenhuma vez a nenhum lugar. Acabou.

Essa alegria envergonha e constrange Charlie. E de tanto constrangimento ele eleva ainda mais o tom de voz e faz troça sem parar até que o moribundo acena num movimento cansado e murmura algo que Charlie não consegue ouvir e que também o doente da cama ao lado tem dificuldade em entender e só depois que Ovadia Hazam repete outra vez e mais outra as mesmas espremidas sílabas ele consegue traduzir:

Oranjada. Ele está dizendo Oranjada. Ele simplesmente está pedindo para beber, que lhe tragam uma garrafa de Oranjada.

Oranjada, admira-se Charlie, mas de onde vamos lhe trazer Oranjada? Oranjada é um refrigerante que já deixaram de fabricar há talvez uns cem anos. Cem não. Mas há vinte anos pelo menos. Lucy? Riki? Oranjada? Quando foi a última vez que vocês viram essa coisa?

O doente ao lado insiste, maldoso, vingativo, satisfeito por atormentar e desafiar:

Mas isso é tudo que ele pede. Isso, e nada mais. É seu único pedido. O que vocês vão fazer com ele?

Charlie coça a nuca e completa esse movimento com um tapinha na cabeça de Riki:

Iall'a, belezocas. O quê, vocês não veem que nosso amigo está triste? Então quem sabe vocês começam a acariciá-lo um pouco? As duas. Juntas. Acariciem na cabeça e no corpo. Acariciem bem, para que sintam um pouco menos de dor. O quê? Vocês não têm olhos? Não veem que nosso amigo sente dores? Então mostrem a ele o que aprenderam comigo. Curvem-se, façam-lhe um pouco de *good time*. Gogog e Gogog. As duas.

E enquanto fala o próprio Charlie se inclina, supera a repugnância e o medo e começa a acariciar ele mesmo a cabeça suada do enfermo, suas faces, sua testa pálida, acaricia e chora com lágrimas, acaricia e implora ao doente, o qual, ele também, por causa das carícias, começou agora a chorar um pouco, Chega, homem, chega, por favor não chore, você vai ver que tudo ficará bem, pode confiar em seu irmão, seu irmão vai tirar você daqui, acariciem ele vocês também, meninas, acariciem ele assim bem bonito, acariciem ele com amor e parem as duas de gemer.

E assim continua até que o doente da cama ao lado, cujos olhos também se encheram um pouco, toque a campainha da enfermeira e quando a enfermeira

aparecer este doente vizinho lhe fará um sinal de que já basta, que o paciente está se emocionando demais, que ela precisa delicada mas energicamente tirar eles daqui e pronto.

Quanto a Ruchale Reznik, você prometeu que lhe telefonaria nos próximos dias, certamente vai telefonar, claro que vai telefonar em breve, mas acontece que você não recebeu dela o número do telefone, não recebeu porque nunca pediu. Você se esqueceu de lhe pedir. Sozinha diante do espelho em seu quarto barato, que exala um delicado cheiro de limpeza, um quarto mobiliado com simplicidade e protegido por cortinas claras, ela lá está agora de pé em sua camisola discreta à luz de uma lâmpada com um abajur de macramê trançado, dobrando com precisão suas roupas de baixo, a camisola anterior e as roupas de baixo anteriores ela pôs na cesta de roupa suja, e se enche de tristeza à visão de seu corpo raso no espelho que fica no lado de dentro da porta do guarda-roupa: se ao menos eu tivesse seios como os de minha mãe e de minha irmã, toda a minha vida seria diferente. Por que não deixei ele vir? Quando ele, com seu jeito gentil-paternal, estava pedindo que o convidasse. Eu poderia ter-lhe dito vem. Poderia ter-lhe preparado um chá ou um mate ou mesmo uma refeição ligeira. Poderia ter-lhe revelado, já que minha leitura lhe agradou tanto, que também sei cantar. Poderia até ter cantado para ele. Ou teria botado uma música adequada, tomaríamos juntos um café ou um mate argentino. Poderíamos de repente —

Com certeza nenhuma mulher no mundo se recusa a ele, só eu me faço de rogada —

E agora nunca nunca mais —

E agora com certeza ele me considera uma mulher estranha. Não feminina.

Olha só, Joselito, veja só que idiota eu sou. Ainda não inventaram uma idiota mais idiota do que eu (estas palavras ela dirá em voz alta, de brincadeira mas também quase chorando).

Em sua camisola abotoada, uma camisola simples de algodão, como de uma aluna de internato da geração anterior, ela agora se senta no canto de sua cama, magra e muito apumada, embaixo do cartaz do Movimento pela Paz, o gato enrolado sobre seus joelhos, e escreve numa escrita silenciosa nomes de cidades e países em suas caixas de fósforos, a coleção de caixas de fósforos de dezenas de hotéis conhecidos em nenhum dos quais ela alguma vez se hospedou, San Moritz, San Marino, Montreux, San Remo, Lugano.

Mas o que o escritor quis dizer?

Ruchale Reznik continua sentada no meio da cama, sobre o cobertor, sua trança ela já desfez há muito tempo, as pernas cruzadas desnudam a calcinha branca por baixo da camisola de dormir, mas não há ninguém para vê-la, as cortinas não tinham ido lavar e estão bem fechadas por causa dos vizinhos. Ela sabe que este escritor certamente falou com ela esta noite também por entrelinhas, disse-lhe esta noite coisas que estavam por baixo das palavras que pronunciou, e ela não entendera nada. Agora ela vai ficar sentada assim por mais uma hora ou hora e meia, nem tentará adormecer, e vai tentar compreender o que ele disse. O que havia na verdade por trás de sua história sobre a farmacêutica que lhe revelou na infância os segredos dos venenos? Sobre a ocultação da bela filha de Trotsky? Sobre a mãe que quis que seu filho visse uma vez de perto um escritor em carne e osso? Sobre o tio que bateu no deputado? Seu olhar deteve-se de repente na maçaneta da porta de entrada, que por um momento lhe parecera mover-se silenciosamente para baixo, como se uma mão temerosa, uma mão indagadora, estivesse tentando verificar se ela não se esquecera de trancar. Seria o estuprador dos vãos de escadas?

Por um momento Rachel vai ficar imobilizada de tanto terror. Mas logo lhe virá uma calorosa centelha que dissipará o medo e ela quase se projetará a correr descalça até a porta trancada para espiar pelo olho mágico e abri-la antes que ele bata: Entre, entre, pois eu o estou esperando.

Mas não. Ela não fará isso, porque foram mais que suficientes as decepções e ofensas e esperanças vãs pelas quais já passou, e ela já está cheia de cicatrizes antigas dos tantos sonhos que se frustraram. Portanto, continuará sentada em postura oriental sobre sua cama já desfeita para dormir, em sua camisola comprida, os olhos fixos na maçaneta da porta durante ainda um bom tempo depois que o escritor já desistiu e deu o fora dali como que a fugir escada abaixo e seu ombro chocou-se com a porta quebrada da caixa de luz.

Até que de tanto cansaço ela vai se abater e deitar de costas.

O gato virá se aninhar em sua barriga, ronronando e esfregando os lados da cabeça em seus dedos, os olhos dela e de Joselito bem abertos e acompanhando juntos uma mariposa que esvoaça tendo como fundo o cartaz do Movimento pela Paz com os dizeres “A vida de nossos filhos nos é mais importante que os túmulos de nossos pais”.⁷

Ela se cobrirá com o lençol e continuará tentando decifrar. Enquanto Joselito prosseguirá acompanhando apaticamente o voo em círculos daquela mariposa. O ventilador, por sua vez, continuará a zumbir e a criar um sopro úmido e quente e ela terá dificuldade em adormecer: por momentos a dominará uma breve sonolência, tensa, parecendo mais desmaio do que sono, e nesses cochilos lhe parecerá por um instante que, olha só, ela agora compreende, era tão simples, mas num minuto ela vai acordar, vai se sentar na cama, tentar espantar um mosquito, e de novo não vai compreender o que na verdade quiseram dela esta noite. Por que a convidaram para esse passeio após o debate literário? A que veio o braço dele em seu ombro, e depois o braço dele em torno de seus quadris? E todas as histórias dele, os repentinos apertos no escuro do pátio traseiro? Foi só impressão sua ou não foi só impressão sua que, há duas-três horas atrás, uma temerosa mão experimentou a maçaneta de sua porta e logo ele se arrependeu e fugiu escada abaixo? Antes mesmo que ela decidisse se lhe abriria ou não a porta?

Isso aconteceu ou não aconteceu? E por quê?

Ela não terá uma resposta, e só a tristeza vai oprimi-la cada vez mais porque só há um minuto, quando cochilara, compreendera tudo, completamente, e agora que acordou esqueceu tudo que havia compreendido.

E a noite se estende e se estende, empacada, sem querer passar. Joselito também foi atacado de uma espécie de inquietação desatinada, passeia maciamente sobre seu corpo e de repente lhe morde os artelhos, fica de tocaia, contrai-se todo como uma mola tensa, uma série de agudos tremores agita seu pelo anunciando a iminência de um salto, e eis que ele já salta, arranhando o lençol, e de novo salta e de repente fica agarrado pelas unhas nas bordas da cortina como se tencionasse arrancá-la numa censura definitiva à mentira que ela contara ao escritor a respeito dessa cortina.

Errou, pois, o poeta Tsefania Beit-Halachmi, o tio Bumek, ao escrever em seu livro *Rimas da vida e da morte* que não há receber sem dar nem há noiva sem seu par. Também não teve razão R'Alter Druianov quando resolveu incluir em seu *Livro da anedota e do chiste* a história do *mohel* azarado que se atrasou para a circuncisão: pois se se pensa um pouco sobre isso, nenhum atraso é divertido. Todo atraso é irremediável. Quem tinha razão era o irritado educador ou vice-diretor, dr. Pessach Ikhat, que se levantou ao final do

evento e alegou raivosamente que uma das missões da literatura era às vezes destilar da miséria e do sofrimento ao menos uma pitada de consolo ou um pequeno lampejo de benevolência. Como dizê-lo? Ao menos lambeir nossas feridas, já que não lhes põe nenhum curativo. E a literatura deve, no mínimo, dignar-se de não coquetear e de não se comprazer em ridicularizar e cavucar as feridas, como fazem atualmente *ad nauseam* os novos escritores, tudo para eles é sátira, tudo é zombaria e paródia, paródia deles mesmos, tudo é perversa mordacidade, e tudo está cheio de maldade. Na modesta opinião do dr. Pessach Ikhat deve-se pelo menos alertá-los de tudo isso e defrontá-los de quando em quando com toda a gravidade de seus atos.

Rachel irá para o chuveiro, vai se lavar com água morna e vestirá uma outra camisola. Esta também tem dois botões no decote, e ela abotoará os dois.

*Uma maçã caiu aos pés da árvore.
Ergue-se a árvore sobranceira à maçã,
a árvore já amarelece. A maçã está amassada.
A árvore já desprende folhas amarelas.
Cobrem as folhas o murchar da maçã
e um vento frio as revolve
Já chegou o inverno, o outono a morrer
a árvore fenece, a maçã a apodrecer.
Em breve virá. Quase não vai doer.*

Meia-noite e dez. O capanga de facínoras senhor Leon e seu escudeiro Shlomó Chugui ainda estão ambos no ar-condicionado, sentados em frente à televisão, na sala de estar reformada da família Chugui, terceiro andar com vista para o pátio, um amplo apartamento feito de dois apartamentos menores que foram juntados para constituírem um só, num conjunto residencial em Iad Eliahu. Os dois não param de abrir amendoins, nozes, amêndoas salgadas e sementes de girassol, junto a uma mesa coberta com uma toalha de plástico florida, assistindo juntos a um filme de crime e assassinatos (às mulheres ordenou-se que sentassem na cozinha ou em outro quarto, pois este filme não se destina a pessoas de nervos fracos).

O senhor Leon, pesado de corpo, calvo, olhos cinzentos opacos, nariz ridiculamente pequeno como um botão que se perdeu bem no meio da Lua,

grita para seu anfitrião no intervalo dos anúncios: *Dir balak*, vai por mim, Chugui, seria melhor para você voltar atrás no que disse, olha aqui na mesa, estou lhe pondo aqui cem *shekels* em dinheiro, aposto com você que não foi o negro, não foi mesmo, foi o dentista quem matou os três, um por um, ele os matou com aquele negócio dele, como é que se chama, com aquilo que se faz anestesia antes de se arrancar um dente, com isso ele liquidou os três; já, já, mais um instante e você mesmo vai ver como se enganou, você e o seu negro, você entrou bem, Chugui, e esse erro dentro de cinco minutos vai lhe custar cem *shekels* limpos, e diga bonitinho obrigado por só termos falado cem. Poderíamos tranquilamente ter falado até mesmo quinhentos.

Shlomó Chugui hesita e volta atrás: Olha, eu não estou dizendo, talvez seja mesmo este dentista quem assassina lá todos eles, um por um, e não o negro, e eu fico suspeitando à toa dos inocentes, isso vai se esclarecer daqui a pouco. Tudo o que eu disse foi só como uma suposição pessoal minha. Nada mais.

Após mais alguns momentos Chugui acrescenta uma observação, como que a recuar e a se arrepender: Olha, em nossos textos judaicos, acho que no tratado *Taanit*, lá está escrito: “Deus dispõe de muitos matadores”. E sobre isso há uma interpretação do rabino G’anach de que de fato Deus deu atenção a Abel e a sua oferenda, mas na verdade Ele preferiu exatamente Caim. E a prova disso é que Abel morreu moço, ainda antes de se casar, e daí decorre que todos nós, todo o gênero humano, inclusive nós mesmos, ou seja, o povo de Israel em pessoa, todos saímos da semente de Caim e não da semente de Abel. Sem querer, Deus me livre, ofender ninguém pessoalmente, é claro.

O senhor Leon pensa um pouco a respeito, mastiga três ou quatro castanhas de caju e pergunta:

E daí? O que você quis dizer com isso?

E Shlomó Chugui, tristemente:

Quem? Eu? Que sei eu? Com certeza tem muito mais sobre isso no judaísmo, mas eu pessoalmente ainda estou, como se diz, num degrau muito lá embaixo. Tudo que sei ainda é muito pouco. Quase nada. Diga, não é uma pena que Ele tenha preferido Caim? Não seria preferível para nós que em vez disso Ele tivesse preferido Abel? Mas com certeza Ele teve um motivo. Não existe nada no mundo, uma coisa sequer, que não tenha um motivo, coisa alguma. Nada. Mesmo que seja esta mariposa. Um fio de cabelo na sopa. Seja o que for, qualquer coisa no mundo, sem exceção, não representa somente a

si mesma. Representa sempre a si mesma e mais outra coisa. Representa algo muito grande e terrível. No judaísmo chamam isso de *nistarot* — segredos, mistérios, ocultações. Desses que só os grandes mestres, os *tsadikim*, os que estão no grau de santos e puros, conhecem.

O senhor Leon faz troça: Realmente você está um pouco confuso, Chugui. Mais do que um pouco. Parece que lá estão lhe virando a cabeça, os *machzirei bitshuvá*, esses catequizadores. Isso de você falar sem muita lógica não é novidade. Mas nos últimos tempos, depois que você caiu nas mãos deles, você não só fala sem lógica, você também fala sem nexos. Qual é a relação, você pode me explicar, entre uma mariposa e Caim e Abel? Entre um fio de cabelo na sopa e nossos santos mestres? É melhor você se calar, Chugui. Basta. Silêncio, deixa eu assistir. Os anúncios já acabaram.

Chugui fica pensando um pouco sobre isso. Por fim, culpado, envergonhado, ele reconhece quase sussurrando:

A verdade? Eu mesmo não compreendo. Compreendo cada vez menos. Realmente é melhor me calar.

Iuval Dahan sai para a varanda e sem acender a luz deita-se na rede de sua mãe, ignora o voo dos morcegos que nidificam nas copas dos fícus e o zumbido dos mosquitos, escreve mentalmente uma carta ao escritor sobre o sarau literário que se realizara há algumas horas no Centro Comunitário em Nome de Shunia Shor e dos Mortos da Pedreira. Na carta o rapaz expressará seu repúdio ao árido eruditismo manifestado pelo especialista em literatura em sua palestra, tentará exprimir em algumas frases as muitas sensações que nele desperta a leitura das histórias do escritor e explicará por que ele sente que exatamente o escritor, mais do que qualquer outra alma no mundo, é capaz de compreender seus poemas, alguns dos quais ele ousa anexar à carta na esperança de que talvez o escritor encontre uma meia hora livre para dar uma olhada neles e talvez até mesmo lhe escrever duas ou três linhas.

Por alguns minutos Iuval Dahan mergulha numa detalhada fantasia acerca do escritor: que este escritor também tem os sofrimentos dele, não tão feios quanto os meus, mas com certeza dolorosos. E que isso está escrito nas entrelinhas em todos os livros dele. Talvez ele também, como eu, não esteja conseguindo dormir esta noite? Talvez neste mesmo momento o escritor esteja vagando sozinho pelas ruas, não querendo e não podendo ainda dormir,

indo de rua em rua sozinho, sem objetivo algum e lutando exatamente como eu contra este buraco negro no peito e se perguntando se vale alguma pena, e se não vale nenhuma pena então para quê?

Mais um pouco e talvez as perambulações dele o tragam por acaso direto para cá, exatamente para a rua Reines, ou não por acaso, porque nada no mundo é casual. E justamente eu terei saído para ir à caixa de correio e enviar-lhe esta carta, e nos encontraremos na esquina de Gordon, e ficaremos ambos muito surpresos com esse encontro noturno, e talvez o escritor me proponha que eu o acompanhe um pouco e poderemos conversar no caminho, e assim caminharemos os dois e conversaremos, talvez até a praia e depois à esquerda, na direção de Jaffa, e ele não terá pressa em se despedir de mim, os dois esqueceremos a hora, porque ele talvez de repente descubra em mim algo que o faça se lembrar dele mesmo em sua juventude, e assim continuaremos a caminhar pelas ruas desertas em direção ao bairro de Florentin ou talvez até as redondezas da rua Bialik, e continuaremos a conversar até de manhã sobre os livros dele e também um pouco sobre os poemas que escrevi, e também sobre a vida e a morte e outros assuntos íntimos sobre os quais só com ele eu poderia falar, só com ele e com nenhuma outra pessoa, nem com os pais nem com minha irmã nem com mais ninguém exceto ele, e também sobre os sofrimentos em geral, pois para ele eu poderei contar, porque ele certamente me entenderá, ele vai logo me entender, e antes mesmo que eu acabe de contar ele já terá entendido tudo, e talvez desta noite em diante comece a haver entre nós alguma relação pessoal, talvez eu e ele a partir desta noite comecemos a ser um pouco amigos, ou um pouco como um mestre e seu discípulo, e assim desta noite em diante talvez tudo em minha vida fique um pouco diferente por causa deste encontro que logo talvez aconteça por acaso aqui embaixo, junto à caixa de correio?

Duas ou três semanas depois o escritor responderá brevemente à carta de Iuval Dahan Dotan: Li com interesse e encontrei em seus poemas muita seriedade, originalidade, frescor linguístico, mas antes de tudo você deve refrear os excessos de emotividade e escrever os poemas a partir de um certo afastamento. Escrever como se você, aquele que escreve os poemas, e você, o rapaz sofredor, não fossem a mesma pessoa, mas duas pessoas distintas, e

como se a pessoa que escreve estivesse olhando para o rapaz sofredor com um olhar frio, distante, e também um pouco divertido. Tente talvez escrever, por exemplo, como se houvesse cem anos entre você e ele, isto é, entre a pessoa que está no poema e a pessoa que escreve o poema, entre aquilo que o faz sofrer e o momento em que você escreve.

Aliás, a propósito, você não foi totalmente justo nas duras palavras que escreveu em sua carta sobre o palestrante bar-Orian. Verdade que, pelo visto, ele não é um homem dos mais simpáticos, e sinto muito que no final da noite, quando você se dirigiu a ele, ele o tenha repelido com tanta grosseria, mas decididamente não é correto afirmar sobre ele que “a vida lhe é estranha”: já há muitos anos ele vive sozinho num apartamento térreo na rua Adam Hacoheh, é duas vezes viúvo, professor no seminário dos kibutzim, com certeza você não sabia que Aia, sua filha única, cortou relações com ele quando tinha só dezesseis anos e meio, mudou seu nome para Jocelyn, andou por Nova York durante dois anos, posou nua para fotos em revistas, e depois converteu-se e passou a ser uma judia religiosa praticante, casou-se com um colono de Elon Moré, e agora, nas últimas duas ou três semanas, o senhor bar-Orian está cheio de dúvidas quanto a se deve continuar o boicote ou finalmente dobrar sua consciência e seus princípios e concordar, só esta vez, e de forma alguma como um precedente para o futuro, cruzar a linha verde e entrar nos territórios ocupados para visitar pela primeira vez sua filha colona e segurar em seus braços seu pequeno neto colono.

Ou tome, por exemplo, Ovadia Hazam, o Hazam da empresa Isratex, o homem que ganhou na loteria, emocionou-se, desatinou, emprestou dinheiro sem contabilizar a todos que lhe pediram empréstimo, rodou por toda a cidade num Buick azul, contribuiu para a aquisição de rolos novos da Torá, financiou de seu bolso uma emissora de rádio particular dos catequizadores, esbanjou desenfreadamente seu capital tanto em beneficência quanto com as garotas divorciadas da Rússia, adquiriu terrenos nos territórios ocupados, ingressou entusiasticamente na vida política, mudou de residência seis vezes em dois anos, casou seu primogênito com Lucy, a vice-Rainha da Água, tanto Itzchak Shamir quanto Shimon Peres prestaram-lhe a homenagem de vir ao reluzente casamento, centenas de convidados o beijaram e ele, em seu terno azul de seda com o alvo triângulo do lenço no bolso do paletó, abraçou e

apertou com força contra o peito cada um de seus convidados, homens e mulheres, deputados, corretores de terrenos, artistas, correspondentes de comunidades, abraçou e apertou fortemente cada um, com lágrimas de emoção, gracejou em voz tonitruante, obrigou todo mundo a provar — ao menos provar — mais uma e mais outra das iguarias da festa e de tomar em sua homenagem mais um cálice, e agora ele jaz na escuridão úmida da enfermaria de internação B do hospital Ichilov, sobre um leito suado, entre dois outros moribundos, seus lençóis estão encharcados de urina, um pouco de sangue coagulado gruda-se na abertura das narinas e nos cantos dos lábios, com um sibilo atormentado ele inala com dificuldade algum oxigênio da máscara de oxigênio que lhe cobre a boca e o nariz, seu peito sobe e desce e na penumbra da injeção de morfina ele se lembra-não se lembra de muitas mãos que acariciaram e acariciaram sua cabeça seus ombros e seu peito, de uma mulher que chorou, ou mulheres? E de repente, de olhos fechados ele vê a paisagem das nascentes do rio Jordão: iluminada, banhada de esplendor, envolta em coros de pássaros, um bosque sombroso de eucaliptos a se estender entre dois riachos. As árvores do bosque são poderosas, parecem mais próximas do reino mineral do que do reino vegetal. O lugar é afastado e tranquilo. Exceto pelo canto dos pássaros e lá em cima o rumor do vento que passa de quando em quando num sussurro entre as folhas, aqui o silêncio é grande, total. Uma abelha, invisível, zumbe bem no meio da luz. E dois passarinhos lhe respondem. Pois há algum tempo caiu sobre toda a Galileia uma chuva torrencial acompanhada de trovoadas e ventania. Agora tudo serenou. O ar resplandece, luzidio, todo o espaço que se estende daqui até as encostas das montanhas está impregnado de uma limpidez transparente. Nas águas dos dois riachos há pequenas ondas. Por momentos surge à tona d'água um cacho de espuma, ou a sombra de um cardume de peixes flutua e passa num movimento caricioso e silente por baixo da superfície lisa do rio. A queda das folhas, lenta, contínua, sussurra e sussurra sem parar até o fundo da penumbra que se estende sob a máscara de oxigênio, e de vez em quando há uma espécie de estertor, o ronco de uma garganta sufocada, como o som de um pneu a trepidar numa estrada de brita grossa, um som que penetra agora o sono de Riki, a garçonete, e a faz, em sua sonolência, soltar dois suspiros assustados e repetidas vezes a faz tentar afastar com a mão adormecida uma sombra ruim que se inclina sobre ela e a oprime sobre o lençol no escuro. Astuto, paciente e bonachão foi Berl Katzenelson, que sabia como realizar

uma ação benéfica com discrição, se bem que por métodos um pouco tortuosos: toda a nossa questão é ruim, ridícula, terrível.

Ainda está quente e úmido lá fora e é densa a escuridão. O escritor acende agora um último cigarro e depois de fumá-lo se deita para dormir. Os ruídos das quatro horas da manhã chegam-lhe à janela: o cricrilar dos aspersores na grama; o intermitente clamor de alarme de um carro estacionado no declive da rua que não pôde mais suportar sua solidão noturna; o choro baixinho de um homem do outro lado da parede, no apartamento vizinho; o grito de uma ave noturna próxima que talvez já esteja vendo agora aquilo que ainda se oculta de você e de mim. Diga, será que você já ouviu alguma vez o nome Tsefania Beit-Halachmi? *Rimas da vida e da morte*? Não? É um poeta menor, um poeta de refrões cujas rimas já foram em algum momento muito conhecidas no país mas que com o passar do tempo foram esquecidas. É o poeta que se enganou quanto ao noivo e à noiva, seu par. E veja, agora a ave noturna já parou de gritar. No jornal vespertino que ficou me esperando ao lado de minha cama leio que ontem de madrugada, em Raanana, com noventa e sete anos de idade, o poeta morreu de ataque cardíaco em seu sono. É, de vez em quando vale a pena acender um pouco a luz para se inteirar do que acontece. Amanhã também vai estar quente e úmido. Na verdade, amanhã é hoje.

Notas

1. Tradução livre de jogo de palavras em rima intraduzível do hebraico: a expressão *massá umatan* significa “negociação”, implicando reciprocidade entre o que se oferece e o que se recebe, analogamente à reciprocidade entre *kalá* (“noiva”) e *chatan* (“noivo”).
2. *Norait* é o feminino de *noraí*, “horrível”.
3. A expressão em hebraico *lachzor bitshuvá* (literalmente “voltar com resposta”) refere-se ao processo em que judeus laicos ou religiosamente não muito devotos passam a praticar a religião judaica de acordo com seus preceitos e seus costumes. Aquele que assim procede é um *chozer bitshuvá*.
4. *Mediná*: “o Estado”; forma usual em Israel de referir-se ao “Estado de Israel”, nome oficial do país.
5. *Ti paskudniak*, em russo, corresponde a “Ei, seu moleque”. Grande parte dos primeiros imigrantes judeus para a Palestina no início do século xx e que formaram a comunidade judaica provinha da Rússia.
6. Em russo, “menina bonita”.
7. Refere-se aos conflitos entre israelenses e palestinos em Hebron quanto ao controle do túmulo de Abraão, patriarca comum de judeus e árabes, e em Ramat Rachel por causa do túmulo de Raquel, matriarca hebreia. A palavra hebraica *avot*, do cartaz no original, pode significar “pais” e também “patriarcas”.

Os personagens

O ESCRITOR:

RIKI: garçom. Uma vez já esteve apaixonada por Charlie, o goleiro reserva do time do Bnei Iehudá, que nos momentos de carinho a chamava de Gogog.

CHARLIE: o goleiro reserva do time do Bnei Iehudá. Divertiu-se muito em Eilat com Riki e também com Lucy. Atualmente é dono de uma empresa que fabrica aquecedores solares em Holon e exporta até para Chipre.

LUCY: vice-Rainha da Água. Ela também se divertiu em Eilat com o mesmo Charlie. Por fim, casou-se numa cerimônia esplendorosa com o filho de Ovadia Hazam, da empresa Isratex.

SENHOR LEON: um capanga de facínoras. Agressivo e grosso.

SHLOMÓ CHUGUI: o escudeiro do senhor Leon. Entende cada vez menos.

OVADIA HAZAM: trabalhou na firma Isratex. Era dono de um automóvel Buick azul. Nele levava pelas ruas da cidade algumas amigas chegadas, imigrantes da Rússia. Agora tem câncer, está hospitalizado e não lhe vêm trocar a bolsa de urina que ficou cheia.

O FILHO DE OVADIA HAZAM: casou-se com Lucy, a vice-Rainha da Água. Itzhak Shamir e Shimon Peres vieram ao casamento.

SHUNIA SHOR E OS SETE MORTOS DA PEDREIRA: Shunia Shor foi um mecânico, ideólogo e compositor popular. No ano de 5697 do calendário judaico [1937] foi assassinado, com sete trabalhadores da pedreira de Tel Chazon, por jovens árabes que haviam decidido expulsar os judeus do país. A casa-do-povo que se transformou num centro comunitário no qual o escritor se encontrou com seu público de leitores recebeu o nome de Shunia Shor e os demais mortos da pedreira.

IERUCHAM SHDEMATI: *tarbutnik*. Diretor do Centro Comunitário em Nome de Shunia Shor e dos Sete Mortos da Pedreira. Costuma lambear o verso dos selos de correio com toda a largura de sua língua. Um homem muito doentio.

R'ALTER DRUIANOV: autor do *Livro da anedota e do chiste*.

RUCHALE REZNIK: leitora artística. Coleciona caixas de fósforos de hotéis internacionais famosos.

IAKIR BAR-ORIAN (Z'ITOMIRSKY): especialista em literatura. Viúvo. Sua filha única casou-se com um colono famoso do assentamento de Elon Moré.

TSEFANIA BEIT-HALACHMI: poeta. Seu nome verdadeiro, pelo que sei, é Avraham (Bumek) Schuldenfrei. Autor de *Rimas da vida e da morte*. Errou numa certa questão.

BERL KATZENELSON: no retrato pendurado na parede parece astuto e bonachão.

MIRIAM NAHORAIT: amante da cultura. Cozinha compotas de frutas espessas. Pelas costas dela, as crianças no pátio do conjunto habitacional chamam-na de Miriam Norait.

IECHIEL NAHORAI: marido de Miriam Nahorait. Foi atropelado há nove anos quando estava em missão sionista em Montevidéu.

IUVAL DAHAN DOTAN: poeta muito moço. Infeliz.

DR. PESSACH IKHAT: veterano educador ou vice-diretor que vê como muito graves as tendências da literatura atual.

JOSELITO: o gato de Ruchale Reznik. Ciumento. Sabe ver as horas no relógio. E suscita nela sentimentos de culpa.

O TIO OSSIA: afinador de pianos. Caiador. Certa vez, há muitos anos, esqueceu o escritor (então ainda menino) na farmácia Irmãos Pogrovinsky. Há quem diga que também escondeu durante um ou dois anos em seu porão na rua Brenner a sobrinha de Lev Trotsky.

DEPUTADO SHMUEL MIKUNIS (do Partido Comunista Israelense): uma vez o tio Ossia lhe bateu, mas depois, quando os dois adoeceram no mesmo ano e da mesma doença, tornaram-se amigos e até cuidaram um do outro.

MADAME POGROVINSKAYA (da farmácia Irmãos Pogrovinsky): arrastou o escritor, que então ainda era um menino, para um cubículo nos fundos, escuro, onde lhe mostrou algo e também lhe explicou aos sussurros.

UMA MULHER BAIXA E DE ÓCULOS NUM TERNINHO DE LISTRAS VERDE E BRANCO: mãe de Saguiv, que nunca vira de perto um escritor em carne e osso, e por isso lhe é muito importante que Saguiv veja o escritor de perto. Uma vez ela falou numa mercearia com a senhora Lea Goldberg.

SAGUIV: tem quase nove anos. Calado. Não tem a menor vontade de ver um escritor, só quer se livrar e fugir, mas sua mãe o tempo todo o segura fortemente pelo braço, um pouco acima do cotovelo.

LIZAVETA KUNITSIN: vizinha. Oculista. Espiou por acaso e viu.

LIZAVETA SHUMINER: mãe de Ierucham Shdemati. Morreu em Cracóvia há sessenta e seis anos. Sonhava em ser uma cantora laureada. Seu filho de setenta e dois anos ainda sonha às vezes com ela.

AIA (JOCELYN): filha de Iakir bar-Orian. Uma vez deixou-se fotografar nua em Nova York e agora está casada com um colono famoso no assentamento de Elon Moré.

BEBÊ: filho do colono e de Aia, neto de Iakir bar-Orian.

ARNOLD BARTOK: pequeno negociante, de óculos e anguloso. Foi expulso de uma secretaria de partido e depois foi despedido de seu emprego de meio expediente como classificador de pacotes numa firma particular de entregas. Interessa-se pela vida eterna. Pelo visto só veio ao debate literário para zombar do escritor.

OFÉLIA: mãe inválida de Arnold Bartok. Tem oitenta e seis anos. Paralítica das pernas. Depende de um urinol. Dorme sobre um único colchão com seu filho de sessenta anos e teima em chamá-lo de Arale, com a intenção de irritá-lo, apesar de seu nome ser Arnold e não Arale e de ele já lhe ter dito isso mil vezes.

VIGIA NOTURNO BAIXO: de pé a urinar.

FOTÓGRAFO DO TEMPO DA FOTOGRAFIA SÉPIA: arruma todos em seus lugares e diz quando sorrir e quando por favor não se mexer.

O GATO DE MIRIAM NAHORAIT: não obedeceu ao fotógrafo, mexeu-se na hora da foto e por isso saiu com três ou quatro rabos.

OS DOIS FILHOS CASADOS DE MIRIAM NAHORAIT: ginecologistas em Nova York, um deles casado com a filha de Lizaveta Kunitsin.

A NETA DO IRMÃO DE IERUCHAM SHDEMATI: tem catorze anos e meio e ainda lhe fazem charadas de bebês.

O IRMÃO MÉDICO DE IERUCHAM SHDEMATI: revelou a Ierucham Shdemati que ele já não tinha muitas probabilidades de se curar de sua doença sanguínea.

A MULHER DO SENHOR LEON E A MULHER DE SHLOMÓ CHUGUI: as duas eles mandaram para a cozinha porque o filme na televisão não era para elas.

Glossário e notas ao texto

ACHDUT HAAVODÁ POALEI TSION — União do Trabalho / Obreiros de Sion, partido de centro-esquerda já desaparecido, formado pela união de dois outros: Achdut Haavodá e Poalei Tsion.

ALIÁ — Literalmente “subida”, o termo designa a imigração de judeus para a Palestina e depois para Israel, geralmente organizada e realizada pelo movimento sionista.

BATEI HAVRAÁ — Espécie de spas, geralmente mantidos por empresas, instituições etc. para repouso, convalescença e recuperação de seus membros e funcionários.

BIALIK, Haim Nachman — Escritor hebraico.

BIUR CHAMÊTS — “Queima do ázimo”, atividade caseira que antecede o *Pêssach*, a Páscoa judaica, e que consiste em procurar pela casa e queimar todo resíduo de alimentos não permitidos durante os oito dias dessa festividade. Nome da coluna de jornal em que escrevia o personagem Beit-Halachmi.

BRENNER, Iossef Haim — Escritor hebraico.

CHALUTIZM — Imigrantes-obreiros de ideologia sionista que vieram no fim do século XIX e inícios do século XX para Erets Israel (a Palestina), fundaram colônias coletivas, construíram estradas, drenaram pântanos, cultivaram a terra, criando as bases da coletividade judaica, do lar nacional e do futuro Estado de Israel.

DAVAR — Jornal da *Histadrut*, o Sindicato Geral de Trabalhadores.

DVAR HASHAVUA — Suplemento semanal do *Davar*.

ELON MORÉ — Um dos assentamentos criados por judeus israelenses religiosos praticantes em territórios ocupados na Cisjordânia.

EMEK CHEFER — Vale de Chefer. Região no centro-norte de Israel onde há muitos estabelecimentos de tipo cooperativo, como *moshav*, ou *kibutz*.

ERETS ISRAEL — Terra de Israel. Nome pelo qual os judeus sionistas chamavam a Palestina antes da fundação do Estado de Israel.

GRINBERG, Uri-Tzvi — Escritor hebraico.

HISTADRUT — O Sindicato Geral dos Trabalhadores, de grande influência econômica, social e política na época.

IESHIVÁ — Academia rabínica, onde se estuda a religião judaica e se formam rabinos.

IZHAR, Smilansky — Escritor hebraico.

KATZENELSON, BERL — Líder trabalhista e sindical da comunidade judaica na Palestina no início do século XX, fundou a *Histadrut* (Sindicato Geral dos Trabalhadores) e foi editor

de seu jornal diário, *Davar*.

KIBUTZNIK — Membro de *kibutz*, aldeia coletivista típica de Israel.

KUPAT CHOLIM — Organização de assistência médica e seguro-saúde mantida pela *Histadrut*.

MITSVOT — 613 preceitos estabelecidos na Torá para serem cumpridos por todos os judeus religiosos praticantes.

MOHEL — Indivíduo que faz a circuncisão segundo o ritual judaico.

PERES, Shimon — Ex-primeiro-ministro de Israel, do Avodá, o partido trabalhista.

SHAMIR, Itzhak — Ex-primeiro-ministro de Israel, do Likud, o partido da direita.

TAANIT — Um dos 62 tratados da *Mishná* (compilação da lei oral judaica, c. 200 d.C.), e que trata de jejuns.

TARBUTNIK — Palavra intraduzível, derivada de *tarbut*, “cultura”, designa com alguma ironia “ativista cultural”, profissional ou voluntário que se dedica a atividades culturais ou as organiza.

TSADIKIM — Literalmente “justos”, refere-se aos grandes mestres do judaísmo, que em sua conduta ética e em sua interpretação da lei judaica servem de exemplo de justiça, santidade e pureza.



BEL PEDROSA

Amós Oz, nascido em Jerusalém em 1939, é o mais importante escritor israelense da atualidade. Escreveu romances, ensaios e livros de crítica, traduzidos para cerca de trinta idiomas. Milita em favor da paz entre árabes e israelenses e leciona literatura na Universidade Ben-Gurion. Dele, a Companhia das Letras publicou *Meu Michel*; *De amor e trevas*; *A caixa-preta*; *Pantera no porão* e *De repente nas profundezas do bosque*.

Copyright © 2007 by Amós Oz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Charuzêi hachaím vehamávet
Rhyming life and death

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

© David Hurn/Magnum Photos

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Ana Luiza Couto
Veridiana Maenaka

ISBN 978-85-438-0811-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Rimas da vida e da morte

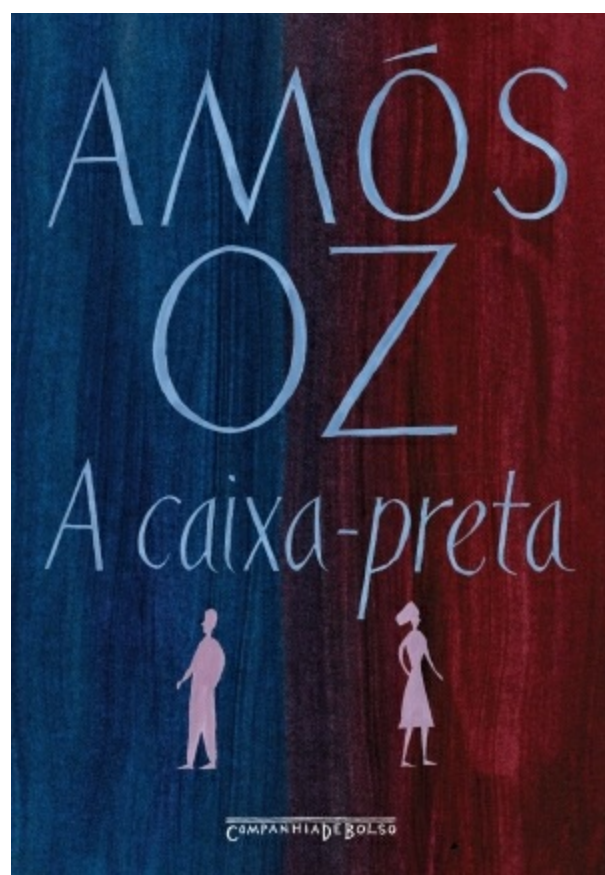
Notas

Os personagens

Glossário e notas ao texto

Sobre o autor

Créditos



A caixa-preta

Oz, Amós

9788543808130

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Que segredos pode conter a caixa preta de um avião que caiu? Revelações sobre as razões da queda, gritos de horror, pânico, tentativas desesperadas de salvação: vestígios da catástrofe. O romance do israelense Amós Oz tem tudo isso, mas a caixa preta a que se refere o título não pertence a um avião, e sim a uma relação amorosa desfeita. Anos depois do divórcio escandaloso, a esposa rejeitada Ilana emerge das cinzas do tempo, da distância e do rancor para passar a limpo seu casamento com Alex Guideon, professor e escritor mundialmente famoso. Com dinheiro, Alex tenta silenciar o passado que sangra. Mas as coisas mudaram. Entre ele e a ex-mulher, agora há também Boaz, filho dos dois, explodindo de juventude e violência, e Michel Sommo, o novo marido de Ilana, burocrata medíocre e fanático religioso. Todas essas vozes, com suas melodias diversas, matizadas às vezes pelos tons mais sombrios da sexualidade (ninfomania, sadomasoquismo, voyeurismo), são brilhantemente orquestradas pelo autor, que aqui se vale da clássica forma do romance epistolar. As várias primeiras pessoas revelam-se por si mesmas, em secos telegramas, bilhetes mal escritos ou longas cartas. Ao mesmo tempo, por trás de paixões pessoais tão intensas que beiram a loucura, desenha-se com precisão o complexo panorama social, religioso e político da vida em Israel nos últimos anos. Fortemente erótico, mas também engraçado e

poético, A caixa preta só revela aos poucos sua sabedoria mais funda e amarga: somente a proximidade da morte e a consciência da finitude do corpo podem apaziguar as paixões. Aquilo que parecia apenas uma enlameada rede de intrigas, por meio da solidariedade que lentamente une essas personagens desgraçadas, reveste o livro de uma terrível dignidade. Além de ser inesquecível, este romance conquista algo raro - grandeza humana.

[Compre agora e leia](#)



A VIDA
INVISÍVEL
DE EURÍDICE
GUSMÃO

MARTHA
BATALHA

A vida invisível de Eurídice Gusmão

Batalha, Martha

9788543805658

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Feito raro para um romance de estreia, este livro é festejado internacionalmente antes de chegar às livrarias brasileiras, com os direitos já vendidos para mais de dez editoras estrangeiras. Rio de Janeiro, anos 1940. Guida Gusmão desaparece da casa dos pais sem deixar notícias, enquanto sua irmã Eurídice se torna uma dona de casa exemplar. Mas nenhuma das duas parece feliz em suas escolhas. A trajetória das irmãs Gusmão em muito se assemelha com a de inúmeras mulheres nascidas no Rio de Janeiro no começo do século XX e criadas apenas para serem boas esposas. São as nossas mães, avós e bisavós, invisíveis em maior ou menor grau, que não puderam protagonizar a própria vida, mas que agora são as personagens principais do primeiro romance de Martha Batalha. Enquanto acompanhamos as desventuras de Guida e Eurídice, somos apresentados a uma gama de figuras fascinantes: Zélia, a vizinha fofoqueira, e seu pai Álvaro, às voltas com o mau-olhado de um poderoso feiticeiro; Filomena, ex-prostituta que cuida de crianças; Luiz, um dos primeiros milionários da República; e o solteirão Antônio, dono da papelaria da esquina e apaixonado por Eurídice. Essas múltiplas narrativas envolvem o leitor desde a primeira página, com ritmo e estrutura sólidos. Capaz de falar de temas como violência, marginalização e injustiça com humor, perspicácia e ironia, Martha Batalha é

acima de tudo uma excelente contadora de histórias. Uma promessa da nova literatura brasileira que tem como principal compromisso o prazer da leitura.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

LOUISA MAY ALCOTT

Mulherzinhas

Mulherzinhas

Alcott, Louisa May

9788554516208

592 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição da Penguin-Companhia traz as aventuras das quatro irmãs March com prefácios de Patti Smith e Elaine Showalter. Mulherzinhas é considerado um dos livros mais influentes de todos os tempos. Ultrapassando a barreira das idades, esse romance é lido com a mesma paixão por adultos e jovens. A história das irmãs March se tornou um clássico feminista que reflete sobre a tensão entre obrigação social e liberdade pessoal e artística para as mulheres. Cada leitor terá sua irmã favorita: a independente Jo, a delicada Beth, a bela Meg ou a artista Amy. Essas quatro mulheres e sua mãe, Marmee, enfrentam com diligência e honra as privações da Guerra Civil americana, e se tornaram um sucesso instantâneo já em 1868. "Muitos livros maravilhosos me fascinaram, mas, com Mulherzinhas, algo extraordinário aconteceu. Eu me reconheci, como num espelho, naquela menina comprida e teimosa que disputava corridas, rasgava as saias subindo nas árvores, falava gírias e denunciava as afetações sociais. Uma menina que podia ser encontrada encostada num enorme carvalho com um livro, ou em sua escrivaninha no sótão, debruçada sobre um manuscrito. Ela era Josephine March. [...] Uma menina americana do século XIX que teimava em ser moderna. Uma menina que escrevia. Como incontáveis meninas antes de mim, vi como modelo uma que não era como as outras, que possuía alma revolucionária, mas também

noção de responsabilidade. Sua dedicação à sua arte me deu meu primeiro vislumbre do processo do escritor e fui tomada pelo desejo de abraçar essa vocação. Os passos em falso que ela dava, dos cômicos aos ousados, eram invejáveis, e me concediam permissão para dar os meus." — Patti Smith

[Compre agora e leia](#)

CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE

.....
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS


COMPANHIA DAS LETRAS



Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

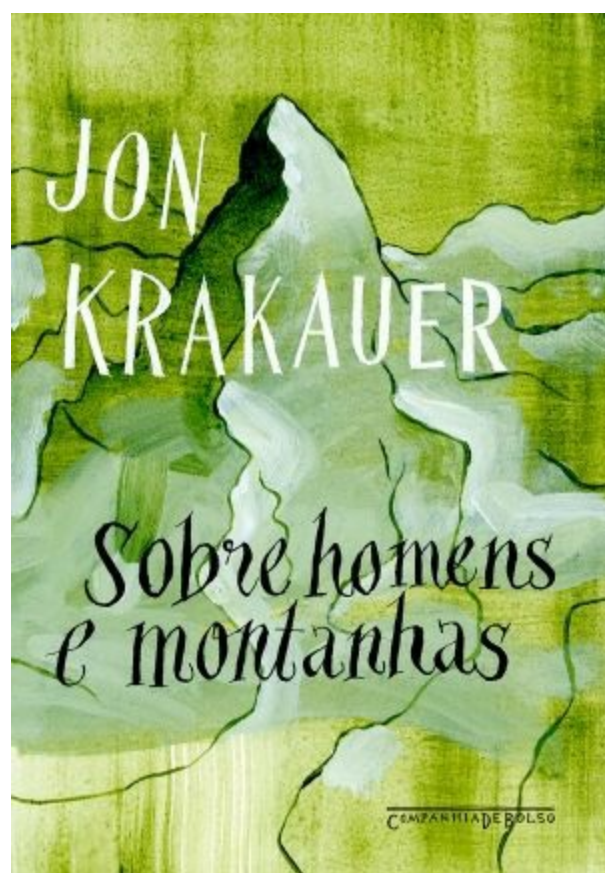
24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'. Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o

que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)



JON
KRAKAUER

Sobre homens
e montanhas

COMPANHIA DE BOLSO

Sobre homens e montanhas

Krakauer, Jon

9788554516154

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em doze artigos, Jon Krakauer tenta compreender por que homens e mulheres se aventuram por paredes de rocha e gelo como se procurassem voluntariamente a morte. Você sabia que é possível escalar cachoeiras? Sabia que o monte McKinley, no Alasca, o maior dos Estados Unidos, possui um dos ambientes mais inóspitos do planeta e que mesmo assim cerca de trezentas pessoas o escalam a cada ano? Você sabe qual é a segunda maior montanha do mundo? E sabe que ela é bem mais difícil de ser escalada do que o Everest? Por que tantas pessoas arriscam a vida nas paredes de gelo e rocha? Nesta coletânea de artigos e reportagens sobre aventuras vividas ao redor do mundo, do Himalaia ao Alasca, Jon Krakauer, autor de *No ar rarefeito* e *Na natureza selvagem*, mostra homens e mulheres que enfrentam paredes de gelo e rocha por todo o planeta, revela o que eles fazem, como sobrevivem e o que os motiva.

[Compre agora e leia](#)